

ANA FABÍOLA CAMARGO FANTON RODRIGUES

**A GRAÇA DE DEUS EM SUAS MÃOS: ANÁLISE DOS ELEMENTOS
ARGUMENTATIVOS E PROSÓDICOS NO DISCURSO RELIGIOSO
NEOPENTECOSTAL DE R. R. SOARES**

**Dissertação apresentada à Universidade de
Franca, como exigência parcial para a obtenção
do título de Mestre em Linguística.**

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Flávia Figueiredo

**FRANCA
2009**

CATALOGAÇÃO

ANA FABÍOLA CAMARGO FANTON RODRIGUES

A GRAÇA DE DEUS EM SUAS MÃOS:
ANÁLISE DOS ELEMENTOS ARGUMENTATIVOS E PROSÓDICOS NO
DISCURSO RELIGIOSO NEOPENTECOSTAL DE R. R. SOARES

Presidente: _____
Prof.^a Dr.^a Maria Flávia Figueiredo
Universidade de Franca

Titular 1: _____
Prof.^a Dr.^a Fernanda Mussalim
Universidade Federal de Uberlândia

Titular 2: _____
Prof.^a Dr.^a Ana Cristina Carmelino
Universidade de Franca

Franca, 28 de agosto de 2009.

DEDICO a Deus, pela vida e pelo prazer de vivê-la.
À minha família, pelo amor sem medida, compreensão e ajuda.

AGRADEÇO a Deus, pela vida, pela família que me deu, pelas oportunidades e pelas pessoas que colocou em meu caminho;

à minha orientadora Prof.^a Dr.^a Maria Flávia Figueiredo, cuja colaboração, compreensão e amizade foram imprescindíveis;

à minha família, meu pai Valdomiro e minha mãe Maria José, minha irmã Taísa e meu cunhado Pessotto;

ao meu querido esposo José Antonio pelo apoio e companheirismo;

à minha querida tia Teresa, que sempre torce por mim e principalmente por ser minha fã;

à Marcelinha, companheira de todas as horas;

aos professores do Programa de Mestrado em Linguística da Unifran, pela oportunidade de aprender tanto;

à secretaria da Pós Graduação, especialmente Ana Maria e Ana Luíza, pelo carinho e ajuda prestada;

ao profissionalismo e carinho da Supervisora da D.E de Jaú Maria Elisa Roscani;

aos colegas Kleber, Chico e Rodrigo, pela colaboração, amizade e principalmente incentivo;

aos meus colegas de classe, Débora, Regiane, Kátia e especialmente Rosana, com quem aprendi que intelectualidade rima com generosidade;

à Secretaria do Estado da Educação de São Paulo que, por meio do projeto Bolsa Mestrado, propiciou a realização deste sonho.

RESUMO

RODRIGUES, A. F. C. F. A graça de Deus em suas mãos: análise dos elementos argumentativos e prosódicos no discurso religioso neopentecostal de R. R. Soares 2009.123f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Franca, Unifran.

Este trabalho tem por objetivo analisar os elementos prosódicos e argumentativos que influenciam na constituição da persuasão na pregação religiosa da Igreja Internacional da Graça de Deus. Nossa proposta central é fazer uma análise linguística da pregação “As Palavras” proferidas pelo missionário R. R. Soares e veiculada pela Rede Bandeirantes de televisão e Rede TV, em horário nobre. Os objetivos gerais deste trabalho são os de mensurar se os recursos argumentativos e prosódicos se manifestam com a mesma influência dentro da pregação, ou se existe algum deles que se sobressai, influenciando mais diretamente o público ouvinte. A hipótese central deste trabalho fundamenta-se em questionar a corroboração da prosódia na argumentação. Para alcançar o objetivo, colocou-se como meta analisar o *corpus* a partir de uma contextualização sócio-histórica, mostrando alguns aspectos socioculturais do fenômeno religioso neopentecostal na sociedade atual brasileira, bem como a Teologia da Prosperidade, inserida nesse discurso. Em seguida, efetuamos uma análise dos recursos da argumentação e as dimensões de sua intervenção na pregação religiosa; depois destacamos a Prosódia e sua influência dentro da pregação em questão; por fim, elaboramos um capítulo de análise para verificar a maneira como esses aspectos se mostram no *corpus*. Concluímos que, no discurso em estudo – “Pregação Religiosa” –, a prosódia corrobora a argumentação. Articulada concomitantemente aos recursos argumentativos, a prosódia exerce influência, colabora para a constituição do sentido no texto e contribui para a efetivação da persuasão.

Palavras-chave: Discurso Religioso; Argumentação; Prosódia; Teologia da Prosperidade; Neopentecostalismo.

ABSTRACT

RODRIGUES, A.F.C.F. A graça de Deus em suas mãos: Análise dos elementos argumentativos e prosódicos no discurso religioso neopentecostal de R. R. Soares. 2009. 123f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Franca, Unifran.

This dissertation aims at analyzing the prosodic and argumentative elements that influence the constitution of persuasion in the religious preach of the church *Igreja Internacional da Graça de Deus*. Our main proposal is to provide a linguistic analysis of the sermon “The Words” conducted by the missionary R.R. Soares and broadcast both on *Bandeirantes* and *Rede TV* television networks at prime time. It is possible to state that the general objectives are the ones of measuring if the argumentative and prosodic resources are shown with the same influence within the sermon, or if there is any of them that protrudes so that the general audience is more easily influenced. The central hypothesis of this work is based on questioning the corroboration of prosody in argumentation. In order to fulfill it, we aimed at analyzing the *corpus* through a social historical contextualization, by showing some social cultural aspects of the *neopentecostal* religious phenomenon in the current Brazilian society, as well as the Theology of Prosperity inserted in this discourse. Next, we presented an analysis of the argumentation resources and the dimensions of their intervention in the religious preach and also the influence of Prosody. Finally, there is an analytical chapter which verified the way all these elements are shown in the *corpus*. We have concluded that, in the discourse studied – “Religious Preach” –, prosody corroborates argumentation. Performed in association with the argumentative resources, prosody influences and benefits the constitution of the meaning in the text and also contributes to the effectiveness of persuasion.

Key words: Religious Discourse; Argumentation; Prosody; Theology of Prosperity; Neopentecostalism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 HISTÓRICO DO PENTECOSTALISMO BRASILEIRO	13
1.1 FUNDAMENTOS DO PENTECOSTALISMO	14
1.2 CARACTERIZAÇÃO DAS TRÊS ONDAS DO PENTECOSTALISMO BRASILEIRO	15
1.3 O NEOPENTECOSTALISMO	16
1.3.1 O ETHOS, AS CRENÇAS E A ESTRUTURA DO MOVIMENTO NEOPENTECOSTAL	18
1.3.2 A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE	20
1.3.2.1 O INÍCIO DE TUDO.....	22
1.3.2.2 A AUTORIDADE ESPIRITUAL.....	24
1.3.2.3 AS BÊNÇÃOS E AS MALDIÇÕES DA LEI.....	25
1.3.2.4 A CONFISSÃO POSITIVA	27
1.4 A IGREJA INTERNACIONAL DA GRAÇA DE DEUS	30
1.5 O PROGRAMA “SHOW DA FÉ”	34
1.6 A TRAJETÓRIA DE R.R. SOARES.....	36
2 CARACTERIZAÇÃO DO GÊNERO PREGAÇÃO	42
3 ARGUMENTAÇÃO, RETÓRICA E PROSÓDIA	51
3.1 DA RETÓRICA ANTIGA À NOVA RETÓRICA.....	51
3.1.1 ARGUMENTAÇÃO.....	53
3.1.2 <i>ETHOS, PATHOS E LOGOS</i>	58
3.1.3 GERENCIANDO RELAÇÕES.	60
3.1.4 CONVENCENDO AS PESSOAS	63
3.1.4.1 Introdução	64
3.1.4.2 Narração.....	65
3.1.4.2.1 <i>Técnicas argumentativas</i>	66
3.1.4.2.2 <i>Argumentos quase lógicos</i>	66
3.1.4.2.3 <i>Argumentos fundamentados na estrutura do real</i>	67
3.1.4.2.4 <i>Recursos de presença</i>	68
3.1.4.3 Peroração.....	69

3.1.5 DISCURSOS DIVERSOS.....	69
3.1.6 A PERSUASÃO ESTÁ SEMPRE PRESENTE?	72
3.2 RECURSOS PROSÓDICOS.....	74
3.2.1 O QUE É PROSÓDIA?.....	75
4 ANÁLISE DA INTERAÇÃO DOS ASPECTOS PROSÓDICOS E ARGUMENTATIVOS	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS.....	102
ANEXO I – Normas de transcrição do Projeto NURC/SP	106
ANEXO II – Transcrição da Pregação	107

INTRODUÇÃO

Estudar os fenômenos religiosos é algo desafiante porque a cada dia surgem novos movimentos que conseguem agregar uma quantidade significativa de adeptos, tornando-se importante saber as origens de tais atividades e porque se destacam. O movimento neopentecostal é, na atualidade, o fenômeno que mais se desenvolve no Brasil. Nas três últimas décadas esse fenômeno tem impressionado estudiosos com seu rápido crescimento, o que nos leva a considerar como a linguagem tem contribuído para esta expansão.

Este trabalho visa analisar os elementos argumentativos e prosódicos que influenciam na constituição da persuasão na pregação religiosa da Igreja Internacional da Graça de Deus, igreja evangélica brasileira da atualidade. Para realizá-lo escolhemos uma pregação: “As Palavras” (SOARES, 2007, 60 min).

A escolha deste tema foi motivada pelo espantoso crescimento do movimento neopentecostal no Brasil, o discurso da Teologia da Prosperidade e a instauração deste tipo de discurso no interior da maioria das pregações neopentecostais.

Além disso, chamou-nos atenção por desvendar o motivo que leva milhares de pessoas não só a procurarem estas instituições evangélicas, mas a permanecerem dentro delas. Outro aspecto que podemos destacar é a mudança que tais pregações visam promover nestas pessoas. Justificamos ainda nossa pesquisa pelo fato de que as igrejas evangélicas sempre se preocupam com a formação e a organização de seus sermões e, no movimento neopentecostal, esta preocupação não é diferente. Sendo a Igreja Internacional da Graça de Deus uma instituição evangélica, motiva-nos a verificar sua produção sermonária e contribuir para pesquisas deste gênero. Por todos esses motivos, julgamos importante delinear o alcance argumentativo destes textos.

Além disso, sendo nosso *corpus* de análise um texto oral “pregação”, encontramos na Retórica a justificativa do ponto de vista teórico para análise de um texto falado.

Embora, segundo Tringali (1993), possamos admitir que, “todo discurso é um discurso retórico” sabemos que o texto oral, em nosso caso uma pregação, é um modelo de discurso retórico por excelência, uma vez que a retórica-mãe tem suas fontes primordiais na oralidade. Segundo Aristóteles (2007, p. 33), a arte retórica corresponde “à faculdade de ver teoricamente o que, em cada caso, pode ser capaz de gerar persuasão”. A persuasão era pensada em uma situação de fala em público, onde o orador pronuncia o texto diante de um auditório. Além de abordar a pregação a partir de sua argumentação, vamos também investigar os aspectos prosódicos como instrumento de persuasão.

Nesta pesquisa, então, elegemos o seguinte modelo de análise: a argumentação corroborada pela prosódia na pregação evangélica neopentecostal.

Para tanto buscamos justificativas em outros trabalhos desenvolvidos até agora sobre o tema.

Especificamente encontramos, ao realizar uma revisão da literatura, duas teses de doutorado que abordam nosso tema.

Uma delas, a de Marcelo Silveira (2007) da USP de São Paulo, analisa o discurso da Teologia da Prosperidade em Igrejas Evangélicas Pentecostais – Estudo da Retórica e da Argumentação no culto religioso e utiliza nosso pressuposto teórico da Nova Retórica de Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005) para destacar as técnicas argumentativas e analisar os tipos de argumentos construídos nesses livros. A outra tese de doutorado mencionada é de Karla Regina Macena Pereira Patriota da Universidade Federal de Pernambuco (2008) que examina a Igreja Internacional da Graça de Deus na esfera midiática. A referida pesquisadora promove um interessante estudo sobre a religiosidade espetacular presente na Igreja Internacional da Graça de Deus, e nos referenciais oferecidos pelos sociólogos da religião. Encontramos também dissertação de mestrado de Daniela Daros Correia da PUC de São Paulo (2006), que pesquisa marcas linguísticas e mecanismos argumentativos no discurso religioso neopentecostal, e finalmente a dissertação de mestrado de Eliete Sampaio Farneda da USP de São Paulo (2007), que trata do Debate Televisivo: e faz um estudo das Estratégias Argumentativas no Discurso Feminino e destaca o argumento de autoridade como estratégia argumentativa na construção discursiva.

Por tudo até aqui exposto, o objetivo principal de nossa pesquisa é promover um estudo sobre os aspectos argumentativos e prosódicos e verificar qual

a influência destes elementos na constituição da persuasão na pregação de R.R Soares. Para tanto, é preciso delinear alguns objetivos específicos tais como: caracterizar seu tema “*pregação*”, levantar e classificar as técnicas argumentativas, bem como os elementos prosódicos mais relevantes presentes na fala do pregador.

A metodologia deste trabalho procedeu-se da seguinte maneira: para a análise dos elementos argumentativos e prosódicos realizamos uma pesquisa dedutivo-bibliográfica e tratamos dos dados qualitativamente. A coleta de dados foi feita a partir da audição da pregação e de sua transcrição. A análise dos dados auditivos contou com o apoio do software *Sound Forge 8.0* para a verificação dos marcadores prosódicos.

Quanto ao referencial teórico, buscamos respaldo nos trabalhos dos autores Perelman e Olbrechts-Tyteca (1997), Reboul (2000) e Tringali (1998) em se tratando da argumentação e, para Prosódica, amparamo-nos nos trabalhos do Bollela (2006) e Cagliari (1992).

Serão quatro os capítulos que compõem a exposição de nosso trabalho.

O primeiro capítulo trará o histórico do Pentecostalismo, o movimento neopentecostal, a Teologia da Prosperidade, e informações sobre a Igreja Internacional da Graça de Deus e o perfil do produtor de seu discurso R. R. Soares.

O segundo capítulo traz a caracterização do gênero pregação.

No terceiro capítulo será delineado o arcabouço teórico que fornece o suporte para o desenvolvimento de nossa análise.

No capítulo final teremos a análise do *corpus* norteada principalmente pela teoria da argumentação. Esse capítulo trará a análise argumentativa corroborada pela prosódia como instrumento de persuasão.

Para a análise prosódica, selecionamos os elementos prosódicos da variação da duração: a duração, a pausa e a velocidade da fala; e o volume, que é elemento prosódico da intensidade sonora.

A pesquisa quer contribuir para maior entendimento do discurso religioso “pregação” e, apesar da existência de muitos trabalhos sobre o discurso religioso, notou-se que ainda há poucos estudos voltados para a relação entre argumentação e prosódica dentro do texto religioso neopentecostal. Sendo assim, um dos trabalhos analisados é de Ediléia Montes Lopes Rodrigues, que foi de extrema importância para nossa pesquisa e que trata dos aspectos argumentativos e

prosódicos no discurso religioso. Sendo assim esta pesquisa possibilitará um olhar mais profundo sobre o assunto e fornecerá dados e análises para estudos futuros.

1 HISTÓRICO DO PENTECOSTALISMO BRASILEIRO

Segundo CORTEN (1996), o pentecostalismo é um movimento religioso, de origem protestante, surgido nos Estados Unidos nos primórdios do século XX, por influência do metodismo wesleyano – cuja doutrina postulava o arrependimento, a salvação pela fé em Cristo, a santificação e a experiência com o Espírito Santo – e do movimento de santidade, chamado *holiness*, o qual defendia a busca imediata do “batismo no Espírito Santo”. O nome, originado do termo *pentecostes*, justifica-se pelo fato de, em reuniões de evangélicos americanos, ocorrer a manifestação de línguas estranhas, imediatamente entendida como revelação do Espírito Santo. Essas pessoas e seus seguidores passaram, então, a acreditar que os dons do Espírito Santo, recebidos pelos apóstolos e pela igreja primitiva, continuam ao alcance dos cristãos na atualidade.

As dádivas do Espírito Santo, proclamadas pelos primeiros pentecostais, eram tantas que, em pouco tempo, o pentecostalismo atingiu a Europa e a América Latina, onde, principalmente no Brasil, encontrou um bom campo de propagação. O pentecostalismo teve início no Brasil com a chegada das igrejas Congregação Cristã, em 1910, e Assembléia de Deus, em 1911, as quais reinaram absolutas durante quatro décadas. Porém, na década de 50, com a expansão do pentecostalismo e com a chegada da Cruzada Nacional da Evangelização, a qual pregava a mensagem da cura divina, surgiram as Igrejas Quadrangular, em 1951, Brasil para Cristo, em 1955, e Deus é Amor, em 1962. Em 1960, ao romper com a Assembléia de Deus, instaurando “um pentecostalismo menos legalista e com um estilo calcado na incipiente renovação carismática norte-americana” (FRESTON, 1994), o missionário canadense Robert McAlister fundou a igreja Nova Vida, da qual ramificaram-se as igrejas Universal do Reino de Deus (1977) e Internacional da Graça de Deus (1980), ambas trazendo grandes inovações ao pentecostalismo tradicional. Esses três momentos do pentecostalismo no Brasil compreendem o que FRESTON (1994) denomina “ondas do pentecostalismo brasileiro”.

1.1 FUNDAMENTOS DO PENTECOSTALISMO

O movimento pentecostal prega a manifestação contemporânea dos dons do Espírito Santo. Para o pentecostalismo, só haverá salvação para aquele sujeito que aderir exclusivamente à igreja, aceitando Jesus como salvador e batizando-se na água e no Espírito Santo. É importante frisar-se que o batismo na água significa a adesão do indivíduo à comunidade dos crentes, enquanto o batismo no Espírito Santo simboliza o recebimento do dom de falar em línguas desconhecidas. No momento em que se manifesta a glossolalia, o sujeito deixa de ser um e passa a constituir um corpo coletivo unido em uma só voz. “O fenômeno do ‘Batismo no Espírito Santo’ estabelece [no indivíduo] um corte, o fim da dispersão identitária, uma reorientação centralizada e centrípeta” (SANCHIS, 1994). O falar em línguas estranhas é resultado de uma entrega total do sujeito a Deus, de uma relação pessoal entre ambos, na qual o indivíduo recebe, de Deus, esse dom tão desejado. A glossolalia não constitui uma fala ordenada, compreensível, pois não corresponde a um pedido, a um agradecimento ou a um louvor, mas sim a uma irrupção da fala inesperada e desconhecida para o sujeito.

Ainda segundo SANCHIS (1994), um outro dom recebido pelos pentecostais é o dom da cura, o qual opera através da imposição das mãos sobre o doente. Segundo os crentes, eles recebem, do Espírito Santo, na atualidade, o dom de cura assim como os apóstolos o receberam. Além dos dons de falar em línguas e de cura, os pentecostais com base em I Cor, 12 afirmam receber de Jesus outros dons como realizar milagres, profetizar, interpretar línguas estranhas, entre outros.

Todas as práticas e crenças do pentecostalismo são justificadas através da Bíblia, considerada a verdade absoluta por ser a Palavra de Deus. Dessa forma, percebe-se uma aproximação entre essa doutrina e o fundamentalismo, pois seus adeptos, além de aceitarem a bíblia como guia incontestável, propõem uma volta à tradição dogmática e moral e o fortalecimento da comunidade e da autoridade da Igreja.

A doutrina pentecostal vê o sujeito não como um ser predestinado, mas como um ser que sofre, a todo momento, assédio por parte dos demônios. Sendo assim, é necessário que o indivíduo aceite o Evangelho e entregue-se a Deus para poder lutar contra o maligno e resistir a suas ciladas. Para o pentecostalismo, o

sujeito deve dedicar o máximo de sua vida à religião e à frequência ao templo, pois a vida fora da igreja está tomada pelo mal, e as pessoas não-crentes são influenciadas pelo demônio. Essa postura pentecostal mostra, portanto um discurso ascético e sectário.

Segundo CORTEN (1996), para provar aos fiéis que devem seguir os preceitos da igreja pentecostal, os pastores propõem a exposição dos testemunhos, através dos quais os crentes relatam, ao grupo, as graças recebidas em troca da abnegação e devoção. Esse procedimento ajuda os fiéis a suportar o rigor moral do pentecostalismo, principalmente no que diz respeito ao pagamento do dízimo e à recusa ao prazer intramundano. É sabido, por parte dos fiéis, que, quanto maior a devoção e a obediência, maiores serão as chances de salvação. No que diz respeito à devoção convém mencionar-se o fato de que os crentes pentecostais são considerados os mais devotos, fazendo, dos cultos, momentos intensos de emoção e júbilo (talvez os únicos de seu dia tão privado de prazer) em que oram e louvam a Deus.

A devoção pentecostal antes de ser exaltação de emoções é uma devoção – um fervor – pelas coisas de Deus, da religião. Ela é suscitada da mesma maneira que a devoção puritana: pelo discurso teológico. Este discurso pode ser julgado rudimentar ou pouco inovador, ele pode até mesmo ser puramente oral e ser propagado por pregadores leigos. Seu critério de eficiência não é a verdade. É produzir devoção. O discurso teológico pentecostal é um discurso sobre dons do Espírito, sobre o seu caráter contemporâneo e direto (cf. CORTEN, 1996, p.155-156).

1.2 CARACTERIZAÇÃO DAS TRÊS ONDAS DO PENTECOSTALISMO BRASILEIRO

Segundo Mariano (1995), o pentecostalismo brasileiro divide-se em três momentos distintos, denominados primeira, segunda e terceira ondas, os quais correspondem à sua história no País. Define-se, pois, primeira onda do pentecostalismo o grupo formado pelas primeiras igrejas pentecostais brasileiras, as quais caracterizam-se por enfatizar o dom das línguas, opor-se ao catolicismo, crer

no retorno de Cristo, comportar-se de modo sectário e rejeitar os aspectos mundanos da vida. A primeira onda é representada pelas Igrejas Congregação Cristã no Brasil e Assembléia de Deus. A segunda onda, por sua vez, caracteriza-se pela mensagem da cura divina, através da qual atrai a camada pobre e sofrida da população, que, sem recursos materiais para sanar seus sofrimentos, busca auxílio espiritual. A ênfase teológica no dom da cura divina, a partir dos anos 50, foi crucial para a aceleração do crescimento e diversificação institucional do pentecostalismo brasileiro. As maiores e mais representativas denominações da segunda onda são a Igreja do Evangelho Quadrangular, o Brasil para Cristo e Igreja Pentecostal Deus é amor, que continuam a enfatizá-la, visto que a cura constitui um de seus mais poderosos recursos proselitistas, (MARIANO, 1995, p 31). Essas igrejas foram as pioneiras no uso da transmissão de sua mensagem pelo rádio, o que visava seduzir as pessoas no interior mesmo de suas casas.

A terceira onda do pentecostalismo brasileiro, denominada neopentecostalismo, prega o exorcismo dos demônios, a salvação, a prosperidade e a cura divina. Convém salientar que a glossolalia, bastante praticada pelas duas primeiras vertentes, não recebe grande ênfase nas igrejas neopentecostais, ocorrendo eventualmente, sem que seja imposição para os fiéis. Além disso, o neopentecostalismo é uma inovação do movimento pentecostal não só por enfatizar a prosperidade e o exorcismo, mas também por distanciar-se do sectarismo e do ascetismo do pentecostalismo tradicional. São exemplos da terceira onda Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus, Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra e a Igreja Renascer em Cristo.

1.3 O NEOPENTECOSTALISMO

Segundo Mariano (1995), o neopentecostalismo, vertente pentecostal cuja pregação baseia-se fundamentalmente na trilogia cura, salvação e prosperidade, inaugurou um novo tipo de culto, baseado na expressividade corporal, no poder sobrenatural da fé, no diálogo imediato entre o fiel e Deus e no uso objetos na mediação com o sagrado. Esses recursos, juntamente com a pregação através dos meios de comunicação de massa, que chega aos lares prometendo às pessoas solução para seus problemas, fazem com que o neopentecostalismo venha

ampliando consideravelmente o número de seus adeptos. O neopentecostalismo busca transformar a sociedade através da conversão individual dos sujeitos e da conquista de maior espaço social por meio das obras assistenciais e da atuação política partidária de seus representantes.

De acordo com Gomes (1994), as igrejas neopentecostais prometem, aos fiéis, uma vida plena e feliz ainda neste mundo, desde que se afastem do Diabo, creiam em Deus incondicionalmente, façam as ofertas e deem os dízimos sem hesitar. É importante abrir aqui um parêntese para comentar a ênfase que essas igrejas dão ao Diabo e a sua legião de anjos decaídos, os quais são vistos como responsáveis por todos os problemas que assolam a vida das pessoas, como doenças, dívidas, desavenças, desemprego, etc. Para os pentecostais, o mundo é o palco do embate entre as forças do bem e as do mal, ou seja, entre Deus e o Diabo. Diferentemente do pentecostalismo tradicional, o neopentecostalismo atribui, ao Diabo, um papel central, reconhecendo-o com um ser extremamente poderoso, sucumbindo apenas ao poder de Deus, por intermédio de Jesus.

Uma grande inovação que a teologia neopentecostal trouxe ao pentecostalismo tradicional foi a Teologia da Prosperidade, a qual vai de encontro ao que o cristianismo e o próprio pentecostalismo pregam no que diz respeito à abnegação à riqueza. Para os neopentecostais, Deus determinou riqueza, *status*, conforto e sucesso a todos:

Com o neopentecostalismo, portanto, a velha “mensagem da cruz”, o discurso teológico que pregava o sofrimento terreno do cristão, caiu por terra e, sem qualquer compadecimento, foi sumariamente soterrada. Daí que, no cotidiano dos cultos e na vasta programação de rádio e TV dos neopentecostais, conhecer Jesus, ter um encontro com Ele e a Ele obedecer constituem, acima de tudo, meios infalíveis para o converso¹ se dar bem nesta vida. Nos templos e na mídia, Cristo é propagandeado como panacéia para todos os males terrenos. (MARIANO, 1995, p. 9)

Convém salientar que, para ter direito ao que está determinado por Deus, o sujeito precisa, sobretudo, contribuir financeiramente para a igreja, pois os neopentecostais pregam que tudo o que é ofertado a Deus é devolvido multiplicado. Devido à grande arrecadação financeira, as igrejas pertencentes à terceira onda adquirem autonomia e se organizam como empresas, produzindo e vendendo

¹ Recebe a designação de “converso” o indivíduo que passou a frequentar uma igreja, ou seja, se converteu ao caminho proposto por aquela determinada religião.

mercadorias espirituais. A Teologia da Prosperidade promete recompensa ainda nesta vida, ou seja, a espera do sujeito crente pelo regozijo é reduzida, pois o que antes só ocorreria com o retorno de Cristo, em outro plano, agora é muito mais imediato, é intramundano. Nesse contexto, se o sujeito não alcança o que deseja, ou é devido à pouca fé, ou à pouca oferta.

Segundo Mariano (1995), as igrejas neopentecostais, diferentemente das igrejas pentecostais que lhes precederam, são tolerantes quanto a comportamentos profanos, admitindo o livre uso do vestuário, frequência a festas, praias e cinemas, prática de esportes e uso da televisão, entre outros; contudo, preservam o repúdio ao uso de bebidas alcoólicas e do fumo, à infidelidade conjugal, à prostituição e ao homossexualismo. Ao romper com certas concepções do pentecostalismo tradicional, pregando, por exemplo, a valorização da riqueza, a recompensa terrena, a ênfase no Diabo e a rejeição ao ascetismo, o neopentecostalismo inovou o movimento pentecostal, conquistando, entre todas as igrejas das três ondas, o maior número de fiéis pelo fato de oferecer-lhes o que nenhuma outra até então oferecia: o gozo dos prazeres terrenos, a solução para todos os problemas dos crentes e a possibilidade de sucesso financeiro.

1.3.1 As Crenças e a Estrutura do movimento neopentecostal

Convém salientar que para a redação dos próximos tópicos contamos com a valiosa contribuição feita por PATRIOTA (2008), que discorre sobre o neopentecostalismo e Igreja Internacional da Graça de Deus. Assim é possível definir o neopentecostalismo como o nome que se dá aos pentecostais da terceira geração. Diversos autores os têm designado de maneiras diversas, entretanto, neste trabalho, assim os chamamos, porque é possível perceber que eles diferem muito dos pentecostais históricos e dos da segunda geração, além do que o termo neopentecostal vem ganhando terreno nos últimos anos entre os pesquisadores brasileiros para classificar as novas igrejas pentecostais. Dessa forma, semelhantemente a Mariano (1995), acreditamos tratar-se realmente de um novo pentecostalismo, transformando as igrejas da terceira onda em igrejas neopentecostais.

O prefixo mostra-se apropriado para designá-la tanto por remeter à sua formação recente como ao caráter inovador do neopentecostalismo. Embora recente entre nós, o termo neopentecostal foi cunhado há vários anos nos Estados Unidos. Lá na década de 70, ele designou as dissidências pentecostais das igrejas protestantes, movimento que posteriormente foi designado de carismático. Como deixou já muito de ser empregado nas tipologias norte-americanas, não confunde nem atrapalha nossa tarefa de classificação. (MARIANO, 1995 p. 33).

Os neopentecostais pregam principalmente a prosperidade como meio verdadeiro de vida para os crentes. Acreditam também que o mundo está completamente tomado por demônios que lutam para destruir a abundância de Deus, e tentam, de forma sistemática e resignada, a expulsão destes demônios de suas vidas.

Entre os neopentecostais encontramos não apenas o dualismo “Deus x Diabo”. Acreditam também que o universo está dividido em dois reinos, o reino espiritual e o reino material. O reino espiritual é habitado por seres espirituais: Deus, o Diabo, anjos e demônios, em luta constante. O reino material é este nosso mundo, habitados pelos homens e pelo restante da criação divina. É o campo de batalha da guerra espiritual. E pelo seu domínio que se trava a guerra. E mais: o reino espiritual é mais real que o material, dizem eles. O que ocorre neste mundo em que vivemos é o reflexo dos acontecimentos da ordem espiritual. (AZEVEDO JÚNIOR, 1994, p. 48).

Para eles, doenças, pobreza e sofrimento são coisas que têm sua origem em Satanás. Por isso, os cultos neopentecostais são, em sua maioria, carregados de forte emoção e costumemente objetivam uma libertação deste mundo satânico. Portanto, para os neopentecostais, a saída é o exorcismo, a frequência constante aos cultos e a aplicação de várias terapias criadas e recomendadas pelas igrejas pertencentes ao movimento.

O fato é que segundo PATRIOTA (2008) o neopentecostalismo coloca em primeiro lugar a saúde do corpo, a prosperidade e a solução dos problemas psíquicos, obviamente como resultado imediato da busca do sagrado. Com efeito, um dos temas mais importantes e significativos do discurso neopentecostal é o da saúde. Em segundo plano as preocupações teológicas e escatológicas. A idéia de uma vida reta e santa para agradar a Deus ficou restrita apenas às religiões já existentes. O que agora se vê é uma religiosidade em benefício do homem.

Devido à disposição das igrejas pentecostais de acolherem os dons de profecias e profetas, sem uma ortodoxia bíblica, criou-se um ambiente mais do que propício para a instauração da teologia da prosperidade, onde os pregadores se colocam como sujeitos referenciais: “depois que eu entreguei minha vida para Jesus, (...) nunca me faltou nada!”. A sua experiência passa a respaldar a estrutura discursiva de suas próprias falas. Dessa forma, o plano temporal é marcado pelo espontaneísmo dos pregadores que falam sobre si mesmos, substituindo, na maioria das vezes, o lugar da reflexão teológica. Ao apresentarem-se como modelos, também aboliram os tradicionais e estereotipados usos e costumes de santidade; e se definem pela tríade: cura, exorcismo e prosperidade. (PATRIOTA, 2003).

De acordo com Romeiro (2005, p. 49), as novas igrejas e seus líderes multiplicam-se rapidamente, sempre com introdução de novidades na liturgia e na teologia que professam. Obviamente tal dinamismo do campo neopentecostal tem tornado o tema cada vez mais amplo e complexo.

1.3.2 A Teologia da Prosperidade

Para PATRIOTA (2008) o crescimento dos neopentecostais no Brasil está diretamente relacionado à Teologia da Prosperidade – TP. Com efeito, o discurso da prosperidade torna-se cada vez mais fácil de ser consumido, pois oferece uma lógica essencialmente de conforto e solução para os problemas da existência humana. Porém, concordamos com a visão de Rodrigues (2003), que argumenta que o tema da prosperidade transcende as questões meramente espirituais, psicológicas e simbólicas da existência humana.

O autor enfatiza que a idéia de posse, presente no âmago dessa corrente teológica, enuncia uma projeção psicológica, imaginária, enredada pela magia do sonho de consumo em uma sociedade marcada pelo desejo de fruição de bens de diferentes esferas (RODRIGUES, 2003, p. 24). Dessa forma, Os termos “prosperidade” e “posse” estão intensamente imbricados com questões concretas no domínio material, inseridos nos contextos sócio-históricos característicos e atrelados ao usufruto real de bens, não só simbólicos mas também palpáveis, corporificados e produzidos na sociedade capitalista contemporânea. (RODRIGUES, 2003, p.25).

O autor ainda pontua que a idéia de posse se aproxima da materialidade daquilo que se almeja e que, de antemão, é considerado pelo converso como “direito seu”. Para o autor, o tema “posse” tão significativo e tão presente no discurso neopentecostal, apresenta-se numa perspectiva metafísica, em que prepondera uma relação com o transcendente. Na visão de RODRIGUES (2003);

Essa relação, no entanto, revela e coloca à mostra toda capacidade de desejar a apropriação da “herança de Deus” por meio da obtenção, usufruto e controle de bens materiais, de coisas palpáveis que expressem socialmente ascensão, enriquecimento, prosperidade. E acima de tudo, deseja-se a fruição desses bens exemplificados como uma resposta evidente ao apelo, à fidelidade, ao sacrifício e à hereditariedade do converso para com o Divino através de Jesus. (RODRIGUES, 2003, p. 24-25).

Com efeito, também consideramos que, entre as possibilidades existentes de sua atuação, a TP venha a desempenhar distintas funções na sociedade capitalista brasileira, inclusive, como postula Rodrigues (2003), a de projetar, via o discurso propagado pelos religiosos neopentecostais entre seus adeptos, “a idéia de inserção ou relação de identificação com uma determinada classe que lhes possa suprir de referenciais de ‘status’ e prestígio entre aqueles que a utilizam como concepção religiosa transformada em ‘visão de mundo’”.

Obviamente, uma proposta tão atraente assim, não fica difícil gerar muitas adesões. Para que tenhamos uma idéia, o percentual de pessoas de baixa renda que lotam essas igrejas é majoritário, mas não se caracteriza como único. A idéia de que apenas os mais pobres e habitantes das periferias das grandes cidades se “convertiam” ao protestantismo, e em especial as vertentes pentecostal e neopentecostal, mudou. Hoje, com a projeção conferida à vida cristã, artistas, empresários e grandes nomes da sociedade frequentam igrejas evangélicas e professam fé em Jesus, ancorados nas promessas de vitórias contra as mazelas que afligem a humanidade.

Tal mudança de público pode ser justificada por várias características da teologia da prosperidade, que além de se propor a resolver problemas existenciais de toda ordem, ainda produz, via discurso de seus agentes religiosos uma projeção identitária com valores que remetem a determinados estratos sociais, constituindo possibilidades de o converso projetar desejos de identificação com

segmentos sociais que servem de referencial para uma visível ascensão social. Como argumenta Rodrigues (2003, p.25).

Dessa forma, concede a esse converso um sentido de existência e possibilidade de inclusão social, valorizando-o e elevando auto-estima como cidadão, numa sociedade eirada pelas relações de competitividade, concorrência e desejo de obter riquezas com vistas à ascensão na escala social. Estimula, pois, um diálogo com idéias que perpassam a sociedade capitalista.

Essa teologia que oferece a todos o direito de ser “próspero” não é, como diz Rodrigues (2003), autóctone, ou seja, criada em terras brasileiras, já que seus primeiros elementos foram sistematizados e articulados nos Estados Unidos na década de 40 e importados, posteriormente, para o Brasil na década de 70.

1.3.2.1 O início de tudo

Como pudemos observar na seção anterior, a teologia da prosperidade teve sua origem na década de 40 nos Estados Unidos e passou a ser reconhecida como doutrina apenas na década de 70, quando se difundiu pelo meio evangélico. Sempre detentora de um forte cunho de auto-ajuda e valorização do indivíduo, a TP reúne crenças sobre cura, prosperidade e poder da fé através da confissão da “Palavra” em voz alta e “No Nome de Jesus” para recebimento de bênçãos almejadas. Por meio da Confissão Positiva, o cristão compreende que tem direito a tudo de bom e de melhor que a vida pode oferecer: saúde perfeita, riqueza material, poder para subjugar Satanás, uma vida plena de felicidade e sem problemas.

Em contrapartida, dele é esperado que não duvide minimamente do recebimento da bênção, pois acarretaria em sua perda, bem como o triunfo do Diabo. A relação entre o fiel e Deus ocorre pela reciprocidade, o cristão semeando através de dízimos e ofertas e Deus cumprindo suas promessas. (SOUZA e MAGALHÃES, 2002).

A dúvida é ladra da bênção de Deus. A dúvida vem da ignorância da Palavra de Deus. A incredulidade é quando alguém sabe que há um Deus que responde às orações, e ainda assim não crê em Sua Palavra. E não crer nas promessas é duvidar do caráter de Deus. (MILHOMENS, 1993, p.53).

Para contextualizar tal corrente doutrinária, recorreremos à própria história do seu fundador: Kenneth Hagin (Texas, EUA, 1918). Hagin é considerado o ícone dessa forma de viver o evangelho, pois, ele mesmo sofreu várias enfermidades e pobreza na juventude. Aos 16 anos de idade, Hagin diz ter recebido uma revelação de Deus quando lia o Evangelho segundo Marcos, especificamente o capítulo 11 e os versículos 23 e 24:

Porque em verdade vos digo que qualquer que disser a este monte: ergue-te e lança-te no mar, e não duvidar em seu coração, mas crer que se fará aquilo que diz, tudo o que disser lhe será feito. Por isso vos digo que todas as coisas que pedirdes, orando, crede receber tê-las-eis. (Mr 11,23-24).

Conforme PATRIOTA (2008) no desenvolvimento da teologia da prosperidade, Hagin observou muitas das idéias de Essek William Kenyon, de quem foi discípulo. De acordo com Hanegraaff (1996), Kenyon sofreu influência das seitas metafísicas como Ciência da Mente, Ciência Cristã e Novo Pensamento. É o pai do chamado “Movimento da Fé”. Na realidade, a sistematização da teologia da prosperidade a partir dessas seitas foi gradual, onde uns são tidos como unicistas (os que deduzem que Jesus Cristo é Deus em sua totalidade) outros deificam o homem, e outros ainda apresentam um Jesus exótico, estranho ao Novo Testamento. Todos eles se caracterizam por pregarem saúde e prosperidade como instrumentos mensuradores da vida espiritual do cristão. Normalmente baseiam as suas linhas de argumentação na Bíblia, nas revelações de seus líderes e na palavra da fé.

Kenyon influenciou amplamente a Hagin. Sua forma de propagação da mensagem religiosa era ancorada pela técnica do poder do pensamento positivo. Paralelamente, ele ministrava orações pelos enfermos e muitos foram salvos e curados, mas outros tantos, não. Não era pentecostal, mas pastoreou várias igrejas e fundou outras. Com efeito, hoje Kenyon é reconhecido por muitos como o pai do Movimento Confissão Positiva, que posteriormente passou a ser também conhecido

como Teologia da Prosperidade, Palavra da Fé ou Movimento da Fé. Seus ensinamentos afirmam que tudo o que você pensar e disser se transformará em realidade, por isto há tanta ênfase no “Poder da Mente”.

Portanto, a teologia da prosperidade postula que não importa o grau de dificuldade ou a real necessidade do fiel, até mesmo para obtenção de prazeres e vaidades pessoais, ou mesmo que seja para satisfação de interesses e ambições materiais, Deus interferirá e providenciará o que o fiel deseja, tão somente porque, segundo Hagin, esta é a vontade de Deus.

Uma das tarefas mais difíceis no ministério é fazer com que as pessoas compreendam que Deus deseja que prosperem e sejam bem sucedidas. Na verdade, Deus deseja muito mais a prosperidade das pessoas do que elas mesmas. (...) Muitos cristãos não prosperam atualmente porque não obedecem ao chamado divino, ou porque não seguem uma instrução específica que Deus tenha lhe dado. Outros precisam simplesmente corrigir a maneira de pensar e, então, começará a pensar, falar e agir de acordo com a Bíblia no tocante à prosperidade. (HAGIN, 2000, p. 7).

As idéias de Hagin, que deram origem à teologia da prosperidade nos moldes em que a conhecemos hoje, podem ser divididas em três pontos principais: a autoridade espiritual, as bênçãos e as maldições da Lei e a confissão positiva.

1.3.2.2 A autoridade espiritual

Segundo Hagin, Deus tem dado autoridade (unção) a profetas nos dias atuais, como seus porta-vozes. Ele próprio diz receber revelações diretamente do Senhor. “Dou graças a Deus pela unção de profeta (...) reconheço que se trata de uma unção diferente... é a mesma unção, multiplicada cerca de cem vezes”. (HAGIN, 1983. p.54).

Suas pregações e livros sempre enfatizam a necessidade da utilização da autoridade espiritual dada por Deus para a obtenção das bênçãos:

A razão pela qual temos direito de reivindicar que nossas necessidades sejam atendidas é Jesus ter vindo à terra e derrotado Satanás, garantindo nossa vitória total. Estamos no mundo, mas não

somos do mundo (Jo 15.19), ainda que nele tenhamos de viver. Devemos usar a autoridade dada por Deus para impor a derrota a Satanás e desfrutar as bênçãos que Deus nos deu em Cristo, inclusive a prosperidade financeira. (HAGIN, 2000, p. 55).

De acordo com Hagin, a autoridade espiritual é visível nas coisas que o crente em Deus fala. Deus forma, Deus sempre confirmará a sua palavra registrada nas Escrituras Sagradas: “se pregarmos a respeito da salvação, as pessoas ficarão salvas. Se pregarmos a respeito da cura, as pessoas ficarão curadas”. (HAGIN, 1983, p. 32).

Todavia, o que observamos nas pregações neopentecostais é uma “autoridade espiritual” canalizada apenas para as coisas terrenas e não para a salvação, como as pregações evangélicas históricas. A cura, a prosperidade e a libertação dos males terrenos é a tônica desse discurso.

1.3.2.3 As bênçãos e as maldições da lei

Hagin (2000, p. 23) pontua que algumas pessoas afirmam que essa história de prosperidade é coisa do Antigo Testamento. Todavia, ele argumenta que em vários trechos das escrituras, é possível se comprovar que as bênçãos de Abraão, incluindo a da prosperidade, são também para os cristãos do Novo Testamento (ou seja, os da atualidade), já que tais cristãos estão subordinados à nova aliança feita por Deus.

No Antigo Testamento, de acordo com o livro de Deuteronômio, a miséria vivia sobre o povo de Deus caso lhe desobedecesse. Tal maldição sobreveio, porque o povo deixou de agir de acordo com os mandamentos e estatutos do Senhor. A Palavra de Deus ensina que nós pecamos e carecemos da glória de Deus (Rm 3.23). Portanto, a maldição da Lei deveria atingir-nos também. Mas graças a Deus, em Gálatas 3.13, é garantido que Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós, porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado no madeiro. (HAGIN, 2000, p. 23).

Assim, com base na epístola de Paulo aos cristãos da Galácia, Hagin explica que Jesus se fez maldição por nós tornando-se o nosso substituto. Ou, em outras palavras, a maldição caiu sobre Ele ao invés de cair sobre as pessoas. E se

as pessoas são de Cristo (conforme Gálatas 3,29) são da descendência de Abraão e herdeiros conforme a promessa.

Então, acredite que a bênção de Abraão, a bênção por guardar os mandamentos de Deus, isto é, a Sua Palavra, é nossa por intermédio de Jesus Cristo. Ele é o único que vive e viverá pelos *séculos dos séculos!* A bênção de Abraão inclui prosperidade financeira e é para nós, hoje. (...) A bênção de Abraão é nossa! Mas precisamos entender exatamente o que era a bênção de Abraão. Sabemos que era uma bênção tríplice. Primeiro Deus prometeu a Abraão que o faria enriquecer (Gn 12, 2-3; 13,2). (HAGIN, 2000, p. 31).

Assim, Hagin (2000) diz que os crentes foram libertos da maldição da Lei, que são essencialmente a pobreza, as doenças e a morte espiritual. Para isto, Hagin toma por empréstimo as maldições contra os Israelitas que pecaram, presentes no livro vetero-testamentário Deuteronômio, capítulo 28. Assim, de acordo com a doutrina criada, defendida e instaurada por Hagin, o cristão tem direito a uma vida com saúde e riqueza; diante disso, doenças e pobreza são maldições da Lei. E, em alguns casos ainda, elas são como provenientes da herança de algum antepassado que teve problema nestas áreas. Sendo assim, o antepassado passou aquela maldição, como que por “genes espirituais” para seus descendentes. Por isso, o descendente deve pedir ajuda ao Espírito Santo para lhe revelar em quem a maldição teve início e assim pedir perdão pelo antepassado, e a maldição pode ser quebrada no Nome de Jesus.

Portanto, quem aceita a teologia da prosperidade é ensinado a viver plenamente, isento de doenças até os 70 ou 80 anos, sem dor nem sofrimento. Se alguém ficar doente é porque não reivindica, ou não tem fé. Afinal, como bem postulam baseados no trecho do livro do Profeta Isaías, escrito cerca de 600 anos a.C, Jesus já anteriormente possibilitou a cura, assumindo sobre Ele as enfermidades dos crentes.

Verdadeiramente Ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputamos por aflito, ferido de Deus, e oprimido. Mas Ele foi ferido por causa das nossas transgressões, e moído por causa das nossas iniquidades, o castigo que nos traz a paz estava sobre Ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados (Is 53,3-4).

1.3.2.4 A confissão positiva

A confissão positiva é o terceiro ponto da teologia da prosperidade e está incluída na fórmula da fé que Hagin diz ter recebido diretamente de Jesus. Como se trata de uma confissão, Hagin considera a diferença entre as palavras gregas *rhema* e *logos*. Ambas significam “palavra”. Ele assegura que *logos* é a palavra de Deus escrita: A Bíblia, e que *rhema* é a palavra falada por Deus em revelação ou inspiração a uma pessoa em qualquer época, de modo que o crente pode repetir com fé qualquer promessa bíblica, aplicando sua necessidade pessoal, e exigir seu cumprimento. (cf. SOARES, 2004).

O autor pontua que, na realidade, a base da confissão positiva é a fé. Ou seja, o crente deve declarar que já tem o que Deus prometeu nos textos bíblicos e tal confissão pode trazer saúde e prosperidade financeira. Vemos, então, a palavra humana, associada à fé, “criar realidades” divinas, ou, em outras palavras, fazer com que acabe por acontecer coisas (realizadas por Deus) neste mundo. (PATRIOTA, 2003). Por outro lado, confessar negativamente é admitir a existência das condições indesejáveis. Em outras palavras, ao negar a presença da enfermidade ela simplesmente deixará de existir. (cf. SOARES, 2004).

Portanto, para os pregadores e fiéis neopentecostais, as forças e o poder do reino espiritual são ativadas pela linguagem. Ao emitirem enunciados vitoriosos, são as forças do bem que são ativadas, ao declararem coisas ruins, o poder diabólico do “inimigo” encontra possibilidade de se realizar. Esse posicionamento respalda a estrutura discursiva dos apelos neopentecostais, que se apresentam recheados de expressões positivas e indutoras de uma nova postura de crença, extraídas da Bíblia em forma de convenientes fragmentos de textos que sustentem a teologia que propagam.

Para Soares (2004), por mais paradoxal que pareça ser, para os neopentecostais, a Bíblia é a Palavra de Deus, mas não é fonte de autoridade. Esta reside no indivíduo, não no indivíduo em geral, mas nos líderes do movimento. Tais líderes repetem exaustivamente que os desejos de vitória, de cura, prosperidade, libertação etc, associados à vontade sincera, ativam forças divinas, e os desejos ruins, lamentos e pensamentos negativos, ativam as forças demoníacas.

Em seu livro “O nome de Jesus”, Hagin (1999, p. 11) afirma que todo poder e toda autoridade que Jesus tinha está investido no seu Nome. Isso é justificado tão somente porque o nome de Jesus, evocado em praticamente todas as falas neopentecostais, apresenta uma natureza particular, pois trata-se do próprio Deus, na figura do filho. Partindo daí a intensa recorrência do seu nome. “Em tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por Ele graças a Deus Pai” (Cl 3,17).

Para que este pensamento fosse articulado, Hagin afirma que o próprio Jesus apareceu a ele e o mandou escrever a “fórmula”, que está expressa nos itens 1 a 4. Assim sendo, se alguém deseja receber algo de Jesus, basta segui-la:

1 – “Diga a coisa”. Positiva ou negativamente, tudo depende do indivíduo. “*De acordo com o que o indivíduo quiser, ele receberá*” (HAGIN, 1983, p 26). Essa é a essência da confissão positiva. É por isso que os que propagam a teologia da prosperidade são agressivos na argumentação da crença, se atrevem nas lutas e são intrépidos no anúncio das vitórias. Declaram-se em meio a uma guerra, e alegram saber que estão do lado vencedor. A questão da autoridade e o poder de vencer o diabo ajudam a legitimar o próprio discurso da prosperidade. Agindo assim, qualquer demonstração de fraqueza, além de contrariar às suas falas, pode colocar tudo a perder, inclusive a própria autoridade que postulam.

Portanto, para fazer a confissão positiva, o fiel normalmente utiliza expressões cristalizadas, onde a fala é comandada por palavras como eu “exijo”, “decreto”, “declaro”, “determino”, “reivindico”. A fórmula das petições de pessoas essencialmente necessitadas da intervenção e do favor divinos presentes em eu “peço”, “rogo” ou “suplico”, são totalmente suprimidas na confissão positiva. Neste caso, a tradicional oração cristã “se for da tua vontade” destrói toda a possibilidade de obtenção do que se quer, afinal, configura-se como a inexistência da fé.

2 – “Faça a Coisa”. Seus atos irão derrotá-lo ou lhe darão vitória. “*De acordo com sua ação, você será impedido ou receberá*” (HAGIN, 1983, p. 26). Para a teologia da prosperidade, a coerência está na necessidade de se mobilizar, de se fazer algo concreto para transformar a realidade. Os fiéis devem crer, devem

declarar, devem entregar, devem consagrar e, conseqüentemente alcançarão a vitória.

Fonseca (1998) esclarece que o “toma-lá-dá-cá” é constante nesse tipo de religiosidade que almeja para a terra todas as maravilhas que o pentecostalismo tradicional imaginava para o céu. O importante é o hoje, o agora, e esse deve ser o melhor possível, afinal os evangélicos são “filhos do Rei” e foram criados, como gostam de repetir os defensores dessa teologia, para serem “cabeça e não cauda”. Todas estas ações estão presentes na cadeia discursiva da prosperidade. A anos omissão é percebida como colaboração a Satanás. A luta tem que ser enfrentada. Neste caso, a dúvida é passível de repreensão e tida como a causa do “fracasso” e das ocasionais respostas negativas aos pedidos feitos a Deus pela intermediação dos profetas da prosperidade.

3 – “Receba a Coisa”. Compete a nós a conexão com o dínamo do céu. *“A fé é o pino da tomada, basta conectá-lo”*. (HAGIN, 1983, p. 27). Os pregadores da teologia da prosperidade assumem sempre um papel profético e não só revelam as bênçãos, as provisões e a porção de Deus, mas também se colocam como mediadores dessas bênçãos. Agindo dessa maneira, os profetas fazem a ligação entre os dois reinos (espiritual e material). Portanto, o fato dos profetas pregadores estarem situados no reino material, não restringe sua ação a ele, pois o profeta, como mediador de Deus, encontra-se também na dimensão espiritual, tornando-se autorizado a dizer: “Eu profetizo na tua vida”, “Eu sei qual é a promessa (ou a vontade) de Deus para você”. “Eu conheço a medida de Deus (que é abundante) para tua vida”. “Receba a bênção”, “Tome posse do milagre” etc. Em outras palavras, os pregadores ao vivenciarem o estatuto de profetas, agem no mundo dos homens direcionados por uma orientação espiritual do próprio Deus, para que os fiéis recebam as bênçãos. A teologia da prosperidade propagada acaba por transformar-se em uma estratégia na qual são destacadas verdades bíblicas e revelações divinas sob a ótica do cotidiano. Desta forma, é possível enxergar o objetivo dos pastores neopentecostais de reiterar abordagens práticas para uma vida segundo a abundância de Deus e da Teologia da Prosperidade.

4 – “Comente a Coisa”. A fim de que outros possam crer (cf. HAGIN, 1983, p. 27). Afinal, quando se apresentam como referenciais, através de suas

narrativas pessoais, os testemunhantes trazem à tona a viabilidade e a eficácia das propostas e promessas neopentecostais, gerando, em contrapartida, a credibilidade às suas falas. Como ressalta Ramos (2005):

Para isso evocam *textos bíblicos* que corroboram os seus postulados, naturalmente descontextualizados de suas circunstâncias e propósitos originais; combinados à carga emotiva de *canções repetitivas* e enfatizadoras dessa ideologia; e reforçados por testemunhos dramáticos de pessoas que obtiveram vantagens materiais em geral como resultado da aplicação dos princípios pregados pelo programa. (RAMOS, 2005, p. 198).

Com um peculiar discurso banhado de auto-ajuda, valorização do indivíduo, cura divina, prosperidade material e poder da fé através da confissão das palavras e no Nome de Jesus, essa teologia vem ganhando cada dia mais adeptos em todo o mundo mudanças nas ordens eclesiásticas de muitas denominações que precisam se “atualizar” para não perderem seus fiéis.

1.4 A IGREJA INTERNACIONAL DA GRAÇA DE DEUS

Fundamentados nas idéias de Patriota (2008), e tendo como pano de fundo, os temas anteriores que abordaram o Neopentecostalismo bem como a Teologia da Prosperidade, este tópico procura relatar, dentro do campo neopentecostal, a especificidade da Igreja Internacional da Graça de Deus. Obviamente consideramos que outras instituições religiosas também poderiam ser tomadas como “representantes” deste novo cenário, e a análise de algumas delas, de igual forma, poderia nos servir para entender a adequação espetacular das vivências religiosas da contemporaneidade. Portanto, na introdução deste capítulo da presente pesquisa, cabe-nos explicar o porquê da nossa escolha.

A princípio, o que mais nos chamou a atenção para a opção na IIGD (a partir de agora usaremos a sigla para denominar a instituição) foi o fato de que nela é facilmente perceptível a estruturação do seu *ethos* e discurso religioso ajustado de maneira inovadora e peculiar com elementos da indústria do entretenimento e da comunicação de massa. Prova disso é que o seu “carro chefe” é intitulado de “Show

da Fé” e atualmente é transmitido em ampla escala na TV aberta, inclusive e principalmente, horário tido por “nobre”. Acrescido a esta peculiaridade está o grande investimento que a Igreja da Graça faz nos meios de comunicação em geral: são rádios, revistas, jornal, portal na web, rede de TV, editoras, gravadoras e ainda a realização de megaeventos no Brasil e em outros países. Tudo isso segundo PATRIOTA (2008) “abraçado” de forma extremamente profissional.

Todo esse contexto revela a capacidade que a Igreja Internacional da Graça de Deus tem para mobilização de fiéis, capacidade esta manifesta não apenas no Show da Fé, mas também em megaeventos, como “Festa no Céu” que alargam ainda mais sua visibilidade e ampliam a sua influência além dos limites institucionais.

De acordo com Patriota (2008), esse poder de mobilização, mediado pelos veículos de comunicação de massa, que, a priori, mais nos chama atenção. Todavia, como parte adicional, mas não menos importante que a forma, está o conteúdo da sua mensagem. Muito embora seu discurso seja facilmente classificado como neopentecostal, exatamente como os discursos das outras igrejas da mesma linha doutrinária, a IIGD evidencia possuir uma capacidade de arregimentação de pessoas de outras vertentes teológicas (evangélicos tradicionais, por exemplo). Essa particularidade que a Igreja da Graça demonstra ter se funda, essencialmente a nosso ver, na capacidade que o seu pragmático discurso religioso tem de agrupar uma lógica permissiva (com relação à ampla tolerância nos usos e costumes), uma lógica diversional (com muita ênfase no entretenimento por meio dos grandes espetáculos) e em certo grau, uma lógica ecumênica (pelo fácil e constante diálogo com as outras tradições cristãs). Tal agrupamento se dá em segmentos cada vez mais amplos das experiências de vida encenadas e divulgadas na mídia pela IIGD, que agora vem conferir-lhe novos significados com seus refletores “espetaculares”.

Fundamentados na idéia de Patriota (2008), também nos chamou a atenção sua conformação como um poderoso e complexo empreendimento religioso que, mesmo centralizado na figura de um único e soberano líder (R.R.Soares), é administrado segundo a racionalidade empresarial moderna, à medida que a IIGD, volta-se frequentemente para nichos de mercado eficazmente delimitados. Prova disso são os produtos (símbolos ou não, tangíveis ou inatingíveis) disponibilizados pela igreja para consumo nos contemporâneos e amplos mercados de “bens de salvação” e de “entretenimento”.

A Igreja Internacional da Graça de Deus foi fundada por Romildo Ribeiro Soares, conhecido como Missionário R. R. Soares, em 1980. Seu início se deu na Rua Lauro Neiva, no Município de Duque de Caxias, no estado do Rio de Janeiro, logo após a separação ocorrida entre R. R. Soares e seu cunhado, o Bispo Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus – IURD.

Sobre a relação com o Bispo Edir Macedo, o missionário Soares revelou à Revista Veja que além de ter sido o fundador da Igreja Universal do Reino de Deus, foi ele quem ordenou Macedo como pastor, transformando-o em seu assistente.

Por ser fruto de uma dissidência, a IIGD se parece muito com a IURD, já que reproduz em sua estrutura diversas ações que as colocam em posição de certa igualdade. Todavia é possível identificar, com certa facilidade, os pontos que distanciam as duas igrejas, conforme relata Pinezi:

A Igreja Internacional da Graça de Deus ou Igreja da Graça, como é comumente chamada diferencia-se da igreja neopentecostal de maior expressão, a Igreja Universal do Reino de Deus, através de uma pregação que não coloca as ofertas (Gomes 1994) de dinheiro dos fiéis como uma condição para que estes recebam bênçãos de acordo com o valor das mesmas. Enquanto o discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus é explícito quanto à barganha (Gomes, 1994) que o converso faz com que Deus ao ofertar dinheiro em troca da solução de determinado problema a Igreja da Graça tem um discurso que enfatiza o valor do dinheiro como uma necessidade para a manutenção da “obra de Deus” aqui na terra, Mariano (1995, p. 80) argumenta que comparada à IURD (Igreja Universal do Reino de Deus) não à toa a IIGD (Igreja Internacional da Graça de Deus) é considerada por outros evangélicos como uma igreja mais equilibrada, que faz uso um pouco mais apropriado da Bíblia e nutre com maior preocupação com a formação cristã da membresia. (PINEZI, 2000, p. 18).

Mesmo com peculiares diferenças, uma das principais características da IIGD, no entanto, é a utilização massiva que faz da mídia, tal como a Universal.

Com efeito, Soares de forma similar a Igreja Universal, mantém a Igreja Internacional com muitas atividades durante a semana: todos os dias realiza culto e atendimentos aos fiéis; pratica exorcismos; prega prosperidade; vê no diabo o grande causador dos males vividos pelo homem e se arregimenta em guerra constante contra ele. Para o grupo da Internacional da Graça de Deus, o estado de sofrimento e dor é um indício da investida dos espíritos malignos. O fim da dor e do

sofrimento constitui-se como triunfo do bem sobre o mal (cf. PINEZI, 2005). Assim os fiéis da IIGD, semelhantes aos da IURD, lutam contra o demônio e toda sorte de espíritos malignos.

De acordo com Pinezi, (2005, p. 3), na Igreja Internacional da Graça de Deus, o sofrimento é visto como maldição e sintoma de que Deus não está abençoando aquele que sofre e também creem na existência de “espíritos da miséria” causadores da pobreza ou miséria material.

Para PATRIOTA (2008), o núcleo central da pregação da IIGD é a cura que se alcança pela fé.

Dessa forma, todo o discurso da igreja é alicerçado sobre o fim do sofrimento e a experiência de uma vida de abundância e prosperidade. Assim, os milagres ocupam, junto com as mensagens de Soares, o cenário central da pregação.

Possivelmente esse discurso acaba por gerar um crescimento numérico considerável, já que muitos procuram à IIGD pautados na perspectiva de deixarem de sofrer. Prova disso é a quantidade de templos que aumentam a uma velocidade meteórica. Segundo informações divulgadas no site oficial da IIGD, a denominação possui cerca de 1800 templos, entre eles estão os templos abertos em outros países como: França, Portugal, Japão, EUA, Peru, México e Uruguai. Desse número, 295 igrejas se encontram no Rio de Janeiro, onde a Igreja Internacional da Graça de Deus foi iniciada. De acordo com Mariano (1999), entretanto, seu crescimento ainda é inferior à sua genitora IURD.

De acordo com Romeiro (2005, p. 74), um fator que contribui para o crescimento explosivo da Igreja da Graça é o carisma de R. R. Soares. O autor explica que o assessor de Soares, Éber Cocareli, garante que até quem não concorda com o missionário acaba gostando dele, já que com dez minutos de conversa R. R. Soares cativa todas as pessoas, pois tem o dom de agradar. Essa afirmação, ao nosso ver, se ancora no fator “carisma” tão bem apresentado por Weber (1982).

Com efeito, o sucesso de R. R. Soares é perfeitamente respaldado pelo conteúdo do seu discurso, entrelaçado com o envolvimento que ele propõe aos seus interlocutores.

Na verdade, as pessoas não estão precisando ouvir sermões filosóficos, mas aprender a tomar posse da bênção. (...) Eu sei o que significa necessitar de uma bênção, ter fé que Deus pode concedê-la e não ter o conhecimento de como recebê-la. Sei também o quanto dói servirmos ao Senhor, andarmos fielmente nos seus caminhos, termos uma vida santa e, ao enfrentarmos uma situação adversa, após chamarmos Deus por ajuda, confiando que ele virá, amargarmos, com lágrimas a rolar pelo rosto, a falta de resposta. Insisto que há algo errado, e o erro não está no Senhor, mas na nossa falta de conhecimento. É muito simples começar a tomar posse de todas as bênçãos que o Senhor comprou para nós. (R. R. SOARES, 2004, p. 11).

Obviamente com um discurso pragmático que oferece soluções e fórmulas para a obtenção de todos os sonhos do fiel, somado com o carisma que lhe é peculiar, não há como o missionário não experimentar uma grande adesão à sua Igreja. Além do que, segundo Romero (2005) a figura de uma liderança carismática e centralizadora é vital para o surgimento e a expansão de qualquer segmento neopentecostal.

1.5 O PROGRAMA SHOW DA FÉ

Fundamentados nas idéias de Patriota (2008), podemos sem dúvidas afirmar que o programa de maior destaque na Rede Internacional de Televisão (RIT) é o Show da Fé. Desde janeiro de 2003, todo o Brasil pode acompanhar o Show da Fé. Trata-se do único programa evangélico em horário nobre na televisão brasileira. Ao todo, o Show da Fé é transmitido diariamente na TV com uma duração de 52 minutos por programa. Sua estrutura básica consiste em apresentações musicais (louvor), evangelização e reflexão acerca de passagens bíblicas em forma de pregação. Além da pregação, o missionário R. R. Soares ainda tira dúvidas, orienta pessoas que pedem aconselhamento por carta, e abre espaço para quem quer falar sobre o “mover de Deus”. São testemunhos de libertação, prosperidade, restauração e cura, de pessoas que assistem ao programa dentro do templo.

Como o Show da Fé é o “carro chefe” da IIGD na mídia, tanto é que também empresta o nome à revista e ao jornal da Igreja, há ainda durante o programa a promoção de cantores evangélicos.

Por fim, o programa Show da Fé é composto de vários quadros:

- “Nova da Vida Real”, onde um fiel da IIGD conta a história de transformação de sua vida a partir do seu ingresso na Igreja Internacional, com um discurso de crença adotado pela própria IIGD em sua estrutura doutrinária e argumentativa (Teologia da Prosperidade, Confissão Positiva, Batalha Espiritual etc).
- Outro quadro fixo do Show é o “Abrindo Coração”. Neste quadro, as cartas, que são enviadas pelos telespectadores das mais diversas cidades do Brasil, são lidas no ar.
- Por fim, o programa contempla o quadro “Pergunte ao Missionário” nele duas perguntas são feitas pelo público para resposta imediata por parte de R. R. Soares.

Conforme PATRIOTA (2008) não é raro ver o missionário R. R. Soares admitir que não sabe a resposta, ou simplesmente dizer tratar-se de uma escolha individual. Essa atitude, normalmente, é aplaudida pelas pessoas dentro do templo, pois não transparece como algo negativo, fruto da ignorância ou da falta de conhecimento, e sim, de uma pessoa de espírito humilde e que não tem vergonha de admitir que não sabe todas as coisas. Com isso, Soares conquista, ainda mais, os seus fiéis.

Mesmo estando no ar há pouco tempo, a familiaridade da IIGD com a utilização da mídia eletrônica TV já ocorre há cerca de 25 anos. R. R. Soares conta que, ainda criança, quando assistiu pela primeira vez à televisão, percebeu o poder de comunicação que tinha aquele objeto sobre as pessoas. Então “falou com Deus que aquilo também deveria ser usado para pregação do evangelho”.

Como líder carismático, R. R. Soares vem a cada dia penetrando mais nos lares brasileiros, onde também ficou conhecido por ser, em alguns períodos, a pessoa com maior número de aparições na TV brasileira, alcançando níveis de audiência consideráveis. Através de uma linguagem simples e direta, os programas de R. R. Soares conquistam, não só a população das classes de baixo poder aquisitivo, mas também pessoas de classe média e alta.

1.6 A TRAJETÓRIA DE R. R. SOARES

Romildo Ribeiro Soares, conhecido hoje com R. R. Soares, nasceu em 1948 na pequena cidade de Muniz Freire, no Estado do Espírito Santo. Filho de uma dona de casa católica e de um pedreiro desviado da Igreja Presbiteriana, Romildo converteu-se aos seis anos de idade em um culto presbiteriano, para onde fora levado por alguns vizinhos.

Eu me converti com seis anos de idade. Minha mãe era católica e meu pai era desviado da Igreja Presbiteriana. Eu fui o primeiro, depois todos eles vieram. Eu sou presbiteriano de nascimento, batista de doutrina e pentecostal por convicção. (SOARES, 2001, p. 27-28).

Por perseverar na doutrina evangélica durante a sua infância, R. R. Soares alega ter sofrido discriminação por parte de seus colegas de escola, que o excluía dos convites para as festas de aniversário da turma.

Ainda segundo relatos do próprio R. R. Soares, um dia, em 1958, com apenas 11 anos de idade, ele teve oportunidade de conhecer uma cidade vizinha, chamada de Cachoeiro do Itapemirim e, na praça Jerônimo Monteiro viu, pela primeira vez em sua vida, um aparelho de televisão, exposto numa loja. O missionário propaga que, naquele momento, Deus falou ao seu coração, pois ele notou que todos os que estavam ali ficaram fascinados com o que acontecia na tela. Imediatamente Soares pronunciou um voto ao Senhor: “Não tem ninguém falando do Senhor nesse aparelho. Ah, Senhor, se o Senhor me der condições, um dia eu estarei aí, falando só do Senhor”.

A inspiração concreta veio após um sonho:

Certa noite sonhei que estavam entregando folhetos. Entrei numa vila, na qual havia uma loja de artigos de feitiçaria. Dentro do estabelecimento, encontravam-se três mulheres que, ao me verem com os folhetos sobre o evangelho, correram em minha direção. Porém, não consegui entregá-los, pois havia uma cerca invisível que nos separava. Após várias tentativas, perguntei a Jesus: O que eu vou fazer? Não consigo entrar... Então ouvi uma voz dizer: “Jogue-os por baixo da cerca: Fiz conforme aquela orientação e as mulheres pegaram os folhetos. Acordei, e imediatamente, entendi que Deus queria que eu evangelizasse, especificamente, nessa área. Ainda que eu não entrasse lá, eu as alcançaria de algum modo.

Pouco tempo depois da sua adesão à Igreja Presbiteriana, Soares migrou para Igreja Batista onde permaneceu até seus 16 anos de idade, quando, em abril de 1964, chegou ao Rio de Janeiro, ficando afastado do evangelho por quatro anos.

Assim, só em 1968, já com vinte anos, volta a frequentar uma igreja evangélica. Na ocasião, Soares aderiu a Igreja Pentecostal de Nova Vida, onde se casou com Dona Maria Magdalena Bezerra Soares, e permaneceu como membro. É provável que tenha sido exatamente neste período a adoção do nome de “R. R. Soares”.

De acordo com o site da IIGD, nessa época “começou verdadeiramente o início da vida espiritual de R. R. Soares”. De fato, em 1975, foi ordenado pastor na Igreja Casa da Bênção, ocasião em que veio a participar da Cruzada do Caminho Eterno.

Dois anos depois, ao fundar a Igreja Universal do Reino de Deus com o seu cunhado Edir Bezerra Macedo, conhecido na atualidade como Bispo Macedo, iniciou-se pela rede Tupi de Televisão, o que é alardeado hoje pela Igreja da Graça, como o maior ministério de evangelismo da televisão brasileira. O site da instituição religiosa garante que, naquela ocasião, cumpriu-se o desejo que nascera no coração daquele garoto de 11 anos, na praça Jerônimo Monteiro, em Cachoeiro do Itapemirim. É bem provável que seja por isso a perceptível preferência do missionário pela televisão para o anúncio de suas mensagens.

O fato de iniciar o seu ministério como televangelista, implicou mudanças bastante significativas nos planos de vida do missionário Soares. Ele próprio enfatiza que no primeiro dia de novembro de 1977, após ler o livro de T.L. Osborn, intitulado “Curai os enfermos, expulsai os demônios”, sentiu o impulso para o ministério, e desistiu do que antes fora o seu sonho, que era estudar Medicina, pois lhe tinha sido prometida uma bolsa de estudos no curso de Medicina na Universidade Patrice Lumumba, em Moscou, na Rússia.

Nessa mesma época, R. R. Soares conta que um dia, uma tia que morava no Espírito Santo, telefonou-o dizendo que um primo seu estava internado em uma clínica, muito doente. Soares foi visitá-lo acompanhado de um amigo da igreja. Na visita, o missionário confirmou que seu primo estava realmente muito mal.

Nessa hora, segundo conta, ele começou a ter a revelação do que Deus queria que ele fizesse:

Nós fechamos os olhos e fizemos uma oração. Outros internos que viram aquilo também pediram orações. Nós pedimos que eles fizessem duas filas. Vi que os demônios começavam a se manifestar nas pessoas e nós os expulsávamos na hora. Dias depois minha tia telefonou avisando que o médico havia dado alta para muita gente. A clínica quase fechou. Acabei montando uma igreja em parceria com esse amigo. Não deu certo. Deixei a igreja com ele e fui fundar a Igreja Universal do Reino de Deus.

Na IURD, Soares permaneceu por apenas dois anos, Até que decidiu, segundo ele, deixar a Igreja Universal e entregar o controle ao seu cunhado Edir Macedo.

Todavia, a verdadeira história apresenta peculiares diferenças. Soares era o líder da Universal e seu principal pregador. Entretanto, sua liderança começou a declinar e Edir Macedo surgiu como o novo líder. O estilo autoritário e centralizador de Macedo contribuíram, e muito, para a derrocada de Soares. No final dos anos 70 os dois chegaram a um impasse. Macedo propôs que a disputa fosse resolvida por meio de uma votação do presbitério. Macedo venceu o pleito. Soares foi recompensado financeiramente e desligou-se da Universal, para fundar, em 1980, nos mesmos moldes, a Igreja Internacional da Graça de Deus.

Assim, em 1980, tem início o ministério da Igreja Internacional da Graça de Deus. De acordo com o que a IIGD propaga no seu site, o início foi marcado por inúmeras dificuldades, já que, após muitas privações e humilhações, Soares chegou até a ser preso, por “simplesmente anunciar o Evangelho”.

Nos relatos da IIGD consta que, lutando contra as mais variadas perseguições, R. R. Soares experimentou um considerável crescimento a partir do dia 2 de dezembro de 1984, quando após ler o livro de Kenneth Hagin, *O Nome de Jesus*, o líder da Igreja da Graça começou a pôr em prática a Determinação “e a partir daí, foram bênçãos atrás de bênçãos”. O próprio missionário conta a sua experiência em um livro seu, recorde de vendas, afirmando que nesta ocasião seus olhos foram abertos:

Certa ocasião, li o livro *O Nome de Jesus* de Kenneth E. Hagin. Acabei de lê-lo no dia 02 de dezembro de 1984 e, desde então, jamais tomei um comprimido sequer, com exceção de um antiácido

que tomei 15 dias depois, em uma madrugada, por causa de uma indisposição estomacal, pois ainda não entendia plenamente a mensagem da fé real. O que aconteceu com a minha fé? Mudou? Não é que a minha fé tenha mudado, O que realmente mudou foi o modo de usá-la; foi o meu entendimento. Durante a leitura daquele livro, dois versículos me foram iluminados. Pela primeira vez, entendi o significado deles. Foram os versículos de (Jo 14, 13²) e (Mr 11, 23³). A partir de então, o meu ministério sofre uma guinada de 180°. Tenho ensinado essas verdades ao povo e, quase diariamente, recebo cartas de pessoas contando os mais lindos testemunhos. (SOARES, 2004, p. 15-16).

Com efeito, após o episódio da leitura da mensagem de Hagin, as bases doutrinárias do discurso de R. R. Soares são totalmente estruturadas nos ensinamentos da Teologia da Prosperidade e principalmente no tocante a cura de doenças e influências do diabo. A ênfase de Soares é dada no fato de que os problemas são causados, essencialmente, por espíritos malignos (demônios), que atuam em todas as áreas das atividades humanas, por isso, o missionário defende que é preciso, antes de qualquer coisa, identificar a existência do problema. Em outras palavras, para R. R. Soares, um problema, por mais simples que seja, pode ter origem satânica. Em seu livro *Espiritualismo, a magia do engano*, o missionário descreve um episódio em que ele diagnosticou um problema originado no mundo espiritual, e que, após devidamente identificado, foi completamente resolvido:

Certa ocasião, uma senhora me procurou, dizendo estar passando por um “pequeno problema”. Contou-me que seu “pequeno problema” era frigidez sexual. Há algum tempo não conseguia relacionar-se sexualmente com o marido, e isto começava a afastá-los um do outro. Ao orar por ela, percebi que o seu problema era de ordem espiritual e ordenei que os demônios que a estavam afligindo saíssem dela. Imediatamente após a minha oração, manifestou-se um espírito, que se afirmava ser o causador daquele “pequeno problema”. Confessou que fora mandado por uma mulher que estava tentando conquistar seu marido, para fazer com que o casal se separasse. Após orarmos por aquela senhora, o demônio se afastou e ela voltou a ter uma vida normal em seu lar. (SOARES, 2001, p. 102).

A fala de Soares configura-se, portanto, como um discurso pautado numa teologia pragmática que ajuda os seus adeptos a resolverem os problemas

² “E tudo o que pedirdes ao pai em meu nome, eu vo-lo farei: para que o pai seja glorificado no filho.”

³ “Em verdade vos afirmo, que todo o que disser a este monte: Tira-te e lança-te no mar, e isto sem hesitar no seu coração, mas tendo fé de que tudo o que disser sucederá, ele o verá cumprir assim.”

cotidianos da vida normal. De acordo com Yamabuchi (2002), R. R. Soares se considera o “precursor do Evangelho completo no Brasil”, embora ele diga que não criou essa mensagem de salvação e cura sozinho. Não é difícil, portanto, identificar as fontes estrangeiras (norte-americanas) de sua mensagem, pois ele mesmo enfatiza de onde foi inspirado: T. L. Osborn e Kenneth Hagin.

Não é de se estranhar que haja uma identificação muito grande dos fiéis com o seu carismático líder. Afinal, além de oferecer soluções e cura para os problemas que afligem a humanidade, o missionário apresenta-se como alguém que descobriu a “fórmula” do sucesso, e está ali, disponível para entregá-la a todos quanto a desejarem. Segundo Assmann (1986), esta fórmula tem dado tão certo que o próprio R. R. Soares é prova disso. O autor aponta para a constante insistência do missionário em repetir, nas suas apresentações televisivas, que foi um Zé ninguém e que exerceu também atividades humildes como sapateiro, engraxate e operador de cinema, todavia, agora o ex-humilde-trabalhador assume ares de um profícuo “libertador”.

Obviamente o televangelista ainda enfatiza, em seus programas, que veio de uma cidadezinha sem importância do interior, que foi filho de família pobre e lutou com muitas dificuldades, mas que, como consequência da sua conversão a Cristo, conseguiu ser aprovado nos 1º e 2º graus, além do vestibular em Direito, o que resultou na sua formação acadêmica, profissão que nunca exerceu. Soares também não se graduou em Teologia. Em paralelo, Assmann (1986) diz que Soares faz muita questão de dizer que o inglês não lhe é totalmente estranho, tudo isso para reforçar que a conversão na IIGD é um bom negócio.

Outra faceta de R. R. Soares, além de sua persistente garantia de felicidade terrena na adesão à IIGD, é o seu esforço para gerar identificação com o público-alvo da mensagem. Entretanto, é bom que se diga que não é apenas o discurso por ele proferido que respalda o sucesso alcançado pela Igreja da Graça. A verdade é que Soares tem uma evidente liderança e um notável carisma. Assmann (1986) pontua que existe uma aura de indiscutível liderança na figura, sempre sorridente e brincalhona, de R. R. Soares. Quando a admiração e os elogios afloram por parte dos fiéis, ele assume uma postura de humildade.

Tanto é que os pastores a ele subordinados o tratam de o *grande homem de Deus*. E muito embora, à primeira vista, a espiritualidade pareça estar dissociada da questão visual, é possível perceber, no líder da IIGD, a sempre

presente preocupação com a sua imagem, seja esta sentida no aspecto da aparência, ou na segurança e domínio de conteúdos e temas apresentados diariamente nos cultos.

2 CARACTERIZAÇÃO DO GÊNERO PREGAÇÃO

Para redigirmos o presente capítulo seguimos os passos do artigo sobre o mesmo tema *Pregação religiosa: uma caracterização à luz da teoria dos gêneros*, escrito por Figueiredo et al (2009). Além deste trabalho contamos com as contribuições feitas por Patriota (2003), que versou sobre o gênero religioso sob a ótica da Igreja Renascer em Cristo.

Para chegarmos à concepção atual de gênero, partiremos da gênese do termo gênero situado historicamente, visto que alguns dos mais importantes pensadores de nossa história ocuparam-se, via de regra, de questões ligadas às relações do homem com a linguagem. Mais precisamente das relações entre o homem e as diversas maneiras de comunicação estabelecidas por estes. Dessa forma, o estudo dos gêneros não é recente, e remonta a Platão e Aristóteles, ainda na Antiguidade.

Apesar de servirem como pilares para os estudos sobre gêneros na atualidade, as obras dos filósofos em questão não abarcaram todos os tipos de situações comunicativas, pois se limitaram à classificação dos gêneros *literários*. Em Machado (2005), temos a classificação proposta por Platão em relação aos gêneros:

Em *A República*, Platão elabora a tríade advinda das relações entre realidade e representação. Ao gênero mimético ou dramático pertencem a tragédia e a comédia; ao expositivo ou narrativo, o ditirambo, o nomo e poesia lírica; ao misto, a epopéia. (p. 151-152).

A obra Aristotélica, apesar de ampliar a tríade proposta por Platão, não ultrapassou os limites da literatura, pois apenas propôs subdivisões à classificação deste último, diferenciando, por exemplo, a designação dos gêneros de acordo com o caráter das personagens representadas.

A teoria dos gêneros atual teve sua origem com o filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin. Ele foi um dos primeiros a ir efetivamente além dos gêneros que, até então, estavam restritos à esfera literária.

Para Bakhtin (1979/2003), a linguagem deve ser analisada por suas funções sociais, e por isso o autor confere assaz relevância para os gêneros de grande circulação social. Por serem concepções revolucionárias, seus postulados

constituem o cerne das teorias atuais desse ramo. A mudança mais significativa da teoria bakhtiniana foi a ampliação das idéias existentes, pois o estudioso não se atrelou às classificações sistemáticas propostas até então. Para Bakhtin, a linguagem vai além de representações da realidade, pois é por meio dos atos de comunicação que os homens se constroem como seres efetivamente humanos, e por isso deve ser analisada com a devida importância nos meios sociais. A respeito desse "desprendimento" em relação aos gêneros literários e da preocupação bakhtiniana com a função social da linguagem, Pinheiro (2002), afirma:

[...] as investigações de Bakhtin não se restringem ao contexto literário e, ao ampliar as fronteiras, abrangem também a esfera da interação verbal-interação que se dá por meio de gêneros. Esses gêneros, enquanto formas relativamente estáveis, contribuem para que se compreenda a construção dos textos, considerando, aí, a natureza social da linguagem, princípio fundamental da teoria bakhtiniana (p. 271).

As concepções do linguista francês Bronckart (1999) também representaram importante contribuição para a concepção moderna dos estudos acerca dos gêneros, pois, baseando-se principalmente nas idéias de Foucault e na visão intersubjetiva de Bakhtin, sustentou a existência de um interacionismo sociodiscursivo, e ainda propôs um rigoroso sistema de equivalências terminológicas, com o qual pretendeu determinar, após larga análise epistemológica, conceitos de expressões importantes como: texto, discurso, tipos de discurso, gêneros textuais, ação de linguagem, entre outros.

A revolução resultante dos ideais bakhtinianos na Linguística Moderna permitiu olhares diferenciados sobre as mais díspares esferas da comunicação humana por possibilitarem uma análise mais aprofundada de inúmeros gêneros, os quais anteriormente estavam postos de lado pelos estudos da linguagem.

Nosso *corpus* de análise trata de uma pregação religiosa. A caracterização deste gênero passa por questões que vão além das características estruturais do texto. O termo *pregação* está intrinsecamente ligado, no seu uso, às religiões cristãs. No entanto, ao levantarmos as características deste gênero, percebemos que este termo pode ser utilizado para designar o discurso de outras religiões.

Antes de passarmos à caracterização do gênero em questão, vejamos as definições de alguns autores acerca da temática religiosa, mais usualmente exposta como "discurso religioso".

Orlandi (1987, p. 242-243) diz que o discurso religioso é "*aquele em que fala a voz de Deus: a voz do padre - ou do pregador, ou, em geral, de qualquer representante seu - é a voz de Deus*".

Para Citelli (2005), o discurso religioso é caracterizado essencialmente como um discurso autoritário e persuasivo. Nele, o líder religioso fala em nome de um "ser superior", e, por isso, não é questionado. Para esse autor, o autoritarismo e a persuasão são aspectos marcantes nesse tipo de produção:

Uma das formações discursivas onde se reconhece a presença da persuasão é a religiosa: nesse caso, o paroxismo autoritário eleva-se: o eu enunciador não pode ser questionado, visto ou analisado; é ao mesmo tempo o tudo e o nada. A voz de Deus plasmará as demais vozes, inclusive a daquele que fala em seu nome: o agente religioso (pastor, padre, rabino etc). (CITELLI, 2005, p.61).

Além de tais características, Citelli (2005) ainda explicita que tal tipo de discurso é um evento comunicativo por excelência, pois é por meio dele que são transmitidos os princípios religiosos de cada religião. Vejamos o que autor nos diz a esse respeito:

Nesse sentido, o discurso religioso realiza tarefa *sui generis* enquanto mecanismo de comunicação, pois, se os demais discursos autoritário-persuasivos podem vir a revelar a voz do sujeito falante, nele resta apenas a noção de dogma. (CITELLI, 2005, p. 61).

Por caracterizar o meio de transmissão da doutrina de cada religião, o discurso religioso vem sempre embasado na referência escrita, quando estas existem, que fundamenta os dogmas das religiões, como a Bíblia, no caso dos cristãos, o Alcorão para os muçulmanos, o Veda para os hindus, o Livro dos espíritos para os Kardecistas e assim por diante, pois nestas obras estão inseridos os princípios de cada religião. Orlandi (1987, p. 246) traz uma informação relevante para esse estudo: "É interessante se observar que as religiões de conversão (de exclusão) são as religiões que têm escritas. As religiões de cultura sem escrita, e que só se efetuam por rituais, são mais ecléticas".

Dessa forma, quando, em uma cultura religiosa, há a existência de referenciais escritos, é fator *sine quanon* que os líderes religiosos façam menção aos textos basilares existentes para que estes sirvam como ponto de partida para suas formulações discursivas; afinal, tais menções funcionam como utilização de argumento de autoridade, embasando a fala do líder.

A utilização dos referenciais escritos confere um caráter de confiabilidade nas pregações. Quanto ao uso da Bíblia nos discursos cristãos, Almeida (2001) diz:

[...] a Bíblia se inscreve como discurso fundador da narrativa, não apenas no âmbito restrito da organização pragmática e textual dos enunciados, mas também como narrativa que projeta simbolicamente a organização textual - coerência - dos sentidos históricos do mundo ocidental, tecidos sob a tensão de injunções políticas do dizer, resultando no fio significativo do discurso religioso cristão, (p. 29).

Num texto de base religiosa temos, então, não só os parâmetros e orientações a serem seguidos pelos fiéis, mas também a narrativa histórica daquele povo. Ao lançar mão da palavra sagrada, o líder religioso confere maior credibilidade ao que diz, pois não fala por ele, como já explicitamos, mas sim em nome de um ser imaterial, dotado de verdade. A esse respeito, Wilson (2006, s/p), afirma: "[...] o recurso ao intertexto (os excertos bíblicos) vem outorgar autoridade à fala do locutor, que, com isso garantiria maior aprovação, maior aceitação e conformação às palavras de Deus".

Vejamos o que diz Pedrosa (2004) a respeito da utilização da Bíblia em discursos cristãos:

O ideal do discurso religioso é que o 'representante', o que se apropria do discurso de Deus, não o modifique. Ele deve seguir regras restritas reguladas pelo texto sagrado, pela Igreja, pelas liturgias. Deve-se manter distância entre o 'dito de Deus' e o 'dizer dos homens'. (s/p).

Outro aspecto relevante no discurso religioso é o que Orlandi (1987) chama de assimetria do discurso, entendida como as diferenças de papéis no mesmo. A esse respeito, Wilson (2006) declara:

[...] o discurso religioso caracteriza-se como um discurso assimétrico [...], trata-se de um tipo de discurso em que a interação é estabelecida de forma a conter a reversibilidade (*entendida aqui como a impossibilidade de os ouvintes ocuparem o lugar do líder, e, também, a impossibilidade de o líder assumir o lugar do ser superior*) e cujo sentido fica aprisionado pelo próprio dizer: único e inquestionável. (s/p).

Um traço marcante neste tipo de discurso é a existência da fé dos ouvintes. A fé é responsável por delimitar a comunidade religiosa, além disso, é por meio dela que os ouvintes se dispõem a ouvir seus líderes. Orlandi (1987, p. 250), ao discorrer sobre a fé dos ouvintes na situação comunicativa religiosa, diz: "[...] a fé é que distingue os fiéis dos não-fiéis, os convictos dos não convictos [...] para os que creem, o discurso religioso é uma promessa, para os que não creem é uma ameaça".

No caso do discurso religioso, mais especificamente o discurso oral religioso, que caracterizaremos mais adiante como pregação, o líder religioso é o responsável pela realização desse discurso, ou seja, é a fala dele que serve de suporte para tal feito.

Geralmente, a pregação é realizada com o intuito de formar o caráter dos fiéis, converter novos fiéis, bem como conservar aqueles que já fazem parte da comunidade religiosa. Percebemos que, quanto a existência de marcas linguísticas, a pregação apresenta o uso de marcas peculiares, como mostra-nos Pedrosa (2004):

Outros traços do Discurso Religioso se configuram com o uso do *imperativo* e do *vocativo* - características inerentes de discursos de doutrinação; uso de *metáforas* - explicitadas por paráfrases que indicam a leitura apropriada para as metáforas utilizadas; uso de citações no original (grego, hebraico, latim) - traduzidas para a língua em uso através de *perífrases* extensas e explicativas em que se busca aproveitar o máximo o efeito de sentido advindo da língua original; o uso de *performativos* - uso de verbos em que o 'dizer' representa o 'fazer'; o uso de *sintagmas cristalizados* - usadas em orações e funções fáticas. Ainda em relação às unidades textuais, podemos acrescentar o uso de determinadas formas simbólicas do discurso religioso como as parábolas, a utilização de certos temas *recorrentes*. (s/p).

Em relação ao meio de transmissão, a pregação é realizada de forma oral, e transmitida de maneira direta, ou seja, o líder prega, os ouvintes ouvem.

Atualmente, com o advento da tecnologia, é possível encontrarmos pregações gravadas em CD ou DVD para a distribuição comercial.

Para caracterizarmos esse gênero “*pregação*” o nosso recorte é feito especificamente em uma igreja neopentecostal: Igreja Internacional da Graça de Deus, na análise da pregação do Missionário Romildo Ribeiro Soares (R. R. Soares) intitulada “As Palavras” de aproximadamente 59 minutos.

A IIGD adota uma agenda semanal de atividades; abre as portas diariamente; pratica exorcismos; prega prosperidade; vê no diabo o grande causador dos males vividos pelo homem e se arregimenta em guerra constante contra ele. Uma de suas principais características, no entanto, é a utilização massiva que faz da mídia.

Como líder carismático, Soares vem a cada dia penetrando mais nos lares brasileiros. Seu mais conhecido programa, o “Show da Fé”, exibido diariamente pela Rede Bandeirantes de Televisão, se caracteriza, de fato, como um show de entretenimentos, que conta com apresentação de cantores evangélicos, pregadores internacionais e sermões pregados pelo próprio Soares. O momento máximo de seu programa é a oração final, feita para os fiéis, usando toda sua concentração na elaboração de uma oração forte, cheia de palavras positivas e banhada de toda “autoridade”, que diz ter recebido diretamente de Deus. Soares pretende gerar no público a expectativa de fé na cura, e na obtenção de todas as outras bênçãos, que os leva a realmente se sentirem abençoados. Vejamos:

(...) nós podemos, irmãos... porque tudo que nós pedimos ... reivindicarmos... exigirmos... tomamos posse... em Nome de Jesus ele fará por nós, irmãos... a próxima vez que vier uma ameaça... real ou imaginária... porque as vezes é imaginária só na sua cabeça... é Deus mostrando e você acha que está imaginando coisa... irmão... use o poder de Deus... usando o poder de Deus você tornar-se-á uma bênção... diga Graças a Deus(...) (54” 55’).

No trecho acima, percebemos que o pregador refere-se aos ouvintes fiéis, pois ao dizer *nós podemos irmãos*, o missionário deixa subentendido que as pessoas são da comunidade religiosa, *irmãos*, e, portanto, caracterizam-se como ouvintes – fiéis. Segue mais um trecho em que podemos perceber a inclusão dos ouvintes como integrantes fiéis das mesmas crenças, veja:

... preste atenção irmãos... nós teremos segundo Jesus... Ele afirmou isso... exatamente aquilo que falando nós cremos... se nós falarmos e não cremos não adianta nada... irmãos. (20" 46').

Como mencionado anteriormente, o intuito da realização de *pregações religiosas*, é geralmente, o de formar o caráter dos fiéis, mantê-los na comunidade, bem como converter aqueles que ainda não o são. Podemos perceber que, ao longo das pregações, os líderes evocam, a todo o momento, a participação ativa dos fiéis, para, dessa forma, reiterar os laços de compromisso entre estes e a comunidade. Vejamos:

(...) tudo que Deus fez Ele, fez usando palavras... tudo que nós quisermos fazer de bem para nós... nós temos que usar palavras corretas... porque se nós continuarmos usando palavras que não estão de acordo com a palavra de Deus... o que vai acontecer? Nós vamos continuar criando coisas como temos feito agora... e coisas que não estarão trabalhando em nosso benefício(...) (6" 45').

O intuito de uma pregação está intrinsecamente ligado às marcas linguísticas utilizadas pelo orador, pois é por meio delas que o líder elabora sua argumentação em prol da finalidade de seu discurso. Algumas marcas são muito características, como o uso do imperativo:

(...) *Feche* seus olhos e entremos poderosamente na presença de Deus(...) (56" 01')
 (...) *Chame* agora sua prosperidade... *chame*(...) (58").

Outra marca linguística é o uso de repetições, tanto em orações quanto na leitura de trechos bíblicos:

(...) se você é aquela pessoa que *só vive* choramingando... que *só vive* confessando a derrota... que *só vive* reclamando... você tem aquela aparência espiritual terrível (...)(19" 10')

(...) Deus não promete nos curar... no novo testamento não tem essa promessa *Ele garante* que nós já fomos curados... *Ele garante* todas as bênçãos já nos foram dadas... *Ele garante* que nós já somos mais que vencedores(...).

Além da repetição, podemos ver no primeiro trecho acima outra marca linguística presente nas pregações, que é o uso de pronome de tratamento no singular (você), utilizado com vistas a reforçar o comprometimento individual de cada ouvinte: o pregador fala a muitas pessoas, mas direciona a responsabilidade quando utiliza meios de falar de maneira individualizada.

O missionário R. R. Soares utiliza muito em sua pregação a palavra "irmãos" que também confere um sentido de proximidade com seus fiéis.

Também pode ser tomado como marca linguística o pronome pessoal *nós*, usado com a finalidade de aproximar pregador e ouvinte, dando idéia de que estes pertencem a mesma classe: a classe dos filhos de Deus:

(...) as palavras *nos* edificam... as palavras *nos* destroem... e as palavras que *nós* precisamos falar devem ser as mesmas que *nosso* Senhor e Salvador Jesus Cristo falava (...)

(...) para iniciar essa lição *nós* vamos louvar o *Nosso* Deus(...)

(...) as palavras foram colocadas a *nosso* dispor... elas estão prontas... foram criadas... receberam ordens para fazer a obra em *nosso* favor(...).

Outra marca linguística recorrente nas pregações de R R Soares é o uso de comparações. Vejamos o exemplo que se segue:

(...) se alguém perguntar como é a morte... não sei... a morte é como uma estação que ficou lá atrás(...) irmãos (50” 18’).

Como mencionamos anteriormente, em geral, as pregações fundamentam-se nos referenciais escritos de cada comunidade religiosa. Os líderes religiosos fazem uso desses trechos impreterivelmente, pois estes constituem o cerne de cada doutrina. A inserção destes excertos é feita por meio de leituras ou mesmo narrações, além de trechos musicados e representados: Vejamos alguns exemplos:

(...) *salmo cento e três versículo vinte* nos dá a receita de colocar esse exército poderoso a nosso dispor (...) (16”).

(...) está escrito no livro de Marcos...capítulo onze vinte e dois... preste atenção nesta afirmação do Senhor Jesus (...) (20”).

Concluindo a caracterização do gênero “pregação religiosa” a partir das pregações de R R Soares finalizamos por reiterar que o meio de transmissão em todas as pregações é, sempre a oralidade, e, como já citado anteriormente, o intuito das pregações não é apenas o de formar o caráter dos fiéis, mas também o de converter aqueles que ainda não o são. Soares, além de todas as marcas linguísticas utilizadas para caracterização de sua pregação, dispõe de elementos prosódicos como o volume e a velocidade de sua voz, que, diferentemente de outros pregadores, se mantêm quase inalterados em todo seu discurso, demonstrando, com isso, que ele não precisa usufruir de cultos melodramáticos e sensacionalistas para demonstrar autoridade no que diz, e sim que conta com sua experiência para atrair e manter cada vez mais fiéis em sua instituição.

3 ARGUMENTAÇÃO, RETÓRICA E PROSÓDIA

3.1 DA RETÓRICA ANTIGA À NOVA RETÓRICA

Retórica, mais conhecida como a arte de convencer e persuadir pelo discurso, Reboul (2004) a define como multidisciplinar e pluralista, não somente por estar presente em tudo quanto concerne à comunicação, mas também por ser utilizada em todas as controvérsias, ensinando o sentido tanto do relativo como do plural.

Reboul (2004) também afirma que a retórica é anterior a sua própria história, pois ele considera ser algo inconcebível o fato de que os homens, mesmo sem conhecê-la, não a tenham utilizado na linguagem para persuadir.

Como é sabido de muitos, e em conformidade com os pensamentos de Citelli (2005), por muito tempo a retórica se apresentou com uma roupagem curiosa, vista basicamente como recursos que enchem o discurso de beleza.

A história nos conta o quanto essa arte, especialmente na Grécia antiga, atraía muitos interessados em dominar a habilidade de bem falar e de argumentar com as pessoas. Em consequência dos benefícios que advinham desse bem falar, havia uma carência a ser preenchida, que se manifestava não apenas no âmbito político, mas também nas necessidades requeridas nas técnicas judiciais, na prosa literária, na filosofia, bem como no ensino. Nesse momento da história, o importante era convencer, e a ética, necessariamente, não fazia parte desse quadro. Com o passar dos séculos, porém, a retórica foi sendo alterada em suas funções.

Com os estudos primordiais, algo novo começou a acontecer. Estudos esses realizados por pensadores como Aristóteles, que valorizava a utilidade da retórica, ou Górgias, que não apenas focava no seu poder, mas juntamente com Isócrates insistia em fazê-la um instrumento neutro; e ainda pelos estudos realizados por Platão que, segundo Reboul (2004), simplesmente não lhe dava valor algum.

Tais estudos, especialmente os efetuados por Aristóteles, que tinha por foco analisar os discursos do seu tempo, direcionou as pesquisas para averiguar a

existência de certos elementos estruturais que eram comuns a discursos diversos, e que poderiam, através dos estudos retóricos, contribuir para o entendimento dos mecanismos da persuasão.

O filósofo se baseava em quatro argumentos para defender sua tese de que "a retórica é útil", quatro fases pelas quais passa quem compõe um discurso. A primeira é a *invenção*, que se refere à busca do orador pelos argumentos e pelos meios de persuasão que irá utilizar. A segunda é a *disposição*, que diz respeito à ordem em que esses argumentos serão colocados. A terceira é a *elocução*, que trata da redação, do estilo, portanto, nada tem a ver com a palavra oral. E a quarta, a *ação*, a proferição efetiva do discurso.

Essas análises certamente serviram como farol para iluminar e inspirar outros a se dedicarem à pesquisa e ao estudo de tão curioso tema.

Apesar das variações perceptíveis na retórica antiga, em que o pensamento de grande parte dos filósofos contrariava o que defendia Aristóteles, pois a ênfase deles se ancorava muito mais na forma que no conteúdo; o quadro hoje nos mostra mudanças significativas, e os estudos retóricos encontram um lugar de relevância na linguística atual.

Diferentemente do que ocorreu no princípio, a retórica não mais se apresenta de forma descompromissada com a ética. Pois assim foi vista por um bom tempo, como afirma Reboul (2004, p. 13): "para o senso comum, retórica é sinônimo de coisa empolada, artificial, enfática, declamatória, falsa". Hoje, há um entendimento claro de que persuadir não é sinônimo de enganar e, como afirma Citelli (2005, p. 15), o ato de persuadir vai muito além, pois é também o "resultado de certa organização do discurso que o constitui como verdadeiro para o destinatário".

Nos últimos anos, podemos presenciar grandes avanços no que diz respeito aos estudos da retórica, graças, é claro, ao empenho de vários estudiosos, que arduamente têm se dedicado a essa tarefa. Podemos citar aqui o trabalho desenvolvido por Jean Dubois e o grupo da Universidade de Liège e Chaim Perelman, líder dos pesquisadores reunidos em torno da Universidade de Bruxelas e dedicados a construir a chamada "Nova Retórica", que possui basicamente um papel vinculado a dois pólos importantes: o estudo das figuras de linguagem e o estudo das técnicas de argumentação.

Reboul (2004) considera que a natureza e a função da retórica podem ser colocadas basicamente sobre quatro pilares. Primeiramente, a retórica possui uma *função persuasiva*, que ele subdivide em argumentação e oratória, subdivisão que ele faz para tratar da razão e sentimentos, que, para ele, são inseparáveis na retórica. Em seguida, a *função hermenêutica*, que ele considera a arte de interpretar textos. Depois, a *função heurística*, que tem como função a descoberta; função de perguntar, inquirir. E, por fim, a *função pedagógica*, que seria, na prática, a responsável pela interligação das demais.

3.1.1 ARGUMENTAÇÃO

Por ser a argumentação um dos pilares deste estudo, primeiramente, buscaremos elementos que possam esclarecer o que é argumentar. Com tal propósito, valer-nos especialmente das considerações feitas por Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005), autores cujas idéias ultrapassam amplamente os limites da retórica tradicional; Abreu (2001) ao apresentar com simplicidade técnicas de argumentação e persuasão; bem como Meyer (1998) em sua proposta de abordar as palavras e frases com ênfase no papel da argumentação; e Citelli (2005) que não somente se preocupa com os modos de persuasão, mas discute como se articulam os procedimentos persuasivos; e, finalmente, Reboul (2004) que vê a retórica não somente como a arte de convencer pelo discurso, mas apresenta também uma teoria dessa arte.

Norteados pelos teóricos citados, buscaremos explicitar a abrangência e influência da argumentação e suas implicações diretas e indiretas no *corpus* selecionado. Assim, pretendemos analisar os recursos diversos da argumentação e as dimensões de sua ingerência sobre o discurso.

Segundo Von Clausewitz, gênio militar alemão citado por Abreu (2001), saber argumentar é, em primeiro lugar, saber integrar-se ao universo do outro. E Abreu (2001) afirma que, para ele, o verdadeiro sucesso no campo da argumentação está naquele que possui a habilidade de relacionamento interpessoal e, ainda, a capacidade de comunicar idéias e emoções. No seu modo de pensar, isso está relacionado à arte de argumentar, de gerenciar informações.

Em sua obra, Abreu (2001, p. 93) define argumentação da seguinte forma:

Argumentar é, em primeiro lugar, convencer, ou seja, vencer junto com o outro, caminhando ao seu lado, utilizando, com ética, as técnicas argumentativas, para remover os obstáculos que impedem o consenso. Argumentar é também saber persuadir, preocupar-se em ver o outro por inteiro, ouvi-lo, entender suas necessidades, sensibilizar-se com seus sonhos e emoções.

Nesse sentido, argumentar engloba um universo mais extenso, onde não basta apenas gerenciar informações. As dimensões apresentadas por ele, colocam-se de forma mais abrangente, pois há necessidade também de um gerenciamento de relações. Buscando esclarecer essa idéia, o autor dá o exemplo de que muitas vezes, ao introduzirmos um assunto, construímos antes uma espécie de prefácio de gerenciador de relação.

Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005, p. 50) definem o objetivo da argumentação:

O objetivo de toda argumentação, como dissemos, é provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento: uma argumentação eficaz é a que consegue aumentar essa intensidade de adesão, de forma que se desencadeie nos ouvintes a ação pretendida (ação positiva ou abstenção) ou, pelo menos, crie neles uma disposição para a ação, que se manifestará no momento oportuno.

Ao tratar da "adesão dos espíritos", Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005) estão se referindo à comunidade intelectual, que ainda segundo ele, deve ser bem conhecida por aquele que argumenta, pois é no contato dos "espíritos" que o argumentador vai desfrutar de condições ideais para exercer sua argumentação. Assim, eles acreditam que a argumentação não somente está diretamente relacionada com a adesão a uma tese, mas está também intrinsecamente ligada ao fato de desejar desencadear no outro, uma atitude ou reação.

Há certa confusão no que diz respeito à diferença entre argumentar, convencer e persuadir. Muitos fazem uma separação clara desses termos e de suas funções no discurso. Outros, como Reboul (2004, introdução p. XV), por exemplo, pensa um pouco diferente. Ele faz a seguinte afirmação:

Alguns distinguem rigorosamente "persuadir" de "convencer", consistindo este último não em fazer crer, mas em fazer compreender. A nosso ver essa distinção repousa sobre uma filosofia - até mesmo uma ideologia - excessivamente dualista, visto que opõe no homem o ser de crença e sentimentos ao ser de inteligência e razão, e postula ademais que o segundo pode afirmar-se sem o primeiro, ou mesmo contra o primeiro. Até segunda ordem, renunciaremos a esta distinção entre convencer e persuadir.

Assim, o autor deixa bem clara sua posição ao afirmar que não concorda com a distinção dos termos, pois acredita que em retórica "razão e sentimento são inseparáveis".

Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005, p. 30) já apresentam outro ponto de vista ao afirmar:

Para quem se preocupa com o resultado, persuadir é mais que convencer, pois a convicção não passa da primeira fase que leva à ação. Para Rousseau, de nada adianta convencer uma criança "se não se sabe persuadi-la".

Ou seja, o autor concorda com uma diferença nos aspectos práticos dos termos. E defende ainda uma diferença no campo de ação de cada um ao afirmar: "para quem está preocupado com o caráter racional da adesão, convencer é mais que persuadir", Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005, p. 30)

Abreu (2001, p. 25) em consonância com Perelman & Olbrechts-Tyteca, define essa diferença de forma bastante clara:

Convencer é construir algo no campo das idéias. Quando convencemos alguém, esse alguém passa a pensar como nós. Persuadir é construir no terreno das emoções, é sensibilizar o outro para agir. Quando persuadimos alguém, esse alguém realiza algo que desejamos que ele realize.

Se nos basearmos nas colocações de Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005), bem como Abreu (2005) não seria errado afirmar que, quando argumentamos, estamos tentando convencer o outro no plano das idéias; é um gerenciamento de informações onde tentamos transmitir informações que consideramos importantes, interessantes ou necessárias. Caso o intuito seja de persuasão, aí já nos transportamos para o campo das emoções, pois o interesse

passa a ser o da ação, ou seja, a meta e objetivo é levar o outro a fazer o que se deseja ou se considera importante, interessante ou necessário.

Em concordância com Reboul (2004, introdução p. XV) ao afirmar que "persuadir é levar alguém a crer em alguma coisa", Citelli (2005, p. 14) diz:

Persuadir é, sobretudo, a busca de adesão a uma tese, perspectiva, entendimento, conceito, etc. evidenciando a partir de um ponto de vista que deseja convencer alguém ou um auditório sobre a validade do que se enuncia. Quem persuade leva o outro a aceitar determinada idéia, valor, preceito.

E ele ainda afirma que, mesmo que o persuasor não esteja trabalhando com a verdade, seu esforço e objetivo maior é fazer com que sua tese se mostre, ainda que de forma similar, muito próxima da verdade, ou apenas que se assemelhe ao vero, ao original. E continua dizendo, "Verossímil é, pois, aquilo que se constitui em verdade a partir de sua própria lógica" (CITELLI, 2005, p. 15). Enfim, ele defende que o exercício de persuasão se dá de forma intensa e incisiva, sem se preocupar sequer com valores como a verdade. Para ele, a tarefa do persuasor se resume tão somente em buscar adesão às suas idéias e teses.

Quanto a isso, Reboul (2004, p. 8) declara:

Relativismo pragmático, tal parece ter sido a doutrina de Pitágoras. Não existe verdade em si, mas uma verdade de cada indivíduo, de cada cidade; e o importante é aquilo que lhe permite fazer-se valer e impor-se, que é precisamente a retórica.

Nessa linha de pensamento, na tarefa de persuadir e de atingir o alvo proposto, pode-se legitimar coisas até mesmo absurdas, como a violência, por exemplo, pois tudo se torna relativo, e vai se firmar como verdade dependendo do poder de persuasão. Segundo Reboul (2004), fica muito claro que a finalidade dessa retórica não é a busca da verdade, mas sim do poder, do domínio através da palavra.

Em acréscimo a tudo isso, Citelli (2005) afirma a existência de diferentes graus de persuasão, alguns mais perceptíveis e marcantes que outros. Assim sendo, faz-se necessário cautela e bom senso, para aqueles que se propõem a fazer qualquer análise ou estudo relacionados à área.

Enfim, devemos ser criteriosos não somente quanto à análise da persuasão, que já percebemos ser um tópico bastante delicado e cheio de controvérsias, mas devemos nos lembrar de que a análise do tema "convencer e persuadir" exigiu de estudiosos no passado, assim como exige dos que se interessam pelo assunto no presente, não apenas conhecimento e prudência, mas também muita perspicácia.

Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005, p. 31) afirmam:

Propomo-nos chamar *persuasiva* a uma argumentação que pretende valer só para um auditório particular e chamar *convincente* àquela que deveria obter a adesão de todo ser racional. O matiz é bastante delicado e depende, essencialmente, da idéia que o orador faz da encarnação da razão. Cada homem crê num conjunto de fatos, de verdades, que todo homem "normal" deve, segundo ele, aceitar, porque são válidos para todo ser racional.

Como ele mesmo afirma, a definição dos termos é um matiz delicado. Isso porque é possível perceber que o discernimento entre convencer e persuadir envolve diferentes pontos de vista de autores e pensadores de relevância.

Assim, essa é, sem dúvida, uma análise perigosa, que possui limites e semelhanças muito próximos, e que em certas situações realmente geram dúvidas ou provocam confusões. Definir se em um determinado instante o objetivo do falante é convencer ou persuadir, pode ser algo muito subjetivo e que, em certas situações, pode até mesmo sair das dimensões do campo técnico e invadir o campo pessoal.

Assim sendo, o que pode ser visto por alguém como estratégia para convencer, pode, ao mesmo tempo, ser percebido por outro, como estratégia de persuasão. Portanto, essa é uma tarefa a ser realizada com critério.

Ainda é Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005, p. 33) que dizem:

Nosso ponto de vista permite compreender que o matiz entre o termo *convencer* e *persuadir* seja sempre impreciso e que, na prática, deva permanecer assim. Pois ao passo que as fronteiras entre a inteligência e a vontade, entre a razão e o irracional, podem constituir um limite preciso, a distinção entre diversos auditórios é muito mais incerta, e isso ainda mais porque o modo como o orador imagina os auditórios é o resultado de um esforço sempre suscetível de ser retomado.

Ele não somente admite a proximidade da fronteira entre persuadir e convencer, mas levanta ainda a questão que envolve o auditório, um aspecto a ser considerado, e que também é cercado de incertezas. Trataremos ainda neste trabalho, mais detalhadamente, sobre a questão do auditório.

Apesar de conhecer diferentes correntes e de reconhecer a cientificidade de cada uma delas, e ainda de considerarmos importante todos esses aspectos que foram levantados, pretendemos, em nossa análise, nos vale das considerações que defendem Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005) e Abreu (2001). Ou seja, analisaremos o *corpus* com o foco na persuasão e no convencimento como aspectos distintos, sem, no entanto, desprezar as considerações dos outros autores, mas procurar extrair delas pontos que podem complementar e enriquecer o objetivo de nossa pesquisa.

A partir dessa visão, destacaremos alguns aspectos que consideramos importantes para nosso estudo. Com base na teoria de Reboul (2004), primeiramente abordaremos a capacidade de comunicar idéias e emoções.

3.1.2 *ETHOS, PATHOS E LOGOS*

Uma das regras de comunicação colocadas por Reboul (2004) refere-se justamente a esse ponto. O orador deve mostrar-se uma pessoa vivaz. Ele deve viver seu próprio discurso, entranhar-se nele e dar-lhe cor, dinamismo, vida e humor. Ser criterioso na escolha das palavras, de preferência, fazer uso daquelas que expressam sentimentos concretos, bem como observar o ritmo com que as pronuncia. Por fim, deve ser breve, pois ainda segundo o autor, a brevidade constitui a força das máximas.

Além disso, Reboul (2004, p. 64) afirma que o valor do discurso não se encontra nas regras, mas, sim, em quem o faz, e complementa, dizendo:

A vivacidade é capital para o etos, pois ela torna o discurso marcante, agradável, cativante; e, principalmente, confere-lhe o indispensável cunho de autenticidade. O verdadeiro estilo é o discurso onde é possível encontrar o seu autor.

Enfim, ele defende a idéia de que a vivacidade é elemento fundamental e que agrega valores consideráveis no discurso.

Reboul (2004), ao citar os pensamentos de Aristóteles com relação a este tema, cita os três tipos de argumentos que ele considerava instrumentos de persuasão: *etos* e *patos*, que são de ordem afetiva, e *logos*, que é racional. O autor afirma, ainda, que o *etos* é um tipo de afetividade que se mostra de forma calma, comedida, duradoura, submetida ao controle mental, e diz respeito ao orador. Ele afirma que conforme o público a que está falando, o orador apresenta *etos* diferentes.

Reboul (2004, p. 48) diz: "Note-se que *etos* é um termo moral, 'ético', e que é definido como caráter moral que o orador deve parecer ter, mesmo que não o tenha de veras."

Tal afirmação pode provocar desconforto, pois apresenta um caráter moralmente constrangedor. Reboul (2004) defende seu raciocínio afirmando que o fato de um orador ser sincero, sensato e simpático e não parecer, ou não saber demonstrar tudo isso, é igualmente constrangedor.

Já o *patos* se refere mais a uma afetividade súbita, violenta, irreprímível, portanto irresponsável, e diz respeito ao auditório. Segundo Reboul (2004), o *patos* é um conjunto de sentimentos e emoções que o orador deve suscitar no auditório com seu discurso. E quanto mais esse orador tiver conhecimento da psicologia das diversas paixões, mais abrangente será sua abordagem.

Reboul (2004, p. 48) afirma ainda que "o *etos* já não é o caráter moral que o orador deve assumir, mas o caráter psicológico dos diferentes públicos, aos quais o orador deve adaptar-se."

Quintiliano, que dedicou longo estudo ao *etos* e ao *patos*, citado por Reboul (2004), também distingue bem os dois tipos de afetividade, mas sem definir nitidamente que um é do orador e a outra do auditório.

O *logos* diz respeito à argumentação propriamente dita do discurso.

Pretendemos, em nossa análise, verificar como estes elementos, em especial o *etos* e o *patos*, são articulados pelo palestrante, e como ou quando eles acontecem.

3.1.3 GERENCIANDO RELAÇÕES

Reboul (2004, p. 55) diz, ao referir-se ao exórdio, ou seja, introdução, que sua função é essencialmente fática, "tornar o auditório dócil, atento e benevolente". E Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005, p. 21) afirmam: "Esse contato entre o orador e seu auditório não concerne unicamente às condições prévias da argumentação: é essencial também para todo o desenvolvimento dela".

Ou seja, ambos concordam que o contato inicial com o auditório, os primeiros momentos de interação com àqueles a quem se deseja falar, são de extrema importância.

Antes de argumentar, é preciso um ambiente favorável e propício, mais que isso, como afirmam Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005, p. 17), há necessidade de um envolvimento dos espíritos. Esses autores afirmam ainda que: "O mínimo indispensável à argumentação parece ser a existência de uma linguagem em comum". Assim, é de considerável importância, para o orador, fazer parte do mesmo meio de seu auditório. Eles afirmam que a convivência, ainda que sejam discussões frívolas e sem interesse aparente, contribui e facilita a realização das condições prévias para o contato dos espíritos.

Como afirma Aristóteles, quanto mais o orador conhece seu auditório, melhor irá se adequar a ele. Por certo, uma imagem distorcida ou incompleta do auditório, pode gerar consequências desagradáveis.

Notamos que tanto Aristóteles, Reboul (2204), Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005), como Abreu (2001), que vê na atitude do auditório um sinalizador, que indica ao orador atento o caminho a seguir consideram de grande importância o contato com o auditório.

Portanto, em primeiro lugar, o orador deve se preocupar com seu público e com o contato que mantém com ele, para só depois tentar convencê-lo ou persuadi-lo, pois o caráter intemporal do público é igualmente relevante para àquele que se propõe a argumentar.

Se considerarmos o que afirma Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005, p. 32):

A distinção que propomos entre persuasão e convicção explica indiretamente o vínculo que se costuma estabelecer, ainda que confusamente, de um lado entre persuasão e ação, do outro entre convicção e inteligência. Com efeito, o caráter intemporal de certos auditórios explica que os argumentos que lhes são destinados não constituem um apelo à ação imediata.

Chama-nos a atenção o fato de Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005) enfatizarem o caráter intemporal do público; caráter esse, que no processo de persuadir ou convencer, quando a argumentação resulta em ação, essa tanto pode ser imediata, como também acontecer tardiamente. Ou seja, é possível, em função da intemporalidade que envolve as pessoas, uma ação tardia como resultado de uma argumentação efetuada no passado.

ORADOR, AUDITÓRIO e DISCURSO

Abreu (2001), sustentado pelas teorias de Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005), esquematiza algumas condições básicas para argumentação. Em primeiro lugar, ele coloca como condição básica para qualquer argumentação, ter uma tese definida e saber para que tipo de problema essa tese é resposta. Uma segunda condição básica para qualquer argumentação é ter uma linguagem comum com o auditório.

Importante ressaltar que, para que um discurso alcance o objetivo desejado, durante todo o processo de exposição, o orador deve manter certa sensibilidade em relação a seus ouvintes, bem como fazer uso de certas regras. As regras apontadas por Reboul (2004 p. 63) são:

- a primeira é da convivência, ou seja, o orador eficaz adota o estilo que convém a seu assunto.
- a segunda regra é a da clareza. Para Reboul (2004, p. 63), ser claro "é pôr-se ao alcance de seu auditório concreto".

- o terceiro ponto para condições básicas para argumentação é ter um contato positivo com o auditório, que nada mais é que o gerenciamento de relações, que expomos a pouco. E um bom termômetro para isso é observar o outro, é ver sua postura corporal, expressões faciais, gestos e outros detalhes pequenos, mas igualmente importantes, que são capazes de passar informações preciosas ao locutor atento.

O auditório deve ser objeto de observação constante do orador que realmente pretende influenciá-lo. Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005, p. 22) afirmam: "É por essa razão que, em matéria de retórica, parece-nos preferível definir o auditório como o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação." Ou seja, para uma argumentação efetiva, quanto maior a proximidade do auditório com o orador, mais abrangente será o resultado de sua argumentação.

Reboul (2004, introdução p. XIX) afirma que: "para ser persuasivo, o orador deve antes compreender os que lhe fazem face, captar a força da retórica deles, bem como seus pontos fracos". Em suma, o orador precisa ser sensível o suficiente para antes mesmo de passar sua própria mensagem, absorver, por meio das reações do seu público, a mensagem que esse lhe passa.

Importante destacar nesse ponto a diferença que Reboul (2004) faz entre a comunicação de massa e a multidão. Para ele, a comunicação de massa é sempre indireta e depende de meios de comunicação modernos e grandes para que exista. Já a multidão, que ele caracteriza como conjunto de pessoas reunidas para algum fim, apresenta uma característica muito marcante, a de reação imediata à mensagem que recebe.

- Por fim, a quarta condição, e também considerada por Abreu (2001) a mais importante de todas elas, é agir com ética. Um cuidado que deve ser tomado para que a argumentação não se torne manipulação. Abreu (2001, p. 40) defende, de maneira muito comprometida, a verdade, e ainda afirma que "para ter credibilidade é preciso apenas comportar-se de modo verdadeiro, sem medo de revelar propósitos e emoções".

Com relação à verdade, Reboul (2004, p. 6) faz uma citação do discurso de Górgias, *Elogio de Helena*, que diz o seguinte: "Quando pessoas não têm memória do passado, visão do presente, nem adivinhação do futuro, o discurso enganoso tem todas as facilidades. (Lês présocratique, p. 1033)". Enfim, ele coloca sobre a palavra um peso muito grande, e quando ela não é submetida a um critério externo, torna-se extremamente cercada de perigos.

E é ainda Reboul (2004, p. 8) que recorda as teses de Protágoras "o homem é a medida de todas as coisas". O que compromete em muito a verdade, pois dessa forma as coisas são como aparecem ao homem, e um relativismo invade a questão, pois passa a existir uma verdade de cada indivíduo.

E ele ainda afirma: "o importante é aquilo que lhe permite fazer-se valer e impor-se, que é precisamente a retórica" (REBOUL, 2004, p. 8). Ou seja, a verdade aqui está subjugada à retórica. Está muito mais comprometida com o poder do que com o saber.

Tal fato está diretamente relacionado com questões éticas ou de interesses particulares, e deve ser sempre observado pelo orador.

3.1.4 CONVENCENDO AS PESSOAS

Qualquer discurso bem estruturado é composto por três partes bem definidas: A introdução, momento em que ocorrem os primeiros contatos com o receptor; a narração, em que o orador desenvolve a maior parte do seu raciocínio, e na qual encontramos também uma diversidade maior de argumentos, e, por fim, a peroração, que diz respeito à parte final do discurso, em que o orador procura sintetizar suas idéias e efetivar seus argumentos.

Cada uma dessas partes do discurso possui características distintas e visam atuar de forma específica no processo argumentativo do discurso.

3.1.4.1 Introdução

Nesse processo de convencimento, Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005) defendem a tese de que há necessidade de um acordo entre o orador e seus ouvintes. Eles defendem a idéia de uma espécie de "premissas" que servirão de fundamento e que precisam ocorrer entre as partes para que haja adesão por parte dos ouvintes.

Abreu (2001), com base nesse conceito, defende a idéia de que é preciso ter uma tática especial, uma estratégia que exige cuidado redobrado. Para ele, não se deve partir diretamente para a tese principal. Ele crê que uma tese secundária, a qual também denomina como tese de adesão, e Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005) nomeiam como premissas, seria mais amena e convincente, e ainda prepararia melhor as pessoas para receberem a tese principal.

O processo de acordo entre o orador e seus ouvintes que Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005) abordam, abrange tudo que pode cooperar na construção de uma crença, ou aquilo que pode provocar adesão a uma argumentação qualquer. Assim, ele apresenta argumento de ordem explícita ou implícita que pode contribuir para a adesão de uma tese que se pretende defender.

Dessa forma, baseadas em fatos ou em presunções, ou em argumentos explícitos ou implícitos, a tese secundária, que apresenta-se de forma mais amena e familiar ao ouvinte, funcionaria como trampolim; e daria não somente sustentação, mas também mais estabilidade à tese principal.

E lógico que é preciso haver uma compatibilidade entre a tese de adesão inicial e a tese principal. E há sempre a necessidade de algumas técnicas argumentativas que estabeleçam ligações entre essas teses, ou acordo, os quais Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005, p. 76) esclarecem que quando bem trabalhado, em certas condições, deixa de ser apenas fato e torna-se um argumento muito forte: "o fato como premissa é um fato não-controverso."

Eles ainda afirmam:

Fala-se geralmente de fatos para designar objetos de acordo precisos, limitados; em contrapartida, designar-se-ão de preferência com o nome de verdades sistemas mais complexos, relativos a ligações entre fatos, que se trata de teorias científicas ou de

concepções filosóficas ou religiosas que transcendem a experiência. (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.77)

Assim, no momento do acordo, ou das premissas, o uso de fatos que se limitam a experiências são aceitáveis; mas o uso de verdades, que dizem respeito a teorias científicas, ou ainda o uso de conceitos relativos a concepções filosóficas ou religiosas também compõem esse quadro, e funcionam como instrumentos que não apenas facilitam, mas estruturam a articulação do acordo.

3.1.4.2 Narração

Em seguida passa-se à *narração* propriamente dita. É nesse momento que o orador começa a expor os fatos referentes à causa que defende. Inicia-se uma nova fase do discurso. É também a parte mais extensa.

Reboul (2004, p. 56) afirma que "é na narração que o logos supera o etos e o patos", ou seja, o caráter racional sobrepõe ao afetivo. Ele ainda acrescenta que para que a narração seja eficaz, "ela deve ter três qualidades: clareza, brevidade e credibilidade".

É dentro da narração que muitos processos se dão. Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005), dentro da tese que defendem, apresentam uma linha de pensamento que gostaríamos de abordar. São argumentos e estratégias que contribuem para que o processo de narração aconteça de forma mais clara, precisa e menos abstrata. Esses argumentos e estratégias são, na verdade, um conjunto de elementos usados pelo locutor com o objetivo único de se fazer compreender, e conseqüentemente, atingir seu público alvo de forma plena.

Durante a narração, encontramos a maioria das técnicas argumentativas: como por exemplo, os argumentos quase lógicos e suas ramificações; ou os argumentos baseados na estrutura do real, e suas subdivisões.

O processo de escolha desses argumentos, isto é, quando e como usar cada um, depende unicamente do orador, que segundo Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005, p. 524) estará sempre focando a força que cada argumento possui:

"tanto pela dificuldade que haveria para refutá-lo como por suas qualidades próprias".

Ressaltamos ainda que esse é um processo complexo e normalmente não se apresenta como um acontecimento isolado, a afirmação de Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005, p. 214) respaldam essa idéia: "a argumentação se caracteriza por uma interação constante entre todos os seus elementos".

3.1.4.2.1 *Técnicas argumentativas*

Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005) trabalham com dois grupos de argumentos: os argumentos quase lógicos e os argumentos fundamentados na estrutura do real.

3.1.4.2.2 *Argumentos quase lógicos*

São classificados como argumentos quase lógicos por se compararem a raciocínios formais, lógicos e matemáticos, conseqüentemente, pretendem certa força de convicção. Segundo Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005, p. 220) são caracterizados ainda por "seu caráter não formal e o esforço mental de que necessita sua redução ao formal."

Os argumentos quase lógicos se apresentam, em geral, de uma forma mais explícita. Apesar de sua ampla extensão, nos limitaremos a citar apenas os listados abaixo, dos quais buscaremos exemplos práticos no *corpus*:

- *Regras de justiça* – referem ao tratamento idêntico a seres e situações integradas em uma mesma categoria.
- *Argumento de retorsão* – é uma réplica feita utilizando os próprios argumentos do interlocutor.
- *Argumento do ridículo* – consiste em criar uma situação irônica.

- *Argumento de definição* – consiste em definir, esclarecer algo.

3.1.4.2.3 Argumentos fundamentados na estrutura do real

Os argumentos fundamentados na estrutura do real são assim definidos por Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005, p. 297):

Enquanto os argumentos quase-lógicos têm pretensão a certa validade em virtude de seu aspecto racional, derivado da relação mais ou menos estreita existente entre eles e certas fórmulas lógicas ou matemáticas, os argumentos fundamentados na estrutura do real valem-se dela para estabelecer uma solidariedade entre juízos admitidos e outros que se procura promover.

Ou seja, os argumentos fundamentados na estrutura do real, são argumentos que estão diretamente ligados com o juízo, ou o julgamento. É preciso que haja uma racionalidade atrelada ao senso crítico para que ele se estabeleça de forma eficaz. São eles:

- *Argumentos pragmáticos do desperdício* — Este argumento consiste em dizer que uma vez iniciado um trabalho, é preciso ir até o fim para não perder o tempo e o investimento.
- *Argumento pragmático do exemplo* — ocorre quando sugerimos imitações das ações de outras pessoas.
- *Argumento pragmático do modelo* — o modelo é mais que exemplo, é digno de imitação. Para operar a refutação de um modelo, basta recusá-lo para mostrar que o adversário não está extraindo dele o verdadeiro sentido.
- *Argumento pragmático do antimodelo* — segundo Montaigne (apud ABREU, 2001), ele é muito mais eficaz que o próprio modelo.
- *Analogia* — consiste em pontos de semelhança entre coisas diferentes.

3.1.4.2.4 Recursos de presença

Para dar maior visibilidade aos argumentos, Abreu (2001) trata dos recursos de presença, que certamente vêm complementar os aspectos argumentativos. Ele acredita que as histórias são o maior recurso de presença a ser utilizado. A esse respeito, Abreu (2001, p. 70) afirma: "Um argumento ilustrado por recurso de presença tem efeito redobrado sobre o auditório". Assim, o autor não somente valoriza, mas também incentiva o uso desse recurso.

Na verdade, o recurso de presença está extremamente ligado a levar o ouvinte a uma experiência mais palpável, mais prática, dando a ele uma idéia mais precisa do que se quer transmitir. É como que tirá-lo do abstrato e levá-lo para dentro de um contexto mais claro e cotidiano, e introduzi-lo nesse meio, como parte integrante. Ainda que por imaginação, ele certamente vai absorver melhor essas idéias, colocando-se no lugar do outro e sendo envolvido por sentimentos e emoções que influenciam o modo de pensar e agir.

É um tipo de persuasão que se sensibiliza e se volta para os valores do outro. Importante considerar que "Aquele que quer persuadir deve saber previamente quais são os verdadeiros valores de seu interlocutor ou do grupo que constitui o seu auditório" (ABREU, 2001, p. 75).

Ressaltamos o que diz Reboul (2004) a respeito da retórica e do cristianismo. Segundo ele, os cristãos aceitavam a escola romana e a cultura que ela vinculava por duas razões básicas: a primeira porque a igreja não podia prescindir da retórica; e a segunda porque a própria Bíblia é profundamente retórica, cheia de metáforas, alegorias, jogos de palavras e argumentações. E ele ainda afirma:

Portanto, a Bíblia era um modelo, porém, mais ainda, um problema. Com efeito, não bastava ser lida, precisava ser compreendida; e, para interpretá-la, nunca era demais utilizar todos os recursos da retórica. A hermenêutica da Idade Média é toda alegórica: propõe que todo o texto bíblico tem outro sentido além do literal. (REBOUL, 2004, p. 78).

De acordo com esse pensamento, que, aliás, apesar de ter emergido na Idade Média, perdura ainda hoje no meio evangélico, é a própria Bíblia, que muitas vezes necessita ser interpretada e não somente lida. Tal aspecto, ou seja, o que diz respeito a diversidade de interpretação que se esconde em um texto bíblico, dá base sólida para os argumentos apresentados pelo palestrante em estudo. A Bíblia o respalda ao colocar-se, por si só, como verdade inquestionável, mesmo que, ao mesmo tempo, e ironicamente, traga uma verdade que precisa ser interpretada.

3.1.4.3 Peroração

Depois dessa parte mais extensa denominada narração, em que o orador adota um estilo mais simples (tênue) para explicar e informar, é o momento da peroração, ou seja, a parte final do discurso, que deve ser feita com excelência, pois é nesse ponto que a afetividade se une à argumentação. A peroração é considerada por Reboul (2004) a alma da retórica. E ele ainda diz que o orador eficaz, nesse momento, abandona o estilo ameno (delectare), e passa a fazer uso do discurso com um estilo mais nobre, exatamente para comover (moveré).

Reboul (2004, p. 97) declara:

Numa argumentação, a conclusão não é, ou não é só um enunciado sobre o mundo; ela expressa acima de tudo o acordo entre os interlocutores. Ela deve ser mais rica que as premissas. Em segundo lugar, a conclusão é reivindicada pelo orador como algo que deve impor-se, encerrar o debate.

Tal afirmação leva-nos a crer que, ao perorar, o orador deve esmerar-se ao máximo e concentrar atenções mais intensas que as dispensadas nas premissas. Seu foco nos interlocutores não pode se desviar. A conclusão deve alcançá-los de maneira plena e irrefutável.

3.1.5 DISCURSOS DIVERSOS

De acordo com Rodrigues (2007), consideramos relevante abordar algumas formas de discurso, bem como suas características mais marcantes, com o intuito de proporcionar uma melhor compreensão do estilo do discurso que estamos abordando, o religioso, ao qual daremos maior destaque na análise.

Citelli (2005) classifica algumas formações discursivas e as apresenta em grupos diversos, como o discurso dominante, que se sedimenta socialmente em convenções, princípios éticos, códigos de conduta, etc.

E inevitável notarmos que o discurso do palestrante que estamos analisando se firma de forma muito segura nesses sedimentos. Tal aspecto concede a Soares uma autoridade a mais, o que, conseqüentemente, fortalece seu discurso.

Temos também o discurso autoritário que é o discurso das instituições, entendidas aqui como o judiciário, a igreja, o exército, a escola, a medicina etc, que de certa forma influenciam as formações discursivas regulando as retóricas profissionais, ou seja, é perceptível quando alguém de uma determinada área se apropria das formas e da força que o discurso dessa instituição lhe concede.

E como observa Marilena Chauí (1981, p. 7):

O discurso competente confunde-se, pois, com a linguagem institucionalmente permitida ou autorizada, isto é, com discurso no qual os interlocutores já foram previamente reconhecidos como tendo o direito de falar e ouvir.

Assim, sentindo-se autorizados pelas instituições, os locutores apresentam um discurso que se impõe aos interlocutores, determinando a eles uma série de condutas pessoais.

Não podemos negar que esse discurso registra forte marca persuasiva. É um discurso exclusivista onde o eu se sobressai de tal forma, a ponto de anular quase que totalmente a interferência do tu. Aquele que fala se revela como a voz da verdade. Tal aspecto revela preocupações; o perigo da dominação, por exemplo, é uma delas. Como afirma Cilelli (2005, p. 52), "é onde o mundo do diálogo perde a guerra para o mundo do monólogo".

Em alguns casos, esse discurso tenta ainda fazer com que as verdades de uma instituição expressem a verdade de todos. E, desta forma, ele se apresenta não apenas autoritário, mas persuasivamente desejoso de aplainar as diferenças.

Não se pode negar que em muitos casos, em função das instituições, existem também os discursos autorizados, que são os discursos que vêm de algumas pessoas: professor, médico, jornalista; e outros que não estão ligados a nenhuma delas, mas que, de alguma forma e por alguma razão, também são revestidos de autoridade, como pessoas idosas, patrão, pais etc.

E ainda o discurso polêmico, que vem para arranhar o discurso político constituinte. Ele está presente quando surgem as dúvidas, e logicamente é um discurso necessário e saudável para qualquer sociedade.

Na verdade, diferentes discursos, apesar de suas subdivisões, são, vez ou outra, atravessados por outros discursos. Ou seja, é muito difícil encontrarmos um discurso que seja puramente de um único modelo organizacional.

E nesse ponto, a partir do que afirma Citelli (2005), percebemos que, no discurso religioso, encontramos facilmente a persuasão. Existe nele um grau muito elevado de paroxismo autoritário, isso porque o eu enunciador não pode ser questionado, visto ou analisado, pois representa naquele momento a voz de Deus.

Interessante como, ao mesmo tempo, esse enunciador reveste-se de um poder intenso e confuso. Ele representa, concomitantemente, o nada, pois quem fala não é ele, mas Deus através dele, e o tudo, pois ele está revestido de total autoridade para proferir aquelas palavras. E Citelli (2005, p. 61) diz:

Estamos diante de um discurso de autoria sabida, porém não determinada, visto que a fala do agente se constrói como verdade não sua, mas do outro, aquele que, por ser considerado determinação de todas as coisas, engloba as falas do rebanho. Não deixa de ser uma situação curiosa estar diante da mais visível forma de persuasão e do mais invisível eu persuasivo.

Atrelado a isso, ainda há também uma série de outros mecanismos que acentuam a persuasão no discurso religioso. Exemplo disso os termos "creio" e "acredito", que são constantemente usados pelo falante.

Também existe nele a função emotiva, que está diretamente interligada com a fé. E em muitos momentos, por se tratar de assuntos e temas bastante abstratos, o uso das metáforas ganham um significado especial.

É ainda o constante uso de parábolas e da paráfrase, bem como a evocação alegórica, conectados à presença do texto bíblico. Sem falar, é claro, no uso dos constantes chavões, os quais Umberto Eco (1971) diz possuírem a força

dos sintagmas cristalizados, Como nos exemplos de R. R. Soares "Oh! Senhor", "todo poderoso", "criador", "nosso Senhor", "Aleluia" etc.

Interessante ressaltarmos que em certos momentos esse discurso se vê fortemente influenciado por algumas características do discurso político, que como afirma Citelli (2005), toma a palavra como espetáculo.

Enfim, no discurso religioso, nos parece que o campo de ação deixa de ser a razão e se transporta para o campo da emoção. Isso, obviamente, gera certo comprometimento e cumplicidade entre enunciador e destinatário, mesmo porque, ainda segundo Citelli (2005), essas expressões, com tom apelativo, carregam uma carga afetiva muito grande.

3.1.6 A PERSUASÃO ESTÁ SEMPRE PRESENTE?

Citelli (2005, p. 93) faz algumas perguntas interessantes: "É possível a existência de um discurso não-persuasivo? Todos os discursos visam persuadir acerca de alguma coisa?" cremos que tais questionamentos devem também fazer parte do nosso estudo. Para respondermos a essas perguntas levando em conta um universo mais amplo, abordando os vários tipos e graus de persuasão, precisamos, primeiramente, considerar parte da entrevista concedida por Umberto Eco (1998, p. 280) a Augusto de Campos, e que se encontra em adendo ao livro do primeiro:

A maior parte dos discursos que fazemos nas relações com os nossos semelhantes é discurso de persuasão. Temos necessidade de persuadir e ser persuadido. O discurso persuasivo, em si mesmo, não é um mal; só o é quando se toma o único trâmite da cultura, quando prevarica, quando se torna o único discurso possível, quando não é integrado por discursos abertos.

A argumentatividade está inerente à própria linguagem. Por esse foco, é possível afirmar que a persuasão está muito presente em nossas relações do dia-a-dia. A forma como Umberto Eco a define, dá-nos a idéia de que ela se coloca de maneira entranhada na maioria de nossas falas. E ele ainda completa que, se bem utilizada, ela não é um mal, pois destaca a idéia de que temos necessidade de

persuadir e ser persuadido. Talvez ele afirme isso baseado na idéia de que implícito na persuasão está o raciocínio, bem como o diálogo e o debate.

Cientes de todos esses fatos, fica-nos a questão: é possível fugir da persuasão? E provável que não caiba à linguística a preocupação de julgar se a persuasão está presente em todos os discursos, ou ainda, se a arte de persuadir é algo bom ou ruim. Tão somente estamos evidenciando aqui os diferentes campos de conhecimento em que ela atua, alguns de forma mais ressaltada, outros de maneira mais amena, como a arte, por exemplo, onde a natureza persuasiva não é tão incisiva, e pode-se dizer até que, em certos momentos, ela chega a ser antipersuasiva.

O importante, no entanto, é uma análise equilibrada, pois a persuasão não é um mal. Mas pode haver o perigo dela não encontrar espaço, e assim, desencadear uma ausência de diálogo, liberdade de pensamento, e conseqüentemente um controle excessivo, onde o discurso se torna algo único, incontestável, seja ele verdadeiro ou não. Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005, p. 581) afirmam:

Apenas a existência de uma argumentação, que não seja nem coerciva nem arbitrária, confere um sentido à liberdade humana, condição de exercício de uma escolha racional. Se a liberdade fosse apenas adesão necessária a uma ordem natural previamente dada, excluiria qualquer possibilidade de escolha; se o exercício da liberdade não fosse fundamentado em razões, toda escolha seria irracional e se reduziria a uma decisão arbitrária atuando num vazio intelectual.

O autor mostra que há necessidade de raciocínio equilibrado, liberdade de escolha, e especialmente o exercício da razão, para que a argumentação não se torne arbitrária, coerciva e vazia.

Reboul (2004, p. 16) complementa esse raciocínio e alerta para o perigo da persuasão a todo custo, afirmando: "Pois, afinal, mesmo a serviço de uma boa causa, a arma continua sendo uma arma, e não é infalível que o seu poder seja sempre totalmente controlável".

Ou seja, mesmo para aqueles que conhecem profundamente as técnicas, os caminhos, os efeitos, e todas as regras referentes à persuasão, não deveriam se esquecer do poder que ela carrega em si, e da necessidade e responsabilidade de articular esse poder de forma sábia, equilibrada e sensata. Pois

do contrário, o poder de persuadir, ou argumentar pode, assim como uma arma mal manuseada, causar danos para todos que se vêm envolvidos, ou seja, ao argumentar, usam estratégias para obter a adesão do auditório. Uma delas, a prosódia, que será tratada na sessão a seguir.

3.2 RECURSOS PROSÓDICOS

Como nosso interesse nessa pesquisa incide sobre as características de um texto falado e visando analisar os aspectos prosódicos presentes no *corpus*, valer-nos-emos das considerações feitas por Cagliari (1999) e Bollela (2006), as quais postulam que os elementos prosódicos podem exercer, no discurso, diferentes funções linguísticas.

O objetivo de nos dedicarmos à pesquisa dos aspectos prosódicos nesse momento tem como alvo não somente apresentar alguns aspectos relevantes da teoria prosódica para análise do *corpus*, mas ainda abordar questionamentos que consideramos relevantes e necessários para o tema em estudo, tais como:

- O grau de ingerência da prosódia como instrumento de persuasão no discurso religioso atual?
- Os recursos prosódicos, quando bem utilizados, funcionam como ferramentas que facilitam a persuasão?
- Tais recursos exercem algum papel específico no texto?

Acreditamos que tais questionamentos devem ser avaliados por fazerem parte de um conjunto teórico que se complementa ao analisarmos a influência da prosódia no discurso.

Creemos também que a teoria apresentada neste capítulo nos permitirá fazer uma avaliação mais precisa do papel desempenhado pelos elementos prosódicos no *corpus* analisado.

Além dos autores citados, para efetuarmos a análise do texto oral selecionado, contaremos com os recursos tecnológicos do programa de computação

Sound Forge, para verificação os marcadores prosódicos que mostram através de espectrogramas, as variações de volume, velocidade, pausa, entre outros, dos trechos do texto falado analisado, e que certamente nos servirá como rica fonte de pesquisa. O programa nos auxiliará na averiguação e análise dos recursos mais utilizados pelo palestrante, da forma como eles acontecem e do momento em que ocorrem.

3.2.1 O QUE É PROSÓDIA?

Para descrever o termo prosódia valer-nos-emos das idéias expostas por Bollela (2006) a esse respeito.

Segundo a autora, o termo prosódia já foi palco de muita discussão, e a princípio era utilizado, especialmente pelos gregos, para representar traços da fala que não eram representados ortograficamente, e que só mais tarde foram introduzidos na escrita por meio de símbolos ortográficos. Assim, prosódia tratava da correta acentuação tônica das palavras. Cometer um erro de prosódia, por exemplo, seria transformar uma palavra paroxítona em oxítona, ou deslizes semelhantes a estes.

Mais tarde também, o termo foi usado por teóricos e críticos literários para se referirem às métricas poéticas, bem como ao ritmo da poesia e da prosa.

Apesar de ser uma visão descartada pelos especialistas em fonéticas e fonologia, as Gramáticas Normativas atribuem ao termo *prosódia* a acepção marginal de ortoépia, que trata da pronúncia correta das palavras, ou seja, o foco concentra-se ao "bom dizer" ao "sotaque".

Já para a linguística atual, o termo está relacionado ao conjunto de fenômenos fônicos, que está além da representação puramente segmental linear dos fonemas. A prosódia é parte da fonética que estuda a pronúncia das palavras e das frases.

As vogais e consoantes, na fala, consideradas como segmentos, são complementadas pelos elementos prosódicos. Segundo Cagliari (1992), esses elementos prosódicos, ou supra-segmentais, são elementos diferentes dos

segmentos em natureza fonética e que caracterizam unidades maiores do que os segmentos, sendo pelo menos da extensão de uma sílaba.

Ainda conforme Cagliari (1992), tais elementos podem ser agrupados em três grupos diferentes.

O primeiro deles trata dos elementos prosódicos da variação da altura melódica. Tais elementos estão diretamente relacionados com a tessitura, por exemplo, que diz respeito às oscilações, mais grave, ou mais agudas, que deslocam a escala melódica da fala.




Outro elemento que compõe esse grupo é a entonação, variação melódica ascendente ou descendente. Também faz parte deste conjunto, o tom, variação melódica que, nas línguas tonais, se dá no espaço de sílaba. E por fim o acento frasal que ocorre quando há uma mudança significativa da direção do nível melódico em determinada sílaba.

O segundo grupo é formado pelos elementos prosódicos de variação de duração. Um deles é o ritmo, que se caracteriza pela expectativa de uma repetição das saliências fônicas marcadas por durações estabelecidas. Outro é a duração, que nada mais é que a prolação alongada de elementos da fala. O terceiro é o acento, que revela as ondulações rítmicas da fala. O quarto é a pausa, silêncio na fala em meio a enunciados, com a função de segmentação da mesma. Existe ainda a concatenação, junção de palavras que definem a maneira como as pausas ocorrem em um enunciado. E, por fim, a velocidade da fala, que se refere à rapidez ou lentidão com que se dá um enunciado.

O terceiro grupo é composto pelo elemento prosódico de intensidade sonora, o volume, que é a variação de intensidade da voz, alta ou baixa.

Cada um desses elementos, ao ser utilizado pelo falante, revela uma intenção que vai além do significado simples e puro de cada palavra ou expressão. Eles funcionam como sinalizador para o ouvinte, indicando atitudes de persuasão, timidez, respeito, perigo, ironia, perturbação, dor, hesitação; ou quando o falante pretende colocar uma argumentação mais importante; ou ainda como estratégia para chamar a atenção ou impressionar o interlocutor.

Assim sendo, são elementos que não podem, de forma alguma, ser desprezados dentro do contexto a que pertencem. Estão revestidos de essência prosódica e, conseqüentemente, estão carregados de significação.

Em suma, a prosódia se ocupa da intensidade, entoação, tons, ritmos, etc. São os marcadores prosódicos que abrangem os contornos entonacionais (ascendentes [], descendentes [] constantes []); as pausas (silenciosas ou preenchidas); o tom de voz, o ritmo, a velocidade, os alongamentos de vogais, etc.

Tais elementos prosódicos exercem no texto falado, entre outras, a função linguística pragmática, isto é, aquela que revela a atitude do falante. Esses aspectos podem ser analisados segundo texto elaborado por Bollela (2006) intitulado *A prosódia como instrumento de persuasão*, em que a autora descreve as principais funções linguísticas desempenhadas pelos elementos supra-segmentais na língua portuguesa e explica o modo como esses elementos podem ser usados como recurso de persuasão no discurso oral.

A partir desse texto, podemos entender melhor de que modo os elementos prosódicos corroboram os elementos textuais na construção da persuasão no discurso oral.

Apesar de sua abrangência e riqueza, nos limitaremos a analisar os seguintes elementos prosódicos no *corpus*:

- tessitura e entonação, que, segundo Cagliari (1992), fazem parte do primeiro grupo, que trata da variação da altura melódica;
- pausa e velocidade da fala, que são componentes do segundo grupo, e que dizem respeito à variação da duração;
- volume, que compõe o terceiro grupo, o da intensidade sonora.

Conhecendo tais aspectos, e conscientes de suas ingerências no discurso, submeteremos o *corpus* à análise de alguns dos elementos pertencentes aos grupos acima citados.

Sabendo que a seleção dos elementos prosódicos deve ser feita de acordo com a especificidade do *corpus*, procuramos selecionar tão somente aqueles elementos mais relevantes, aqueles que de alguma forma vão corroborar de maneira direta a persuasão e a construção da argumentação no *corpus* selecionado.

Segundo pesquisadores como Bollela (2006) e Cagliari (1999), os recursos prosódicos possuem funções vitais dentro do discurso e sua ingerência dentro dele é inquestionável. Tais recursos, quando utilizados, provocam reações, instigam, chamam a atenção, e não passam de maneira despercebida. Ou seja, os aspectos prosódicos atrelados aos argumentativos, bem como aos aspectos textuais, podem provocar diferentes efeitos no discurso.

De acordo com o que percebemos nas ponderações dos teóricos, os recursos prosódicos enfatizam de forma explícita o que se deseja transmitir: irritação, autoridade, medo, raiva, insegurança etc.

4 ANÁLISE DA INTERAÇÃO DOS ASPECTOS PROSÓDICOS E ARGUMENTATIVOS

Neste capítulo, pretendemos demonstrar as áreas abordadas na teoria que acabamos de expor – prosódia e argumentação – na medida em que cada uma delas se destaca no *corpus*, e, principalmente, analisar como cada uma delas participa na construção do texto oral analisado.

É também nossa intenção verificar se a incidência de elementos prosódicos é capaz de exercer no *corpus* um papel diferenciado.

Sendo assim, mostraremos a partir de excertos da pregação de R.R. Soares, a forma como o palestrante faz uso dos recursos prosódicos.

Com objetivo de interação com seu público o orador pretende a partir de seu texto, provocar mudanças de comportamento no público que o ouve. Isso fica explícito em vários momentos de sua fala, os quais poderão ser observados nos exemplos expostos neste capítulo.

No texto vemos que se destacam em grande número as sequências argumentativas, que tem como objetivo convencer o destinatário a agir de certo modo ou em certa direção.

O gênero pregação, que pode ser exposto pelo locutor por meio de leitura ou não, apresenta, neste caso, características informais. O locutor expõe o tema de forma espontânea e, apesar de em alguns momentos parecer ler pequenos trechos, na maior parte do tempo, apenas segue um roteiro estabelecido anteriormente.

Um fato que nos chama atenção e que merece ser destacado é o de que a pregação (apesar de ser transmitida em sua maior parte como texto oral, não lido), se observada puramente como um material que foi anteriormente pesquisado, preparado e elaborado para ser transmitido para um determinado grupo de pessoas, apresenta complexidade, formalidade e abstração, características-pertinentes do texto escrito.

Podemos fazer essa afirmação, por saber que esta pregação faz parte de um álbum do missionário R. R. Soares chamado “Curso Fé” e que obviamente mereceu pesquisa e estudo do locutor antes de externá-lo, ao público, além de

exemplos extraídos da pregação, em que podemos confirmar atitudes do pregador, o qual apresenta, em vários pontos, informações técnicas claramente preparadas de antemão que respaldam seu ponto de vista.

Vale ressaltar que, como veremos em alguns exemplos, em muitos momentos, tais pesquisas reforçam algum aspecto argumentativo que o orador defende. E ainda, ao serem expostas pelo palestrante, são constantemente articuladas pelos recursos prosódicos.

Sendo assim a pregação revela, ao mesmo tempo, uma estrutura simples, informal, concreta, não planejável e em certos momentos, até parece não preparada, se levarmos em conta as características de um texto escrito.

Isso parece se dar porque o discurso formal e elaborado da palestra, vez ou outra, é atravessado pelas marcas do falante, marcas essas que emergem no próprio momento da interação.

R. R. Soares, ao falar de forma tranquila, simples e quase paternal, constrói seu etos, que é o caráter que o orador assume para inspirar confiança no auditório; confiança essa que Reboul (2004) considera fundamental. Assim, é possível observar que Soares, durante toda sua fala, passa suas idéias, não de forma fria e impessoal, mas parece procurar transmiti-las de uma forma carregada de emoção e esperança.

Tal constatação se dá, principalmente, devido ao fato de podermos observar o cuidado que Soares exerce na pregação, na escolha das palavras e na maneira como expressa essas palavras que são carregadas de positividade fazendo uso de tessituras, volumes e velocidades diferentes, que diz respeito aos aspectos prosódicos; no seu desejo de se fazer compreender, em que usa muitas estratégias argumentativas.

Enfim, o uso de todo esse conjunto para comunicar suas idéias, soma-se ainda ao empenho de gerenciar relações. Ou seja, para convencer seus ouvintes, ele trabalha concomitantemente, idéias e emoções, gerenciando essa relação de forma muito atenta, e por que não dizer astuta.

Com respeito ao gerenciamento de relações, é interessante destacar como Soares dá início à sua fala. Quem o ouve nos primeiros minutos, ouve um pregador tranquilo, calmo, paternal, que apresenta suas idéias de uma maneira firme e segura, aparentando serenidade e equilíbrio. Segundo Bollela (2006), tais características são percebidas pelo uso prosódico que ele faz, trabalhando a

velocidade de forma desacelerada, volume baixo e sem oscilação de voz, ao contrário de muitos pregadores evangélicos que são melodramáticos e usam de sensacionalismo em seus cultos.

Soares também opta, em momentos de sua pregação, pelo tom humorístico, procurando intimidade com os ouvintes bem como pelo uso de clichês do discurso da Teologia da prosperidade, modalidade em que está inserida toda sua pregação.

Fica-nos claro, no discurso de Soares, o que Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005) diz com respeito ao acordo, ou gerenciamento de relação, como prefere Abreu (2001), pois o missionário usa os primeiros minutos em contato com o público para gerenciar relação, um recurso argumentativo. E só depois que o relacionamento evolui, e ele parece sentir segurança da parte daqueles que o ouvem, ou quem sabe, só depois que supõe ter conseguido conquistar a confiança desse público, é que o palestrante vai deixando outras marcas emergirem. No intuito ele usa de delicadeza e doçura, construídas a partir da fala pausada com baixo volume e relacionando-se com o público de forma bem amigável.

Logo nos primeiros minutos da pregação, depois do hino de louvor, ao se dirigir ao público de forma amena, explorando aspectos prosódicos, ele apresenta de maneira clara, sua intenção, ou a tese que pretende defender.

Trecho 1:

(...) essa lição eu acredito que vai ajudar você muito”, vai ensinar você a colocar na sua boca aquilo que precisa ser colocado pois é aquelas palavras que precisam ser faladas, aquelas palavras, que se faladas corretamente haverão de transformar sua vida, as palavras nos edificam, as palavras nos destroem, e as palavras que nós precisamos falar devem ser as mesmas que nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo falava(...).(01’34”)

Como vimos no capítulo teórico em que abordamos a argumentação, Abreu (2001), sustentado pelas teorias de Perelman & Olbrechts-Tyteca, ao tratar de algumas condições que considera necessárias na argumentação, ressalta que um dos pontos básicos para o desenvolvimento da mesma é ter uma tese definida e

saber para que tipo de problema a tese é resposta. No exemplo do trecho 1, tal ponto fica claro no discurso de R.R.Soares, ele não só afirma sua tese, ao tratar do poder que as palavras têm, mas também as coloca como resposta para aquilo que os fiéis buscam que é a transformação de sua vida, um preceito da Teologia da Prosperidade.

Trecho 2:

(...) a gente vai ler devagar... vamos parar... vamos meditar... vamos permitir que o Espírito Santo abra nosso entendimento (...)(04'15").

O missionário trabalha de forma cuidadosa os recursos prosódicos nestes primeiros minutos. Fala de forma clara, simples e disposta incentivando o público que o ouve. Mostra um etos de proximidade e igualdade. Assim o orador gera uma imagem de alguém benevolente, amigo e que, em 1 primeiro momento, é igual ao auditório.

Ressaltamos o que Reboul (2004), baseado nos pensamentos de Aristóteles, afirma: para desenvolver bem o patos, o orador precisa de psicologia, e, quanto mais conhecer o caráter psicológico do seu público, melhor irá se adequar a ele, e, conseqüentemente, atingi-lo. Vale lembrar que R.R.Soares conhece muito bem o caráter psicológico de seu público, pois lida há anos com ele.

Enfim, Soares se encontra numa instituição que conhece muito bem. Tal constatação se dá pelo fato dele pertencer a essa denominação como seu maior representante, ou seja, ele está num ambiente que lhe é familiar, e diante de um público cujos costumes, crenças expectativas o missionário conhece, o que lhe habilita a desenvolver, de forma mais precisa, o patos, e conseqüentemente atingir esse público de maneira mais contundente.

Neste ponto, podemos ressaltar também a presença de uma das três condições básicas para argumentação que, segundo Abreu (2001), diz respeito ao contato com o auditório. Notamos que Soares, apesar de ter sua mensagem direcionada à massa, no momento de sua pregação, está lidando com um auditório particular, ou seja, com um público que reage ao receber suas palavras.

Por se tratar de uma pregação ministrada diretamente ao público, podemos assim deduzir que se trata de uma abordagem face a face, em que o público é constantemente monitorado por Soares. E como sabemos, ele observa o

tempo todo e, como já citamos, é possível constatar, em seu programa diário “Show da Fé”, mesmo sendo uma platéia muito grande, um domínio considerável sobre as pessoas, que aparentemente estão atentas a tudo que ele fala e faz.

Essa reação do público, detalhe importante, que Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005) dizem ser essencial, parece servir como termômetro para o palestrante. E é algo que provavelmente é percebido por Soares, que ao notar a concentração dos seus ouvintes, sente-se seguro e com autoridade para continuar sua pregação com tranquilidade. É possível que Soares saiba exatamente quais são os valores dos seus interlocutores, isto é, do público que assiste sua palestra, que são valores de um público que se diz evangélico e estão voltados para os ensinamentos contidos na Bíblia, para a revelação de Deus. Esse conhecimento é utilizado por ele na escolha das histórias que utiliza para aproximar-se de seu público.

Dessa forma o missionário faz uso do recurso de presença, citado por Abreu (2001), em que destaca a necessidade daquele que quer persuadir, de conhecer verdadeiros valores do seu interlocutor.

Tudo isso reveste o palestrante de uma autoridade notável, pois ele se apoiará na Bíblia e usará as escrituras consideradas sagradas para sustentar suas teses. Tais argumentos, de acordo com os valores daquele público, são praticamente irrefutáveis.

O exemplo abaixo evidencia tal fato:

Trecho 3:

(...)Salmo cento e três versículo vinte diz assim... bendizei ao Senhor todos os seus anjos... vós que excedeis em força que guardai os seus mandamentos obedecendo a voz da sua palavra... quando nós damos voz a palavra de Deus toodos os anjos do Senhor entram em ação... pois eles obedecem a voz da palavra do Senhor... eles exceedem em forças... eles são tremeendos em poder... eles são de uma habilidade tamanhaaa... e é a própria habilidade de Deus (...) (16' 56").

Soares inicia a interpretação do versículo lido usando explicitamente um argumento de autoridade que é a Bíblia, a palavra de Deus; neste caso, é o limite da autoridade ao crente, pois, sobrepuja “todos os obstáculos que a razão poderia opor-lhe” Perelman & Olbrechts-Tyteca, (2005), demonstrando que a palavra

de Deus deve ser vivida e seguida. Sendo assim, por analogia, pela própria autoridade que tem perante o auditório e por ser ministro da palavra de Deus, o orador, por meio de suas interpretações, também é digno da mesma obediência.

Tal afirmação não é colocada de forma desatenta, o missionário expressa cada palavra de maneira cuidadosa, e vale-se da prosódia para se comunicar, usando o alongamento da duração da sílaba tônica, enfatizando, assim, aquela palavra, o que pode indicar um aumento do sentido positivo de uma qualidade que deseja ressaltar.

No próximo exemplo, vê-se um argumento de autoridade, novamente relacionado à Bíblia com um alerta de Jesus para os homens que ainda estão desligados de suas promessas e, por isso, ainda sofrem pela opressão do inimigo. E neste mesmo exemplo, observando os aspectos argumentativos, podemos detectar a pausa que promove a “silabação” em palavras de destaque para a construção argumentativa. O uso argumentativo da pausa no trecho analisado é aquela que Cagliari (1992) denomina: “O fato de se falar palavra por palavra, segmentada por pausa, pode representar uma atitude do falante que deseja reforçar o valor de sua autoridade e do que diz”. O autor também destaca que “a pausa pode também servir para chamar a atenção para o que vai se dizer ao segmentar a palavra em sílabas de um jeito e não de outro na frase”. Veja o exemplo:

Trecho 4:

(...) Lucas, dez, dezenove, Eis aí, ACORDEM... DESPERTEM-SE... LEVANTEM-SE... eis aí que eu vos dei autoridade para pisardes serpentes e escorpiões... e ... sobre toda força... capacidade... habilidade... poder do inimigo... e nada... ab-so-lu-ta-men-te vos causará dano algum... irmão (...) (42’39”).

Ainda, prosodicamente, podemos comprovar o aumento do volume nas palavras ACORDEM, DESPERTEM-SE e LEVANTEM-SE no intuito de dar ênfase e chamar atenção revelando autoridade. Na palavra a-b-so-lu-ta-men-te, Soares faz a silabação pois pretende reforçar o valor desta palavra no sentido de que com Deus, nada poderá nos causar dano.

No próximo trecho (5), observando os aspectos argumentativos, podemos perceber o argumento pragmático do modelo. Ao citar, que temos que usar palavras corretas, por exemplo, ele está fazendo uso do argumento do modelo.

E vários exemplos assim podem ser encontrados no *corpus*. Ele, de fato, vale-se dos argumentos de modelo, como instrumento que pode contribuir para consolidação de sua pregação.

Trecho 5:

(...) mas tudo que Deus fez... Ele fez usando palavras... tudo que nós quisermos fazer de bem para nós... nós temos que usar palavras corretas... porque se nós continuarmos usando palavras que não estão de acordo com as palavras de Deus... o que é que vai acontecer?... nós vamos continuar criando coisas como temos feito agora... e coisas que não estarão trabalhando em nosso benefício (...) (06'47").

No que tange os aspectos argumentativos, encontramos, no mesmo trecho, o argumento pragmático do antimodelo. Esse tipo de argumento é, muitas vezes, utilizado pelo palestrante. Neste exemplo, ele usa o argumento do antimodelo para reforçar seu ponto de vista, ou seja, não se falando palavras corretas, nada de bom pode acontecer.

Importante ressaltar que quando o missionário faz esta explanação o volume de sua fala é baixo, com ausência de tessitura aguda, além do uso, em certos momentos, de pausa, pois com isso deseja reforçar o valor de sua autoridade.

Nos trechos, 6, 7 e 8 também vemos claramente o argumento do modelo:

Trecho 6:

(..). qualquer um que esteja na situação que estiver... se ele captar este entendimento... e ele passar a falar palavras corretas... exatas... que palavras corretas e exatas são aquelas que se aliam com a palavra de Deus... são aquelas que paralelam-se com a palavra de Deus(...)(05'46").

Trecho 7:

(...) essas pessoas que assim o fizerem... tornar-se-ão pessoas vitoriosas(...)(05'54").

Trecho 8:

(...) qualquer pessoa pode passar por uma verdadeira transformação quando descobrir que as palavras que falamos são mais poderosas do que qualquer outra coisa que podemos conhecer (...)(14'27").

Quando enuncia essas citações, Soares as faz com firmeza, em volume baixo e velocidade lenta, aparentando segurança, autoridade na pregação que visa fortalecer e instruir seu auditório.

Na pregação religiosa de Soares, encontramos uma predisposição à inserção de exemplos, pois eles, como afirmam Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), servem para aceitação de um raciocínio e fundamentação de uma regra particular. A partir da observação desse pressuposto, pudemos observar a ocorrência de exemplos que encaminham para a aceitação de uma proposição resultante da avaliação de uma citação.

Podemos detectar esse efeito no momento em que o missionário R.R. Soares cita, em sua pregação, exemplos que demonstram que usar a palavra de Deus corretamente pode gerar milagres. Nos exemplos pudemos notar também a presença do discurso da Teologia da Prosperidade, muito utilizada na pregação neopentecostal.

Trecho 9:

(...) eu nunca vou esquecer de uma senhora que mora aqui numa dessas cidades satélites aqui na grande São Paulo... ela veio aqui... uma senhora de quase oitenta anos... pobre... e ela contou um grande milagre que ocorreu na sua vida por causa da palavra (...)(08'07").

Trecho 10:

(...) sabe o que essa senhora fez?... lá na sua casa gritou: OH PROSPERIDADE de Deus, venha sobre mim na minha casa... na minha neta em nome de Jesus (...)(11'42").

Por vezes, segundo reflete Tringali (1998), o exemplo pode ser considerado um recurso extrínseco, uma vez que se vale do argumento de autoridade. No caso apresentado no parágrafo anterior, a exemplo é construído pelo

orador a partir de suas observações do cotidiano e é, então, uma técnica intrínseca à Retórica.

Nestes exemplos, em relação à prosódia, é notável uma constância no volume com um leve aumento quando ele faz a imitação da senhora quando grita OH PROSPERIDADE. Praticamente há pouca alteração na tessitura, e ele evita pausas, falando seguidamente.

Consideramos importante destacar, nesse ponto, segundo Abreu (2001), que uma segunda condição básica para qualquer argumentação é ter uma linguagem comum com o auditório. Esse aspecto Soares procura efetuar de forma hábil. O missionário fala a língua dos seus ouvintes, adéqua-se a eles, usa palavras e expressões do seu dia-a-dia. Além disso, não se preocupa em manter o nível formal, pois durante suas pregações faz uso dos mesmos jargões que a maioria das pessoas usaria em uma conversa informal. Veja nos exemplos abaixo:

Trecho 11:

(...) se nós falarmos e não crermos não adianta nada irmãos... é como furar buraco na água(...)(20'59").

Trecho 12:

(...) a mocinha já está ficando pra titia(...)(22'25").

Trecho 13:

(...) o macumbeiro diz que vai por seu nome na boca do sapo... coitadinho do sapo(...)(25'46").

Trecho 14:

(...) você têm aquela aparência espiritual terrível... você é aquele troço feio irmãos(...)(19'11").

Trecho 15:

(..). dá até vontade de chegar e dá um cascudo na pessoa(...)(40'28").

Trecho 16:

(...) mas... se eu falar isso que eu e o Pai somos um... o missionário é um herege, comedor de arroz com feijão(...)(37'03").

O uso dessas expressões permeia seu discurso com extrema naturalidade.

Em termos prosódicos, cada uma dessas expressões são pronunciadas de maneira clara e pausada, algumas com um leve aumento de volume, quando incidem sobre adjetivações, para conferir gradação enfática em alguns casos à sua fala. Além disso, observamos que o riso é sempre promovido pela pausa prosódica que antecede um enunciado engraçado.

Podemos dizer que a maneira de pregar de Soares tem como característica a busca pela identificação com o auditório, que é percebido a partir de suas atitudes e intenções marcadas linguisticamente na escolha de argumentos simples e de fácil entendimento. Assim acreditamos que o ato de escolher o que vai falar e como ele fala caracterize o estilo da pregação. Desse modo, os elementos prosódicos por ter caráter subjetivo revelam os aspectos persuasivos da pregação.

Ao pensarmos no efeito de sentido que causa, entendemos que os traços prosódicos são sinais convencionais da voz. Contudo, se considerarmos o caso particular desta pesquisa, “um pregador evangélico”, falando a um auditório, é possível afirmar que corresponde à atitude do falante e têm função pragmática. Assim, acreditamos que o ato ou efeito de escolher o que vai falar caracterize o estilo da pregação. Desse modo, por ter caráter subjetivo, os elementos prosódicos revelam os aspectos persuasivos da pregação.

Ainda com relação aos aspectos prosódicos, pudemos perceber que toda vez que Soares usa estruturas textuais para prender a atenção do ouvinte com perguntas ou palavras, admoestando a atenção do público, ele muda sua entonação, e geralmente faz uma pequena pausa ao dizer os itens item lexicais “irmãos” e “preste atenção”.

Assim ressaltamos que os itens, lexicais “irmãos” e “preste atenção”, muito utilizados por Soares durante toda sua pregação, são indicativos da relação entre o orador e auditório. Além disso, possuem apelo argumentativo e didático que toca a afetividade em referência direta ao patos e ao etos, como nos trechos 17, 18, 19 e 20.

Trecho 17:

(...) irmão... preste atenção... olhe o que Jesus diz no finalzinho do versículo(...) (21'10").

Trecho 18:

(...) preste atenção... irmãos... nós teremos segundo Jesus exatamente aquilo que falando nós crermos(...) (20'50").

Trecho 19:

(...) prestemos atenção a esta última afirmação do Senhor Jesus... tudo o que disser lhe será feito(...) (21'20").

Trecho 20:

(...) irmãos... a sua cura... a sua saúde... a sua prosperidade... a sua realização... só depende das suas palavras para que se materialize(...) (24'43').

Neste último trecho, em termos prosódicos, ao enumerar os desejos do crente o missionário faz uma pequena oscilação no volume de sua voz e gera pausa.

Outro ponto a ser observado é a preocupação com a clareza das idéias expostas. O pregador preocupa-se em escolher a palavra certa para tornar o texto mais claro, atraente e acessível ao ouvinte. Ele não apenas passa uma informação, mas se dá ao trabalho de repeti-la e exemplifica-la de forma simples, acessível e que faz parte da realidade e da vida de seu ouvinte. Essas são características bastante peculiares da estrutura presente no texto oral. Veja no trecho 21:

Trecho 21:

(...) continuando aqui... o Senhor que é espírito... criou as coisas visíveis e invisíveis usando o seu poder... por meio de sua palavra... Deus é espírito... não tem carne e osso... nós também somos espíritos... só que nós temos um corpo para morar e temos uma mente alma... Deus também tem a alma dele... mas tudo que Deus fez... Ele fez usando palavras... tudo que nos quisermos fazer de bem para nós... nós temos que usar palavras CORRETAS (...) (06'31").

No próximo trecho 22, ao observarmos os aspectos prosódicos, vamos notar que o volume e a velocidade de sua fala não se alteram e faz uso de pausas para reforçar o valor de sua autoridade.

Na análise, encontramos na fala de R.R. Soares um efeito de sentido gerado pela silabação de palavras. Há a silabação no momento em que, Soares, ao falar para o auditório sobre a autoridade que nós temos no nome do Senhor, ressalta que com essa autoridade NA - DA, AB - SO - LU - TA - MEN - TE vos causará dano. A silabação aqui também pode representar ênfase ou destaque nas palavras proferidas. Ainda, prosodicamente, percebemos o aumento do volume nas palavras silabadas, dando ênfase e chamando a atenção dos ouvintes.

Trecho 22:

(...) Irmãos... eu DU - VI - DO que essa palavra deixe de ser confirmada... os céus e a terra poderão passar... mas minhas palavras NUN - CA... o que ele disse irmãos? NA - DA, AB - SO - LU - TA - MEN - TE nada vos causará dano algum (...) (44'22").

A silabação dessas palavras pode salientar a autoridade do pregador ao afirmar que, usando palavras corretas, o cristão estará protegido. Dessa forma, chama a atenção do auditório para esse modelo.

Ainda nesse trecho, quando Soares profere as palavras NUNCA, NADA e ABSOLUTAMENTE, há aumento no volume de sua voz, significando uma atitude autoritária, por meio de uma “chamada de atenção” no sentido de endossar as palavras do Senhor.

Nos trechos que se seguem, 23 e 24, observamos, quanto aos aspectos argumentativos, a presença do argumento de definição. Esse é um recurso argumentativo também usado por Soares para fazer definições durante sua fala.

Trecho 23:

(...) todos os anjos de Deus são espíritos ministradores... foram enviados... já tem essa ordem divina para servir... não para serem servidos... anjos não são para receber oração de quem quer que seja... anjos não são para receber aplausos... louvor... de quem quer que for... anjo é espírito ministrador... criado e enviado para servir a nosso favor (...) (15' 32").

Trecho 24:

(...) as palavras que falamos são realmente a tradução mais fiel do que cremos... elas são como o retrato perfeito do nosso

espírito... por isso é muito importante aprender o valor que elas possuem e exercem o nosso viver (...) (17' 32").

Nos exemplos, acima, no que se refere à prosódia, é notável uma constância no volume da voz quando ele faz as definições... Praticamente não existe alteração na tessitura, a velocidade é linear e a pausa é utilizada aqui para representar uma atitude do falante.

Nos próximos excertos (25, 26 e 27) destacamos, em relação aos aspectos argumentativos, exemplos de argumento fundamentado na estrutura do real, conforme Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005). Mais especificamente o argumento pragmático do desperdício.

Esse tipo de argumento é um dos mais representativos da Teologia da Prosperidade, pois várias características estão diretamente dependentes do argumento do sacrifício, ao qual o do desperdício está intimamente ligado. Enquanto naquele o indivíduo sacrifica-se para manter o caminho rumo ao seu objetivo, neste apóia-se no sacrifício, mostrando que este seria desperdiçado caso o caminho rumo ao objetivo fosse interrompido. Vejamos:

Trecho 25:

(...) preste atenção... irmãos... nós teremos segundo Jesus... Ele afirmou isso... exatamente aquilo que falando nós crermos... se nós falarmos e não crermos... não adianta nada irmãos... é como furar buraco na água... quanto mais você fura... mais você descobre que não adiantou nada(...) (21' 04").

Trecho 26:

(...) preste atenção... olhe o que Jesus diz no finalzinho do versículo... é crer que se fará aquilo que diz... tudo quer dizer-lhe será feio... então segundo Jesus nós teremos tudo que falarmos crermos... se nós falarmos por falar não vai adiantar(...) (21' 32").

Trecho 27:

(...)Deus não promete nos curar... no Novo Testamento não tem essa promessa... Ele garante: eu nós já fomos curados...

Ele garante que todas as bênçãos já nos foram dadas... Ele garante que nós somos mais que vencedores... Ele garante... irmãos... que Ele sempre nos conduzirá em triunfo... porque falar o contrário?(...) (25' 07").

Em todos esses casos exemplificados acima, a prosódia é muito explorada, e tem um papel que não pode ser desprezado. Soares usa os marcadores convencionais “irmãos” e “preste atenção”, se valendo de mudanças de volume, velocidade e uso de pausas para prender a atenção dos fiéis.

Ao repetir a frase “Ele garante”, no trecho 27, o missionário enfatiza com o aumento de volume o pronome “Ele”, pois tem o propósito de fixar a idéia de que com Deus nós somos mais que vencedores, já triunfamos!

Mais uma vez focando os aspectos argumentativos, destacamos o raciocínio por analogia, que fundamenta a estrutura do real.

Dentre tantas funções e características da *analogia*, pode-se destacar também o fato de que ela é um instrumento de argumentação instável. Tal instabilidade pode-se dar, pois é possível que seus significados permitam comparações ou resultados diversos daqueles pretendidos pelo orador, fato que pode desencadear comichão, veja no exemplo:

Trecho 28:

(...) eu não sei muito bem é descrever como eu sou... nem você sabe descrever você muito bem... apesar de hoje já me ter olhado no espelho quando lavei o rosto... escovado os dentes... penteado o cabelo... acertado direitinho... eu vi minha face... você também viu a sua... tente descrever você... você consegue me descrever... mas não consegue descrever você... o seu espírito é a mesma coisa... como é que você descreve o seu espírito(...) (18'32").

Trecho 29:

(...)se alguém perguntar... como é que é a morte... não sei... o que é a morte... é uma estação que ficou lá atrás... nós já passamos por ela... quando aceitamos a Jesus... nós já saímos dela(...) (51'08").

Podemos detectar claramente nos trechos 28 e 29 que o missionário faz uma analogia entre a vida terrena atual e a vida eterna. Além disso, trata a morte

como uma estação que ficou lá atrás. Neste último exemplo, ele se utiliza da metáfora, que é também um tipo de analogia.

Já nos exemplos que seguites, quanto aos aspectos argumentativos, destacamos o argumento pragmático, que é “o argumento que permite apreciar um ato ou acontecimento em função de suas consequências favoráveis ou desfavoráveis.” (PERELMAN & OLBRETCHS-TYTECA, 2005, p. 358), que se favorece da verossimilhança.

É interessante notar que o vínculo causal desempenha importante papel no raciocínio histórico que recorre à probabilidade retrospectiva.

Para concluir, Perelman & Olbretchs-Tyteca (2005, p. 302) salientam que a busca da causa corresponde à do efeito e que para os raciocínios extraídos da validade universal do princípio de casualidade corresponde os de responsabilidade. Vejamos:

Trecho 30:

(...) se nós calarmos a nossa boca e já tentaram tantas vezes calar... o povo não será salvo... então não tem esse negócio de fatalismo não... nós é que escrevemos o nosso futuro... se você ficar nessa história... daqui um tempo você estará na miséria... doente... sofrendo... se você passar PARA A PALAVRA DE Deus... que não é história... é a realidade... você vai escrever um futuro lindo e você vai ser uma bênção(...) (30' 55”).

Trecho 31:

(...) se tá colhendo hoje a semente que você plantou num passado distante ou passado próximo... agora você será num futuro próximo.. próximo ou distante... aquilo que você passar a declarar a partir de hoje... (27' 23”).

Trecho 32:

(...) pare de ser fatalista... essa doutrina de fatalidade... essa doutrina de predestinação não é bí-bli-CA... isto tem um ar de demônio atrás deLA... (28' 11”).

Trecho 33:

(...) Deus decretou no início de tudo que aqueles que aceitassem Jesus seriam salvos... se eles não são salvos a culpa é nossa... (29' 20").

Trecho 34:

(...) você pode continuar na miséria ou pode ser uma pessoa abençoada... (31' 18").

Com relação à prosódia, vale ressaltar que Soares utiliza-se, discretamente nestes trechos, de vários elementos prosódicos como: aumento de volume, como vimos no trecho 30 para demonstrar mais autoridade quando fala de Deus; pausas, que em todos os exemplos mostrados têm função pragmática, pois revelam a atitude do pregador, que em quase toda pregação se mostra calmo e tranquilo. Vemos também, no trecho 32, a palavra “bíblica” sendo pronunciada de maneira silabada, o que demonstra que o falante deseja reforçar sua autoridade e/ou o valor do que diz. No trecho 33, na palavra “aqueles”, percebemos o alongamento da sílaba tônica, enfatizando a palavra para indicar uma ênfase nela colocado, pois nesse caso aqueles que não aceitam a Jesus não serão salvos.

Já em relação aos aspectos argumentativos, poderíamos considerar aqui, conforme o pensamento de Abreu (2001), que nesses trechos relacionados, Soares, não deseja somente convencer seus ouvintes, mas persuadi-los a agir, a falar palavras que lhes traga vitórias. E, nesse caso específico, o desejo do pregador é de levar seus ouvintes a uma mudança de atitude.

Em todos os trechos destacados há um desejo explícito, da parte do pregador, de promover uma mudança, uma movimentação, uma tomada de atitude. Ele não se contenta apenas em informar ou passar seu ponto de vista, mas seu desejo final é desencadear uma mudança, uma atitude prática e não somente a aprovação das idéias por ele colocadas.

Dessa maneira, Soares busca persuadir seus ouvintes, falar às suas emoções, às suas aspirações, demonstrando que só o Senhor pode libertá-los de seus problemas. Ele apela para algo que vai além da razão e, nesse processo, vai realizando o gerenciamento de relações. Prova disso é que Soares, há tempos ocupa o lugar de destaque entre os pregadores evangélicos com um programa diário em horário nobre e igreja cheia.

Nos próximos trechos analisados, daremos destaque à análise dos elementos prosódicos.

Além de nossa pesquisa abordar a construção argumentativa de um texto oral, uma investigação estilística de uma pregação religiosa não pode prescindir de um estudo de seus elementos sonoros por meio dos quais nuances de significação conferem caráter persuasivo ao discurso. É por isso que dedicamos uma seção à prosódia no arcabouço teórico, e a seguir uma investigação prosódica do *corpus*.

Desde a escolha do título de sua pregação, até à maneira com que se dirige ao auditório, R. R. Soares o faz com clareza. Talvez seja justamente essa a intenção dele ao fazer uso de muitos elementos prosódicos, como veremos nos trechos destacados.

Por tal motivo, entendemos que, no exercício de selecionar amostras para efetuação de análises, tornar-se-á impossível esgotar cada uma delas. Acreditamos ainda que isso não seria produtivo, pois, além de fazer com que o trabalho se tornasse extremamente repetitivo, serviria tão somente para reforçar a idéia de que esse é um estilo marcante de Soares, que faz uso, repetidas vezes, dos mesmos recursos prosódicos. Vejamos:

Trecho 35:

(...) Lucas diz... dezenove... eis aí ACORDEM... DESPERTEM-SE... LEVANTEM-SE, eis aí que eu vos dei autoridade para pisardes serpentes e escorpiões... e sobre toda força... capacidade... habilidade... poder do inimigo... e nada... ab-so-lu-ta-men-te vos causará dano algum... irmão(...) (41' 22").

Neste trecho verificamos um aumento considerável de volume, bem como uma entonação ascendente, e concomitantemente o uso de tessitura grave quando o orador pronuncia as palavras ACORDEM, DESPERTEM-SE, LEVANTEM-SE, que nesse caso, segundo Cagliari (1992), demonstra uma atitude autoritária, pois fala em nome de Jesus, além de também conferir mais destaque às palavras que devem ser acatadas em sua argumentação.

Considerando ainda os aspectos prosódicos desse exemplo, notamos a silabação da palavra absolutamente, onde o falante demonstra a intenção de reforçar sua autoridade, ao proclamar que, com Cristo, nada pode nos causar dano.

Nos dois exemplos que se seguem o orador usa o recurso da velocidade. Um traço observado nestes trechos é a aceleração da fala quando se trata da enumeração de termos. Esse é um traço característico da velocidade que Cagliari (1992) explica da seguinte maneira: “ocorrências de aceleração ou desaceleração no discurso servem para se dar mais valor ao que se diz (desacelerando) ou preparar um argumento mais importante logo adiante com uma aceleração da fala”.

Trecho 36:

(...) eis aí... Ele disse Espírito Senhor Deus está sobre mim... Ele me ungiu... me capacitou de poder para libertar.. libertar tal tal tal.. enquanto a nós ACORDEM... eu dei pra vocês poder prá pisar exu caveira... tranca rua... pomba gira... homulu todos os espíritos malignos... tudo tudo tudo espírito do câncer... da AIDS... espírito da falência... da miséria... do adultério... tudo está debaixo de vocês... serpentes... escorpiões.. E sobre toda a força do inimigo... qualquer capacidade... qualquer habilidade que o inimigo tiver... você tem capacidade pra pisar... pra esmagar... pra reduzir a nada(...) (43' 50”).

Neste trecho, o missionário enumera alguns espíritos malignos e doenças que podem nos destruir por meio da ocorrência de aceleração, que tem a função de preparar para um argumento mais importante que será falado logo adiante que é a capacidade que nós temos “pra pisar, pra esmagar, pra reduzir a nada qualquer habilidade do inimigo”. Neste momento ele desacelera para ressaltar a importância do que diz.

Trecho 37:

(...) mas nós podemos orar na hora de um aperto irmãos? ...na eminência de sermos atingidos por uma avalanche do inferno? ...de um acidente? ...de sermos sequestrados? ...roubados? ...João quatorze ...três... você conhece esse versículo... Ele diz que podia orar e Deus mandaria prá Ele e Nós? Ele diz o seguinte e tudo quanto pedirdes em meu nome... eu farei... para que o Pai seja glorificado no Filho... irmãos.. na hora da necessidade... tem uma ameaça eminente... vai acontecer se não der tempo você determina correndo... eu não permito (53' 39”).

Neste trecho, quando o missionário questiona o auditório, ele desacelera sua fala com intuito de que os fiéis prestem atenção e compreendam o que diz, dada a importância de suas palavras. Em um dado momento utiliza-se da pausa na palavra “irmão” que também pode servir para chamar atenção para o que vai se dizer em seguida.

Ao longo de nossos estudos e análises, percebemos que Soares parece querer assumir uma postura inovadora se comparado a outros pregadores evangélicos, quebrando paradigmas ao atribuir novo sentido às palavras de ordem de sua fala, fato possível devido ao caráter polissêmico oriundo de sua escolha lexical. Em sua construção ética, o volume baixo, na maior parte da pregação, e a velocidade cadenciada ajudam a criar a imagem de um pregador culto, paciente, controlado e, acima de tudo, experiente e, por isso, demonstra estar apto a dar conselhos.

Durante toda sua pregação, Soares se mantém linear em termos prosódicos, se comparado a outros pregadores evangélicos, que se mostram melodramáticos e um tanto sensacionalistas. Além disso, Soares destaca-se por seu jeito diferente, manso, amigo, confiável. Além de que em toda pregação, o orador se dirige aos fiéis como “irmãos”, o que de certa forma transmite intimidade.

Nos trechos a seguir, que se referem ao momento da oração final, podemos perceber a mudança de comportamento do pregador em relação ao resto da pregação. Neste momento, Soares torna-se mais emotivo, com voz chorosa, emocionada.

Nos exemplos abaixo, pudemos conhecer um pregador mais emotivo, até um pouco choroso, uma exceção em relação ao resto da pregação. Quando se coloca na presença do “Senhor Jesus”, ele fala com muita emoção. Para isso ele se vale de um tom de voz choroso, utilizando-se do elemento prosódico duração.

Trecho 38:

(...) ohhh... Deus vai estender a sua mão agoora... feche os seus olhos e entremos poderosamente na presença de Deus... aleluuuia... glóoorias e glóoorias a Jesus... Pai... Pai amaDO... Pai queriDO... Pai poderoso... em nooome de Jesus Cristo muuuuito obrigaaado... ohhh... meu Deus... oolhe essa multidão que está aqui em sua casa oraaaando... que está

adoraaaando o Senhor nesse momento... e Deus nós temos motiiiiivos para estarmos assiiim... alegres... contentes e felizes... por que Deeeus o Senhor nos descortinou hoooje a nossa posição... o Senhor abriu nossos olhos e nós exergaaamos que em Criiisto nós somos maaaais que vencedores... que tem em Criiisto nós podemos tooodas as coisas (...) (56' 20").

Trecho 39:

(...) chame agora sua prosperidaade... chaaame aquele filho rebeelde... aquela filha rebeelde para o lar de amoor... aleluia... chaaame a santidaade para o seu coração... a pureeza pros seus oolhos... chame agoora... CHAAAMA o sentimento sanTO... porque Deus está dizenDO... Deus está falanDO que aqueeele que crê em Jesus faz a mesma coiiiSA... e ele chamou a existência as coisas que não eram... Ele abençooou os pãezinhos e os peixes se multiplicaram e uma multidão se alimentou dele. EEELE chamou o vinho da ÁGUA... e o vinho da melhor qualidade apareceu... ele chamou a BONAAANÇA na tempestade e cessou o vento e a tormenta(...).

Nos trechos destacados percebemos o elemento prosódico de duração no alongamento da sílaba tônica que tem a intenção do aumento no sentido positivo de uma qualidade, ou de seu sentido oposto, a depender do que pode ser interpretado pelo contexto discursivo ou pragmático ao incitar os fiéis na busca da santidade, prosperidade etc... O pregador muda a qualidade de sua voz, tornando-a mais chorosa, embargada e alonga a sílaba tônica, utilizando, para isso, o elemento prosódico da duração, que possibilita a expressão de tal atitude do falante.

O aumento do volume também pôde ser percebido e demonstrado com as palavras escritas em maiúscula, significando uma atitude do pregador com o intuito de chamar atenção para estas palavras. Percebemos, também a mudança da sílaba tônica da segunda para a terceira sílaba, como no caso das palavras DizenDO, falanDO, amaDO, queriDO, e podemos classificar, o uso deste elemento prosódico como variação de altura melódica. Observamos também na sílaba em destaque, o aumento do volume o que conferere mais expressividade conforme o pregador vai tecendo essa gradação enfática.

Enfim, podemos concluir que o papel da prosódia no discurso analisado é efetivo e marcante, mas não podemos afirmar que o pregador faz uso de todas essas estruturas de forma proposital, mas não há dúvida que os conheça muito bem, pois o que percebemos é que R. R. Soares não somente acredita no valor da prosódia como elemento de persuasão, mas também deixa suas marcas emergirem, no uso abundante, mas nada exagerado desse recurso, do princípio ao fim de sua fala.

Não podemos fazer tal afirmação com relação a outros discursos evangélicos, mas podemos afirmar que, na pesquisa efetuada, esse tipo de discurso, evangélico neopentecostal, tem, curiosamente, se mostrado com uma roupagem nova nos dias atuais. Ou seja, um discurso diferente, cheio de palavras de esperança, prosperidade, que não se preocupa com o padrão austero, em que a presença de um pregador duro e legalista era valorizado.

Contrariando o padrão que vigorou por muito tempo na história dos discursos evangélicos, encontramos, na fala de R. R. Soares um discurso de esperança, que supõe que ao passarmos a falar as palavras corretas, que se aliam com as palavras de Deus, tornarnos-emos pessoas vitoriosas, prósperas, saudáveis e felizes. Tudo isso de acordo com a Teologia da Prosperidade, que também mereceu destaque em nosso trabalho.

O trecho abaixo ilustra tal pensamento:

(...) qualquer pessoa pode passar por uma verdadeira transformação quando descobrir que as palavras que falamos são mais poderosas do que qualquer coisa que podemos conhecer (...) (14' 11").

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito desta pesquisa foi analisar uma pregação religiosa neopentecostal e o objetivo foi investigar se existe colaboração entre prosódia e argumentação na construção da persuasão.

Inicialmente, apresentamos uma contextualização sócio-histórica do Pentecostalismo, com ênfase ao neopentecostalismo, em que destacamos a abrangência da igreja evangélica neopentecostal no Brasil, em especial, a Igreja Internacional da Graça de Deus, e seu maior representante, o missionário R.R.Soares. Essa abordagem nos permitiu conhecer melhor o etos, as crenças e costumes que envolvem a instituição, bem como seu líder e público a que ele se dirige. Ao tecermos comentários sobre a teologia da Prosperidade, pudemos verificar que R.R.Soares utiliza esses princípios em sua pregação de maneira simples, costumeira, quase dialogando com seus fiéis, oferecendo uma lógica essencialmente de conforto e solução dos problemas da existência humana.

Para alcançar o objetivo desta dissertação, contamos com a colaboração de teóricos tais como: Bakhtin (2003), Orlandi (1987), Citelli (2005), Figueiredo *et al* (2009) e Patriota (2003), e pudemos verificar que o discurso religioso é caracterizado essencialmente como um discurso autoritário e persuasivo. Nele, observamos que o missionário fala em nome de um “ser superior” e adota a Bíblia como fonte de argumentação irrefutável e incontestável. Soares, em sua pregação, parece demonstrar tranquilidade e domínio de seu discurso, principalmente quando declara aos fiéis que a razão do sucesso ou da derrota na vida de qualquer pessoa se encontra na maneira de usar corretamente as palavras.

Em seguida, redigimos um capítulo que estivesse embasado em uma perspectiva teórica que focalizasse a pregação religiosa com visão científica. Para isso, abordamos as teorias defendidas por Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005), Reboul (2004), Abreu (2001), Citelli (2005) entre outros, para a Teoria da Argumentação e Retórica; e de Cagliari (1992) e Bollela (2006), para a Prosódia.

Por fim, como nossa intenção era verificar se os elementos argumentativos e prosódicos influenciavam na constituição da persuasão, apresentamos um capítulo contendo análises de amostras extraídas do *corpus*, com o propósito de encontrar respostas para nossa hipótese.

Em nossas análises, pudemos perceber que o missionário utiliza muitas técnicas argumentativas. Em especial, explora constantemente os argumentos quase lógicos e os fundamentados na estrutura do real, principalmente o argumentos pragmático e o argumento pelo exemplo. Além disso, o valor da prosódia como instrumento de persuasão é comprovado por meio do uso dos elementos prosódicos volume e velocidade.

No início de sua pregação, Soares recebe seus fiéis de maneira doce, quase paternal, dirige-se a eles como irmãos e aparenta intimidade com o auditório. Nesse momento utiliza os elementos prosódicos volume e velocidade da fala. Sua voz é agradável e confortante, pois ele tenta se aproximar dos fiéis para ser ouvido e o faz de forma simples e objetiva. Pudemos perceber também que em quase toda sua pregação, o missionário mantém a mesma tonalidade e volume de voz, alternando-os apenas em alguns momentos especiais, talvez para chamar a atenção do auditório para a relevância da palavra proferida. Soares sabe que sua autoridade reside na placidez e domínio da palavra, e não necessita fazer uso de melodramas em sua pregação. Além disso, no decorrer da análise, pudemos concluir que não só a prosódia colabora na argumentação, mas outro aliado muito forte e muito utilizado por Soares é o discurso da Teologia da Prosperidade, em que a solução para todos os problemas da existência humana é amplamente divulgada e declarada pelos neopentecostais.

Enfim, pode-se dizer que o trabalho aqui apresentado atingiu o objetivo de investigar a prosódia como colaboradora da argumentação na construção da persuasão e confirmamos que a argumentação perderia muito de seu poder de alcance se fosse proferida sem a emoção que só os elementos prosódicos podem ressaltar.

REFERÊNCIAS

- ABREU, A. S. A. *arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. São Paulo: Ateliê, 2001.
- ALMEIDA, E. Discurso religioso: um espaço simbólico entre o céu e a terra. In: _____ . (org.) *Sociedade e Discurso*. Mato Grosso: UNEMAT, 2001.
- ARISTÓTELES. *A retórica das paixões*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. (Coleção Clássicos).
- _____. *Retórica*. Tradução de Marcelo Silvano Madeira. São Paulo: Riddel, 2007.
- ASSMANN, Hugo. *A igreja eletrônica e seu impacto na América Latina: convite a um estudo*. Petrópolis: Voes, 1986.
- AZEVEDO JÚNIOR. 1994. *Guerreiros do Senhor*. Um esboço da cosmologia neopentecostal.
- BAKHTIN, M (1979). *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. (1929) *Marxismo e filosofia da linguagem*. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Edição revista e atualizada. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil.
- BOLLELA, M. F. F. P. A prosódia como instrumento de persuasão. In: LOUZADA, M. S. O.; NASCIMENTO, E. M. F. S.; OLIVEIRA, M. R. M.. (Orgs.). *Processos enunciativos em diferentes linguagens*. Franca: UNIFRAN, 2006. p. 113-128. (Coleção Mestrado, 1).
- BRONCKART, J. P. *Atividade de linguagem, textos e discursos*. 2. ed. São Paulo: EDUC, 1999.
- CAGLIARI, L. C. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. *Cadernos de estudos linguísticos*, Campinas, n. 23, p. 137-151, jul./dez. 1992.
- CAMPOS, L. S. *Teatro, Templo e Mercado: Organização e Marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo, Simpósio Editora e Universidade Metodista de São Paulo, 1997.
- CHAUÌ, M. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo, Moderna, 1981.
- CITELLI, A. *Linguagem e persuasão*. São Paulo: Ática, 2005.

COELHO FILHO, I. *Neopentecostalismo*. Conferência teológica. Faculdade Teológica Batista de Campinas, em 12 de abril de 2004.

CORTEN, A. *Os pobres e o Espírito Santo: o pentecostalismo no Brasil*. Tradução de Mariana Nunes Ribeiro Echalar. Petrópolis: Vozes. 1996.

FARNEDA, E. S. *O Debate Televisivo: um estudo das Estratégias Argumentativas no Discurso Feminino*, 2007.

FIGUEIREDO, M. F. et al. *Pregação religiosa: uma caracterização à luz da teoria dos gêneros*. 2009. (no prelo).

FONSECA, A. B. Nova Era Evangélica. Confissão Positiva e o Crescimento dos Sem Religião. Trabalho apresentado no seminário temático STO2 “Nova Era e o complexo alternativo”. VIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina São Paulo, 22 a 25 de setembro de 1998.

FRESTON, P. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto ET ali. *Nem Anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994. P. 67-99.

HAGIN, K. *Compreendendo a unção*. Tradução de Gordon Chown. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 1983.

_____. *O nome de Jesus*. Tradução de Gordon Chown. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 1999.

_____. *Chaves bíblicas para a prosperidade financeira*. Tradução de Rogério Lima Clavelho. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2000.

HANEGRAFF, H. *Cristianismo em Crise*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus – CPAD, 1996.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin Conceitos-Chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

MARIANO, R. *Neopentecostalismo: os pentecostais estão mudando*. São Paulo: Dissertação de mestrado em sociologia, FFLCH – USP, 1995.

_____. *Neopentecostais*. Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MILHOMES, V. *Tipos de Oração*. Série Escola Oração, vol. 02, Editora Palavra de Fé Produções, 1993.

ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas de discurso*. Campinas: Pontes, 1987.

PATRIOTA, K. M. *O fenômeno do Marketing religioso: Análise do discurso da Igreja Renascer em Cristo na mídia*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós

Graduação em Comunicação – Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife, 2003.

_____. O show da fé: A religião na sociedade do espetáculo. Um estudo sobre a Igreja Internacional da Graça de Deus e o entretenimento religioso brasileiro na esfera mediática, 2008.

PEDROSA, C. E. F. Discurso religioso: funções e especificidades. Disponível em: <http://www.filologia.or.br/soletras/13/04/.htm>. Acesso em: 14 jan. 2008.

PERELMAN, C. & Olbrechts-Tyteca, L. *Tratado da argumentação. A nova Retórica*. São Paulo, Martins Fontes, 2005.

PIERUCCI, A. F. & PRANDI, R. *A realidade Social das Religiões no Brasil*. São Paulo, Hucitec, 1996.

PINEZI, A. K. A dimensão do presente e futuro em contextos religiosos diferenciados: uma análise comparativa entre dois grupos evangélicos. Trabalho apresentado no GT 16: religião e Sociedade do XXIV Encontro Anual da ANPOCS, 2000.

_____. A noção de esperança e suas implicações para a vida: análise comparativa entre dois grupos evangélicos no Brasil. *Revista Jurídica Eletrônica*, 2005.

PINHEIRO, N. F. A noção de gênero para análise de textos midiáticos. In: MEURER, J.L.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). *Gêneros textuais*. Bauru: EDUSC, 2002.

PRANDI, R. *Um sopro do Espírito: a renovação conservadora do catolicismo carismático*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP, 1997.

PROENÇA, W. L. *Magia, Prosperidade e Messianismo: O “Sagrado Selvagem” nas Representações e Práticas da Leitura do Neopentecostalismo Brasileiro*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2003.

RAMOS, L. C. *A pregação na idade média. Os desafios da Sociedade do espetáculo para a prática homilética contemporânea*. Tese do doutorado em Ciências da Religião. Universidade Metodista de São Paulo – UMESP, São Bernardo do Campo, 2005.

REBOUL, O. *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RODRIGUES, E. M. L. *O Discurso Religioso e Tríplice Influência: Argumentação, Texto e Prosódia*. Franca. 2008.

RODRIGUES, K. *Teologia da Prosperidade, sagrado e mercado: Um estudo sobre a Igreja Universal do Reino de Deus em Caruaru – PE*. São Paulo: edições ABHR: Edições FAFICA – Coleção Religião e Academia, 2003.

ROMEIRO, P. R. *Decepcionados com a Graça. Esperanças e Frustrações no Brasil Neopentecostal*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

SANCHIS, P. O repto pentecostal à cultura católico-brasileira. In ANTONIAZZI, Alberto ET Ali. *Nem Anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes. 1994.

SILVEIRA, M. *O discurso da Teologia da Prosperidade em Igrejas Evangélicas Pentecostais. Estudo da Retórica e da Argumentação no culto religioso* 2007.

Site: ON GRACE. Disponível em <http://www.ongrace.com.br>.

SOARES, E. 2004. O que é a confissão positiva? Disponível em <http://www.jesus-br.org/article109.html>.

SOARES, R. R. *As Palavras*. (60 minutos) Álbum Curso Fé, 2007.

_____. *Como tomar posse da benção*. Rio de Janeiro: Graça, 2004.

TRINGALI, D. *Introdução à Retórica: A retórica como critica literária*: São Paulo, 1988.

WEBER, M. Carisma. In: _____. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.

WILSON, V. Modos de ler o discurso religioso. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/soletras/5e6/11.htm>. Acesso em: 25 jan. 2008.

YAMABUCHI, A. K. *Cura e Poder na teologia de R. R. Soares. Uma análise crítica á luz da Teologia Prática*. Dissertação de mestrado – Curso de Pós – graduação em Ciências da Religião. Universidade Metodista de São Paulo.

Anexo I – Normas de transcrição do Projeto NURC⁴

	SINAS	EXEMPLIFICAÇÃO*
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	Do nível de renda... () nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	E comé/e reinicia
Entoação enfática	maiúscula	Porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s,r)	::podendo aumentar para::: ou mais	Ao emprestarem os... éh:::... o dinheiro
Silabação	-	Por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	Eo Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	São três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	((tossiu))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	-- --	... a demanda de moeda-- vamos dar essa notação-- demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	{ligando as linhas	A.na{casa da sua irmã B. sexta-feira? A. fizeram{lá... B. Cozinharam lá?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais, reprodução de discurso direto, durante as gravações	“ “	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... “o cinema falado em língua de nenhuma baRREira entre nós”...

⁴ Utilizou-se, para os propósitos da análise, a convenção de transcrição correspondente ao Projeto NURC/SP.

ANEXO II – Transcrição da pregação: “As Palavras”

Vamos fazer esse início dando para o nosso Senhor uma linda e poderosa salva de palmas... Aleluia... pela Graça de Deus nós estamos chegando na lição número nove... cujo título é “As Palavras”... e essa lição eu acredito que vai ajudar você muito... vai ensinar você a colocar na sua boca aquilo que precisa ser colocado... pois é aquelas palavras que precisam ser faladas... aquelas palavras que se faladas corretamente haverão de transformar a sua vida... as palavras nos edificam... as palavras nos destroem... e as palavras que nos precisamos falar devem ser as mesmas que nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo falava e pra iniciar essa lição... nós vamos louvar o nosso Deus com nosso conjunto adorando a Deus e eu quero que todo mundo entre na presença de nosso Pai... irmãos a lição número nove tem como título “As Palavras”... a gente vai ler devagar... vamos para... vamos meditar e vamos permitir que o Espírito Santo abra o nosso entendimento... aqui nos colocamos assim... as forças mais poderosas nesse mundo não são as armas atômicas ou quaisquer outras armas... são as forças invencíveis e inaudíveis de Deus... as quais são espirituais... e estas forças de Deus que compõem o exercito do poder de Deus é preciso que se saiba desde o início que elas foram colocadas ao nosso dispor... elas estão prontas... foram criados...receberam ordens para fazer a obra em nosso favor... e fazer quando?... quando Deus? não... quando nós assumirmos a nossa posição em Cristo e assumindo essa posição... nós exigirmos aquilo que a palavra de Deus diz que é nosso... quer dizer... nós pronunciamos as palavras exatas... esse assunto precisa ser mais meditado... mais compreendiDO... aqui reside a razão do sucesso ou da derrota na vida de qualquer pessoa... qualquer um que esteja na situação que estiver... se ele captar este entendimento... e ele passar a falar as palavras corretas... exatas que palavras corretas... exatas são aquelas que se aliam com a palavra de Deus... são aquelas que paralelos com a palavra de Deus... que saem de acordo com o verbo divino... essas pessoas que assim o fizerem... tornar-se ao pessoas vitoriosas... continuando aqui na nossa lição... o Senhor que é espírito... criou todas as coisas visíveis e invisíveis usando o seu poder por meio de sua palavra... Deus é espírito... não tem carne e osso... nós também somos espíritos... só que nós temos um corpo para morar e temos uma

mente alma... Deus também tem a alma dele... mas tudo que Deus fez... ele fez usando palavras... tudo que nós quisermos fazer de vem para nós... nós temos que usar palavras correTAS... porque se nós continuarmos usando palavras... que não estão de acordo com a palavra de Deus... o que e que vai acontecer? nós vamos continuar criando coisas como temos feito agora... e coisas que não estarão trabalhando em nosso beneficio... continuando aqui... foi assim que Ele criou as montanhas... os minerais e os mais diversos tipos de seres viventes... diz a bíblia o seguinte... e disse Deus... para que tudo se formasse... primeiro o Senhor Deus falou e quando o Deus falou... aquilo passou a existir... irmão exatamente na nossa vida... a gente se captar esse entendimento nós vamos falar de acordo... sempre lembrando... tem que ser de acordo com a palavra de Deus... numa das lições anteriores... nós estudamos... que nossa palavra sozinha... no mundo espiritual não produz nada... ela não tem poder... ela não tem força... ela é impotente, então pra nossa palavra ter força ela tem que estar vestida pela palavra de Deus... e tem que falar exatamente igual a palavra de Deus... se assim o fizermos... assim nós conseguiremos a benção... eu nunca vou esquecer de uma senhora que mora aqui numa dessas cidades satélites aqui da grande São Paulo... ela veio aqui... uma senhora de quase oitenta anos setenta e poucos anos de idade... pobre... e ela contou um grande milagre que ocorreu na sua vida... por causa de palavra... o milagre começou... quando ela assistindo nosso programa na televisão descobriu que Jesus já havia levado todas doenças de todos os seres humanos a filha dela... enfermeira... quando teve neném ficou ruim da cabeça... nenhuma mulher quando tem neném deve ficar ruim da cabeça... mas existe uma crendice... que o diabo gosta de crendice... que se a mulher levar um susto... se a mulher tiver assim uma mudança de temperatura... sei lá mais o que... ela vira o útero como eles falam... e a cabeça da mulher fica ruim... é demônio que faiz isso... quer diz a mulher levou um susto... e ficou ruim da cabeça... então já tem essa crendice... e o demônio de baseia em crendice... quer dizer isso é uma porta aberta pra ele... ela tomou o susto e ficou ruim da cabeça... mas ficou tão ruim que ela disse missionário dava dó... eu criava minha neta... e a minha filha ficava jogando bola de gude com os meninos na rua... correndo atrás dele...chamando ela de maluca... parecia um débil mental... afastou-se do trabalho e por nove anos isso aconteceu... eu aprendi na televisão no seu programa... comecei a assistir... e todo dia eu colocava um simples copo de água encima da televisor... não água como essa mineral... mas água de casa...

acabava o programa eu descia minha rua... ela morava no final da rua e eu chegava numa casa abaixo do nível da rua... eu chegava e dizia demônio é pra você sair da minha filha e jogava assim no telhado e ia embora para casa... ela fazia uma coisa aparentemente insensata... ora... o que faz um copo com água? tem até cristão que debocha de outro quando ele com fé coloca um copo com água no televisor e bebe aquela água... achando que isso não tem valor algum... quando mais um cristão sair na rua com aquele copo com água e chega e fala pra vento... "demônio isso é pra você sai da minha filha... jogava encima do telhado e ia embora pra casa... eu disse que as forças mais poderosas desse mundo são as forças de Deus e elas operam através das nossas palavras... poder de Deus vai entrando em ação ela missionário hoje minha filha está completamente curada... voltou a trabalhar com enfermeira... está no outro hospital e a vida se deu solução mais aí que vem o milagre que ela contou... ela diz eu tenho uma outra neta que eu crio... eu e ela... quando eu era casada eu morava com me esposo... que ele faleceu... a nossa vida era uma miséria completa... ele faleceu... ficou pior... a minha filha trabalhava num trabalho que não tinha nem carteira assinada... direito social nenhum... salário pouco... e eu continuei assistindo e um dia o Senhor falou que pra nós prosperarmos nós temos que fazer como Deus... e o Senhor se baseou naquele versículo que diz que Deus chama a existência as coisas que não são e o Senhor então disse que Jesus falou que quem cresse nele faria as mesma obras... ora se Deus chama a existência as coisas que não são... eu tenho que fazer as mesmas obras então eu tenho que chamar a existência... uma senhora de mais de setenta ano... cultura pequena... mas espírito aberto para Deus... aprendeu o princípio que muito cientista... muito PHD não sabe... o que que essa senhora fez?... lá na sua casa ela gritou: Oh PROSPERIDADE de Deus, venha sobre mim na minha casa... na minha neta... em nome de Jesus... usou palavras... aí diz missionário... uma coisa engraçada... no mesmo dia... minha filha tava trabalhando lá... o patrão passa pra lá e pra cá... olha pra ela... anda um pouquinho em volta... passa... olha pra ela... volta... olha pra ela... e ela ta só olhando... depois chegou... escuta fulano... eu nuca reconheci direito de empregado algum... todo mundo aqui não tem carteira assinada... mas não sei que ta havendo você faz o seguinte... amanha você me traz sua carteira que eu vou assinar... minha neta não entendeu nada... quando chegou em casa... contou pra ela... vó... não não aconteceu por acaso não... foi eu que hoje no programa eu invoquei a prosperidade de Deus e ela esta vindo... eu chamei a existência... noutro dia o patrão foi assinar a

carteira naquela data e disse... escuta... eu to sentindo no coração que eu não posso ser injusto com você... apesar de eu não reconhecer o direito de ninguém... eu dar o direito desde o dia que você entrou aqui... aí deu os direitos dela... aí ela disse... missionário vai na minha casa hoje... eu nunca tive o que eu tenho... eu tenho 273 kg de feijão no meu armário... eu tenho não sei quantas latas de óleo de soja... não sei... eu nunca vi isso missionário... foi porque ela usou palavras corretas... irmão... talvez você esteja em situação igual... quem sabe o seu casamento está acabando... você diz acabou o amor... não existe mais amor... ela gritou... Oh prosperidade de Deus... você deve gritar... Oh amor de Deus... volte... venha... habite no meu coração... da minha esposa... do meu marido... do meu filho... da minha sogra... tem essa briga de sogra aí... se tem chamar a prosperidade... chamar o amor... chamar a saúde... porque o Deus do Céu... com palavras ele disse... HAJA LUZ... apareça... punção seca... apareça relva... os animais... os peixes e tudo passou a existir e ele disse... aquele que crer em mim... fará as mesmas obras que eu faço e outras maiores fará porque eu vou para o pai... diga Graças a Deus... vamos continuar aqui na lição irmãos... qualquer pessoa pode passar por uma verdadeira transformação quando descobrir que as palavras que falamos são mais poderosas do que qualquer outra coisa que podemos conhecer... e aquele que está unido a Cristo... tem a seu dispor um verdadeiro exercito... pronto para atuar esperando as suas determinações... onde é que está escrito esse exercito? a maioria de você vai perguntar... você já conhecem... no curso fé eu já falei... lá em Hebreus capítulo I... versículo quatorze... irmãos nos estamos perdendo bênçãos... não porque nós não mereçamos o poder que está colocado a nosso dispor... o poder que pertence a nós... aqui diz o seguinte Hebreus quatorze... não são porventura todos eles... espíritos ministradores... enviados para servir a favor daqueles que hão de herdar a salvação todos os anjos de Deus são espíritos ministradores... foram enviados já tem essa ordem divina para servir... não para serem... servidos... anjos não são para receber oração de quem que seja... anjos não são para receber aplausos... louvor... de quem quer que for... anjo é espírito ministrado... criado e enviado para servir a nosso favor... que nós vamos herdar a salvação... como e quando é que eles nos obedecem? quando e como é que eles operam em nosso favor? salmo cento e três... versículo vinte... nós dá a receita de colocar esse exercito poderoso a nosso dispor... salmo cento e três versículo vinte diz assim... bendizei ao Senhor todos os seu anjos... vós que excedeis em força que guardar seus mandamentos obedecendo

a voz da sua palavra... quando nós damos voz a palavra de Deus... todos os anjos do Senhor entram em ação pois eles obedecem a voz da palavra do Senhor... eles excedem em força... eles são tremendos em poder... eles são de uma habilidade tamanha... é a própria habilidade de Deus... agora enquanto você não falar as palavras que produzem... que são palavras que estão vestidas e impregnadas pela palavra de Deus... os anjos não podem atuar... vamos voltar a lição agora... as nossas palavras é o tópico é o título desse tópico agora... pouca coisa na nossa vida de fé... tem tanta importância quanto as nossas palavras... as palavras que falamos são realmente a tradução mais fiel do que cremos... elas são como o retrato perfeito do nosso espírito... por isso é muito importante aprender o valor que elas possuem e exercem o nosso viver... vamos entender isso aqui irmãos? as palavras que nós falamos elas são a tradução mais fiel do que cremos... elas são como um retrato de nosso espírito... como é o nosso espírito? bom... meu corpo você vê como ele é... eu sou de pele clara... eu sou isso que você está vendo aqui agora... eu não sei se que eu... não sei muito bem é descrever como eu sou... nem você sabe descrever você muito bem apesar de hoje já me ter olhado no espelho quando lavei o rosto... escovado os dentes... penteado o cabelo... acertado direitinho... eu vi minha face... você também viu a sua... tente descrever você... você consegue me descrever... mas não consegue você... o seu espírito é a mesma coisa... como é que você descreve o seu espírito? missionário na tem jeito mas quem vê você Deus vê você interiormente... o diabo também vê você... por dentro... vê o espírito... nele sabe como você é... as palavras que você fala... as palavras que você solta... elas são como um retrato do seu espírito... é dessa maneira que você é... se você é aquela pessoa que só vive choramingando... que só vive confessando a derrota... que só vive reclamando da vida... você tem aquela aparência espiritual terrível... você é aquele troço feio... irmãos que não dá prazer a Deus... se você é uma pessoa alegre... feliz... positiva... que só confessa palavra de Deus... você tem uma aparência linda... você está na imagem e semelhança de Deus... amém... continuando aqui... o Senhor Jesus afirmou que nós teremos realmente aquilo que falando... cremos... não é simplesmente falar como os pensadores positivos entendem... eles costumam dizer... hoje como em todos os dias como em todas as coisas estou cada vez melhor... é a máxima deles... tudo bem é bonito falar isso... mas se você não crê isso não produz nada... irmãos existe um princípio espiritual que Jesus colocou pra nós que nós já vimos na lição número dois... esse princípio

chama os cinco passos da vitória... ele está escrito no livro de Marcos... capítulo onze...vinte e dois... vinte e três... preste atenção nesta afirmação do Senhor Jesus... ele disse assim... tende fé em Deus... porque em verdade vos digo que se alguém disse a este monte ergue-te e lança-te no mar e não duvidar em seu coração... mas crê que fará o que diz... tudo que disse-lhe será feito... então preste atenção... irmãos... nós teremos segundo Jesus... ele afirmou isso... exatamente aquilo que falando nos cremos... se nós falarmos e não cremos não adianta nada irmãos... é como furar buraco na água... quanto mais você fura... mais você descobre que não adiantou nada... então irmão... preste atenção... olhe o que Jesus diz no finalzinho do versículo é crer que se fará aquilo que diz... tudo que dizer-lhe será feito... então segundo Jesus nós teremos tudo que falarmos se nos cremos... se nós falarmos por falar não vai nós adiantar... só nós adiantará se falando nós cremos... prestemos atenção a esta última afirmação do Senhor Jesus... tudo o que disser lhe será feito... fica claro que as palavras então podem nos edificar... as palavras que nós falarmos... se nós cremos nela... elas podem nos edificar... ao mesmo tempo elas podem nos destruir... o que a gente diz a vida tá difícil... pra mim nada dá certo e a gente crê que não dá certo... o desempregado já vai à porta da fábrica... crendo que aquela vaga é pra qualquer outra pessoa... menos pra ele... a mocinha já está ficando pra titia... mas ela crê que todo rapaz que apareceu no mundo é pra colega dela... menos pra ela porque ela tem o nariz meio torto... ela tem um queixo meio cumprido...porque ela tem um pescoço grande... porque ela é baixinha... porque ela é magricela... porque ela é gorduchinha.. quer dizer ela crê que outra pessoa é mais capacitada... tudo que você falar crendo é o que você terá... as nossas palavras podem fazer com que fiquemos doente... irmãos... ou podem nos trazer sucesso... como também a derrota... pois segundo Jesus... tudo que dissermos... nos será feito... preste atenção nisso... mamãe não tem muito juízo... sua filhinha ou seu filhinho é um pouco peralta...travesso... e ela diz... menino... menina... você nunca vai ser nada na vida... olha que palavra pesada... irmãos... ela envolve aquela criança com ondas negativas... ela entrega seu pequeno... sua pequena para que o demônio faça dessa pessoa algo ruim... não irmãos nós temos um grande valor e ainda que hoje você esteja no mais baixo degrau... amanhã você poderá estar lá no topo... se você falar palavras que produzem... palavras que produzem são palavras que estão sobre... dentro... da palavra de Deus... continuando aqui... quanto mais rápido é melhor aprendermos o

papel que as palavras desempenham na nossa vida e o que a bíblia revela sobre elas... melhor vivermos... pois descobrimos que aquilo que tanto precisamos que nos seja concedido... aquela bênção tão necessitada só depende de nossas palavras para que se materialize... irmãos... a sua cura... a sua saúde... a sua prosperidade... a sua paz... a sua realização... só depende... só... das suas palavras para que materialize... porque segundo Deus a obra já está feita... Deus não promete nos curar... no Novo Testamento não tem essa promessa ele garante que nos já fomos curado... ele garante que todas as bênçãos já nos foram dadas... ele garante que nós somos mais que vencedores... ele garante... irmãos que ele sempre nos conduzirá em triunfo... porque falar o contrário... porque quando for lá ficar com aquela cara de burro... que isso irmão?... que besteira é essa... não crês na Bíblia Sagrada irmãos... Jesus nunca fez isso... os apóstolos nunca fizeram isso, ao contrário Paulo gritava eu POSSO todas as coisas naquele que me fortalece... se Deus é por nós... quem será contra nós... irmão... isso é palavra pra você enfrentar qualquer coisa irmão... se Deus é por mim... quem será contra mim... cuidado... hein? o macumbeiro diz que vai por o seu nome na boca do sapo... coitadinho do sapo... vai perder a vida... a única virtude nisso é que meu nome vai abençoar aquele sapo... risadas... mas depois não podia... não devia ser assim... vai amarrar a boca do sapo até que ele morre lá... mas é uma maldade que fizeram com ele... vai morrer abençoado... não devia ter feito... o outro negativo diz ai meu Deus e agora o que será... o que que o sapo pode fazer pra gente irmão? se ele pudesse dizer alguma coisa... ele não ficava pulando lá na lagoa... irmãos... ele estaria andando... estaria na faculdade aprendendo tanta coisa gostosa nesse mundo ai coitadinho... fica lá gritando se o tião veio... o que lá mais o que...se comprar comprou...gastou quinhentos reais... esse negocio bolso aí... nós somos de outra raça... irmão... outra espécie... nós somos de outro mundo... nós somos do mundo da vitória... porque somos de Deus... a meu Jesus... continuando aqui na palavra de Deus... também descobrimos na lição do caso né que somos hoje exatamente aquilo que algum tempo atrás consciente ou inconsciente havíamos declarados que seríamos... se sabia disso? hoje você é exatamente aquilo que algum tempo atrás consciente ou inconsciente você declarava... se ta colhendo hoje a semente que você plantou num passado distante ou passado próximo... agora você será num futuro, próximo, ou distante aquilo que você passar declarar a partir de hoje... escuta... a sua vida é um fracasso? até hoje tem sido... missionário... então vou lhe dar uma boa noticia...

alegre-se... porque hoje é o primeiro dia do resto da sua vida... se pode escrever uma vida diferente a partir de hoje todos os dias pra escrever o seu futuro... continuando aqui... a verdade é que podemos a partir desses momentos ser o que quisermos... somos nós que fazemos a diferença e escrevemos o nosso futuro... pare de ser fatalista... essa doutrina de fatalidade... essa doutrina de predestinação não é bíblica... isto tem um ar de demônio atrás dela... não sei se eu sou sábio é porque Deus me elegeu pra eu ser sábio... se outro vai pro inferno é porque Deus elegeu ele para ir pro inferno... Deus seria até mal... irmãos o que tem países que o evangelho não chegou... e as pessoas que ainda são salvas... são um número bem pequeno... tem países como a América do Norte... que o evangelho ta lá a trezentos quatrocentos anos quase quinhentos anos... que a maioria é salva... então Deus olhou para os lindos americanos e disse pra eles assim Americans I Love You... americano eu amo vocês... olhou para o pessoal da Albânia... não sei falar em albanês... se me perdoa vou falar em português mesmo... albaneses vão pro inferno... não irmãos... isso é maldade... mas missionário... lá no Efesíós diz que Cristo... nós somos predestinados não como pessoas... mas Deus predestinou-se em Cristo... ou seja... deus decretou no início de tudo... que aqueles que aceitassem Jesus... seriam salvos... se eles não são salvos... a culpa é nossa... porque nós não estamos unido lá pregar o evangelho... alguém foi pra América a quinhentos anos e pregou o evangelho... outro foi e pregou... deram a vida... no Brasil demorou mais irmãos... foi no final do império... que começaram chegar aqui os missionários... primeiro vieram os franceses... que na escola aprendemos que foi a invasão francesa pra fundar a França trás que é pura lorota... tudo aquilo ali eram os calvinistas expulsos da França que vinham buscar refúgio... mas que a igreja dominando na época os expulsou talvez você nunca soubesse disso... eles não vieram aqui... fundar um outro país... por isso mandaram embora... mas a luz veio brilhando no final do Império... começou se permitir... vieram os missionários e hoje Graças a Deus que o Brasil esta conhecendo Jesus Cristo...irmão... e ninguém segura isso irmão... breve a maioria também será de Jesus... mas não é que nós somos como individualmente predestinado... não... porque alguém está pregando... se nós calarmos a nossa boca e já tentaram tantas vezes colar... o povo não será salvo... então não tem esse negocio de fatalismo não... nós é que escrevemos o nosso futuro... se você ficar nessa história... daqui um tempo você estará na miséria... doente... sofrendo... se você passar para a palavra de Deus... que não é

história... é realidade... você vai escrever um futuro lindo e você vai uma bênção... Deus quer o melhor pra mim... claro... porque Deus é pai... lá em Matheus capítulo quinze... Deus disse... vós que sois maus... sabeis das boas dádivas a nossos filhos... quanto mais o pai celestial dará bens... aos que lhe pedirem... aqueles que reivindicarem porque pertencem a eles... você pode continuar na miséria ou pode ser uma pessoa abençoada... um tópico aqui chama-se o seguinte... observemos a forma de Jesus falar... o Senhor Jesus falava... como se ele e o pai fossem um... preste atenção nisso hein... agora eu queria sua máxima atenção... eu não coloquei isso por realmente o eram... ele disse assim... em João dez... trinta... eu e o pai somos um... o que fazia Jesus ser um com o pai? preste atenção agora irmãos... Jesus era Deus... deixou a sua glória... se conhece o relato bíblico... o Espírito Santo pegou a semente da vida... invisível ao olho humano e a plantou no ventre de Virgem Maria... ele fez a concepção com o óvulo de Maria... Maria concebeu... engravidou-se e nasceu Jesus... esse homem tenha o desassombro de confessar... eu e o pai somos um... o que que fazia Jesus ser um com o pai? preste atenção aqui agora... a sua união com o pai... era por causada palavra... missionária eu não tô entendendo bem... a união de Jesus com o pai... era por causa da palavra... Vou chegar lá e vou explicar a você... deixa eu ler mais um pouquinho... porque agora pode formar o pensamento... por isso... ele não tinha falta de nada... ele tinha poder a seu dispor... eu vou explicar... um minutinho só... ele sabia que por falar o que o pai lhe havia prescrito... podia ordenar aos demônios que soltassem as suas vítimas... e eles se submeteriam a ele e saiam delas sem lhes fazer mal algum... sabia que podia falar às forças da natureza... como Deus e Ele veio como homem... e todas estas leis o obedeciam... todas natureza o reconhecia como senhor... pois a palavra de Deus... em seus lábios lhe dava tal prerrogativa... o vento e o mar lhe obedeciam... lhe caminhava sobre as ondas... transformava água em vinho... multiplicava Paes e peixes além de curar pessoas de todas os tipos de doenças e enfermidades... deixa terminar só pra explicar pra vocês... observando a maneira de Jesus falar... de agir... de realizar a obra de Deus... podemos ver a importância que ele dava às palavras... é como se Ele que veio nos dar o exemplo de como ser mais que vencedores em todas as coisas... dissesse que só conseguíssemos aquilo que falarmos... determinarmos... tomamos posse... e foi exatamente isso que ele queria dizer.. qual era o segredo... ele assumia o que o Pai declarava o seu respeito... e confessava abertamente... isto talvez tenhamos falhado em fazer... vamos entender

isso aqui... eu e o Pai somos um... irmãos... porque Ele era um com o Pai? porque ele assumia a palavra de Deus... é errado quer um de nós... mortais... falarmos dessa maneira? não... primeira carta de Paulo aos Coríntios... capítulo seis... versículo dezessete... vejamos aqui o que o Espírito Santo diz sobre esse assunto... da maior importância... irmãos... porque enquanto você viver dessassociado de Deus... você não vai conseguir muita coisa... não...na hora que você ousar e confessar o que a bíblia diz... você então começa a se encaixar no plano de Deus e tomara que nessa lição você se encaixa... primeiro dos Coríntios seis... dezessete... mas o que se junta... o que se une... com o Senhor é... o que irmãos? o mesmo Espírito Irmão...ele dizia... eu e Pai somos um... mas ele tinha um corpo... mas o Espírito dele com o do Pai estava ligado... queridos... quando nós nos firmamos na Palavra de Deus... nós é... é apossamos dela e a confessamos... nós somos um irmão... nós somos tão irresistíveis... invencíveis... quanto o Próprio Deus... o é... se isso não é verdade... nada mais o é... qualquer um de vocês... diga assim... eu... eu irmão... eu... eu que... se eu uni-me ao Espírito... ao Senhor...à Palavra do Senhor... é a palavra... o que aconteceu comigo... eu sou o mesmo Espírito com o Senhor... não serão mais... dois não irmãos... um só... é o que o Senhor ta falando aqui... então Jesus dizia... eu e o Pai somos um... mas se eu falar isso que eu e o pai somos um... o missionário é um herege... comedor de arroz com feijão... fica dizendo que Ele e o Pai somos um... é é o que a bíblia diz... eu estou simplesmente tomando o lugar... tomando posse da minha posição então vamos nos comparar com Jesus agora... irmãos... essa aqui vai ser boa... vamos observar como Jesus se coloca diante de Deus e o que o próprio Senhor declara ao nosso respeito... primeiro essa declaração... eu e o Pai somos um... não... como é que eu vou me comparar... já vimos agora em Coríntios seis... dezessete... mas o que se junta com o senhor é o mesmo Espírito... então nos podemos comparar? claro que podemos... ele e o Pai eram um e qualquer um de nós podemos ser um com o Pai também... tão indivisíveis como Jesus o era... tão ligados... entre si... um e o outro... que nem o vento passa... irmãos... guardados mesmo em Cristo... segundo agora Jesus disse assim... não vim de mim mesmo mas... ele me enviou... bom agora é diferente missionário... o pai enviou Jesus o mandamento...prescreveu...e o sucesso de Jesus é que ele não saiu fora da pregação... ele simplesmente caminhou naquele caminho... não tortuoso... mas reto que Deus lhe deu... então Jesus é diferente? não irmãos... vamos abrir a bíblia aí... se você a tem consigo... no Evangelho de João

quinze... dezesseis... não vim de mim mesmo... mas ele me enviou... disse Jesus... onde ta escrito nessa palavra... que Jesus foi enviado? João oito... quarenta e dois... então Jesus disse...eu não vim de mim mesmo... mas ele me enviou... mas nós não podemos comparar com Jesus? podemos... João quinze... dezesseis... vejam o que diz aí irmãos... o próprio lábio de Cristo... não me escolheste vós a mim... mas eu vós escolhi a vós e vos nomeei... para que vades e deis fruto... e o nosso fruto permaneça... a fim de tudo quanto em meu nome ao pai tudo quanto em meu nome pedirdes ao Pai... ele vá-lo conceda... então Jesus diz... eu não vim de mim mesmo... mas ele me enviou... nós podemos dizer... eu não escolhi a Jesus... ele me escolheu... me no meu também... vós não escolhestes a mim... mas eu escolhi a vós... e vos nomeei... prá que? para que vastes e deis fruto... não é para que continue de braços cruzados... ou chorando... meu Deus... meu Deus... não irmãos... para com essa besteira... a gente tem que parar de imitar os pessoais de outros locais aí... irmãos vocês não tem sabedoria? vamos produzir frutos pra eles verem que a sabedoria existe... e não fica agora imitando o irmão... com aquela cara de sofredor quando for orar... Deus não gosta disso... irmãos e depois quando você tiver tempo... você lê o livro de Neemias e Esdra... e você vai ver que vindo do cativeiro... houve até uma proibição... pro pessoal ficar triste na presença de Deus... negocio de chorar não... é dia de alegria... irmãos... ta tudo errado esse negocio aí... vamos orar... a pessoa faz aquela cara de sofredor e diz... meu Deus... aleluia... amém... que coisa feia... se ta aqui na frente... se olha às vezes... dá até vontade de chegar e dá um cascudo na pessoa... é irmão... a pessoa parece que é um infeliz nós somos felizes... bem aventurados... irmãos... glória... a Deus... nós somos filhos do altíssimo... a nossa oração é pra expressar alegria... contentamento... vamos fazer outra comparação? terceiro agora o Senhor Jesus disse assim... o Espírito do Senhor é sobre mim... pos que me ungiu para evangelizar os pobres... curar os quebrantados do coração e apregoar a liberdade aos cativos e dar vista aos cegos... por em liberdade aos oprimidos e anunciar o ano aceitável do Senhor... está em Lucas quatro... dezoito... dezenove... é missionário...mas nós não podemos falar isso... esse aí foi aquele famoso decreto de Nazaré que Isaías havia escrito que Jesus leu lá na Sinagoga... acentou-se e disse... hoje se cumpriu isso diante dos nossos olhos... Jesus era ungido para curar os cegos expulsar os demônios... por em liberdade né os cativos... restaurar tal... tal... curar aos quebrantados de coração e ainda anunciar o ano aceitável do Senhor... quantas besteiras as pessoas ensinam

por aí... irmãos... nós temos o mesmo poder... Lucas capítulo dez... dezenove... olha o que Jesus disse... irmão... Lucas dez... dezenove... eis aí... acordem... despertem-se... levantem-se... eis aí... que eu vos dei autoridade para pisardes serpentes e escorpiões... e sobre toda força... capacidade... habilidade... poder do inimigo... e nada absolutamente vos causará dano algum... irmãos... o irmãos... vamos nos comparar com aquele que fala à verdade... não com os professores de Teologia que você nem sabe como é que ainda a mente deles... o coração deles... queria Deus que estejam lavados... embranquecidos com o Sangue de Jesus... mas muitas vezes não estão não... e ficam por aí... ensinando conversa de homens... esqueçamos o conceito de qualquer pregador... firmemo-nos na palavra de Deus "eis aí... Espírito do Senhor Deus está sobre mim... ele me ungiu... capacitou-me de poder para libertar tal... libertar tal... tal... tal... enquanto a nós Acordem... eu dei pra você poder para pisar... eu caveira... franca-rua... pomba gira... homulu... todos os espíritos malignos... tudo... tudo... tudo... espírito do câncer... da Aids... da falência... da miséria... do adultério... tudo que está debaixo de vocês... serpentes... escorpiões... e sobre todo a força do inimigo... qualquer capacidade... qualquer habilidade que o inimigo tiver... você tem capacidade pra pisar... pra esmagar... pra reduzir a nada... e olha... preste atenção... hein... cuidado... não não falou nada disso... mas tem pessoa que diz... é... eu mexo com o diabo... e depois o diabo fica com raiva vai lá... e põe um mal na minha mulher... tem pregador que fala essa besteira... irmãos... irmão tem pregador que escreve livro dizendo que quando ele foi prá uma região pregar o evangelho... tava tão tomado por demônios que ele quase morreu.. a mulher dele teve um ataque cardíaco... o filho dele perdeu uma perna... isso é tudo mentira... irmãos... eu DU-VI-DO que essa palavra deixe de ser confirmada "os céus e a terra poderão passar... mas minhas palavras NUN-CA... o que que ele disse... irmãos? nada... absolutamente... vós causará dano algum... se o demônio conseguir arrancar um fio de cabelo da sua cabeça Jesus é o maior mentiroso... Glória a Deus que Jesus é o MAIOR verdadeiro... irmãos... NEM um fio de cabelo... NEM um minuto de sono... NEM uma dor de barriga... porque não acontece? por causa da palavra de Jesus... ele diz... ele me ungiu... me capacitou... me deu habilidade pra pregar o evangelho... libertar os cativos... colocar em liberdade tal... tal... dar vista aos cegos... anunciar a ira do Senhor... nós podemos dizer... o senhor me deu o poder... já me deu... prá eu pisar todo poder do inimigo... aleluia... mas marchar mesmo... irmão... colocar o diabo debaixo de nossos pés...

mas cuidado... eu poderei ficar com a perna dura amanha... MENTIRA nada AB-SO-LU-TA-MEN-TE nos causará dano algum... nada... nada... nada... nada... nada... nada...se causar um RIS-QUI-NHO... uma cicatriz... Jesus mentiu... e Jesus nunca mentirá... ele disse eu sou o caminho e a verdade... Ele é a verdade irmãos... e também é a vida... nós temos o caminho... a verdade e nós temos a vida com a gente... porque? porque nós temos Jesus... mas nós não nos comparamos com Ele... irmãos... dizem que nós não passamos de míseros pecadores... salvos pela graça... irmão... eu era um sujo pecador...um IMUNDO pecador... mas hoje eu sou um anjo de Deus... hoje nenhuma condenação está na minha conta... Romanos oito... versículo um diz isso... portanto agora... NENHUMA condenação... não há a mínima para aqueles que estão em Cristo Jesus... aleluia... que não NA-DAM... segundo a carne... porque irmão?... porque a lei do Espírito de vida em Cristo Jesus me livrou de que?... da lei do pecador e da morte... não tem nem condenação prá mim... irmão... então eu posso falar que me convence do pecado... Oh... Soares você já fez poucas e boas... eu fui embranquecido eu nasci de novo... as coisas velhas passam... segundo os corintios cinco... doze diz que eu sou a justiça de Deus... aleluia... eu sou muita coisa... você também é... diga graças a Deus... porque nós o somos... quarto... porque tem outra comparação... quando Jesus usava o poder para realizar milagres e se declarava filho de Deus... os invejosos judeus ficavam revoltados e diziam ao mestre... que ele sendo homem se fazia igual a Deus... eles não entendiam que... quando alguém é usado na palavra... ele age como se fosse o próprio Deus... é João dez... trinta e cinco por isso o judeus ainda mais procuram matá-la porque não só quebrantava o sábado... mas também dizia que Deus era seu próprio Pai... fazendo-se igual a Deus... aí... vem a explicação de Jesus agora prá nós... pois... isso é João cinco... dezoito... aí iam matar Jesus porque Jesus não só quebranteava a lei deles... mas como Senhor Jesus dizia que ele e o Pai eram igual a um...pois fazia igual a Deus... mas João dez... trinta e cinco diz... mas se a lei chamou deuses aqueles aquém a palavra de Deus foi dirigida e a escritura não pode ser anulada... irmãos... a grande verdade é a seguinte... quando nos assumirmos o nosso lugar na palavra... e agirmos na palavra é como se nós fossemos deuses não somos... não vem com essa doutrina que somos deuses... não... nós somos pequenos homens... dirá o salmo oitenta e dois que fala essa palavra mais explicada... Jesus só aqui explicou o significado... que nós apesar de sermos chamados de Deus por causa da palavra como príncipes haveremos de

morrer... quer dizer como homens... mas na hora que a palavra está nos usando... nos dá essa prerrogativa... é como se fossemos... então Jesus dizia que o Pai... ele era um com o Pai... os judeus queriam o matar... porque faziam com o Pai então ele era Deus... irmãos... com o Pai... nós somos... nós não somos em nós... continuaremos sendo homens... seres humanos... e um dia se o Cristo não vier antes vamos fechar os olhos... vamos vestir aquele capote de madeira o nosso corpo... porque o nosso espírito não... irmãos... nós nem sequer vivemos a morte... está lá em João oito... cinquenta e um... o dia em que eu li isso aqui eu saltei de alegria... irmãos... você tem medo de morrer irmãos? irmãos é a coisa mais linda na vida do cristão... veja João oito... cinquenta e um que você nunca vai ter medo... se não vai abreviar esse dia... mas quando ele chegar se não vai dizer Deus agora não... Pai aleluia... leva em paz para o teu reino João oito... cinquenta e um... veja o que diz aí... "na verdade... o que que tá escrito... irmãos?... em verdade... em verdade vos digo... se alguém ouvir a minha voz... NUNCA verá a morte... irmãos na hora que chegar o nosso momento... ausente aqui... presente com o Senhor... se alguém perguntar lá... como é que é a morte... não sei... o que é a morte é uma estação que ficou lá atrás... mas irmão... nós não vamos passar... nós já passamos por ela... quando aceitamos a Jesus... nós já saímos dela... estamos aqui... o trem está caminhando pro céu... chegou o momento da promoção... estamos aqui... já estamos com Jesus... fração MI-LI-MÉ-TRI-CA de segundo... em verdade em verdade eu vos digo... se alguém ouvir minha palavra ou guardar minha palavra... nunca verá a morte... amem Jesus...então eu e o Pai somos um... vamos obedecer que tu fazer Deus a ti mesmo... mas pêra aí pessoal... a lei chamou deuses a quem a palavra foi dirigida... não que nós somos Deus... em nós mesmos... mas a palavra em nós nos dá essa prerrogativa... nós agirmos como se fossemos... quinto agora... diante da perseguição Jesus declara que se ele quisesse poderia pedir ao Pai legiões de anjos que viria em seu socorro... ou pensas tu que eu não poderia agora orar a meu Pai e ele não me daria mais de doze legiões de anjos... olha que coisa seria...irmãos... na hora da perseguição... o apóstolo Pedro... arranca da espada... corta a orelha do mal servo do sumo sacerdote... decepa... Jesus sendo preso ainda faz um milagre... pêra aí pessoal... pegou a orelha... colocou aqui... o rapaz... brigado... e levaram Jesus preso... (risos)... na hora exata Jesus anda e faz o primeiro transplante... ou reinplante que houve no mundo foi reinplante aí... reinplantou a orelha do mal sem ponto.. sem nada... colocou e ela ficou boa... me diz

pêra aí pessoal... eu podia pedir aos céus... mais de doze legiões de anjos... e eu seria atendido... mas nós podemos orar na hora dum aperto... irmãos?... na eminência de sermos atingido por uma avalanche do inferno? um acidente? de sermos sequestrados? roubados? João quatorze... três... você conhece esse versículo... ele diz que podia orar e deu mandaria pra Ele... e nós? Ele diz o seguinte... e tudo quanto pedirdes em meu nome... eu farei... para que o Pai seja glorificado no filho...irmão... na hora da necessidade... tem uma ameaça eminente... vai acontecer... se não der tempo você determina correndo... “eu não permito... e a coisa não acontece... se der tempo... faz uma oração mais formal... Pai eu vou usar o teu poder... assim como o profeta Eliseu... feriu de cegueira aqueles milhares de soldados sírios... que vieram prá tomar a Samaria... você também pode fazer o inimigo ficar cego... talvez não fisicamente... pode até acontecer fisicamente... o Eliseu fez todo mundo ficar cego... depois você pode ler isso lá nos reis... você vai gostar de ler isso lá no segundo reis Eliseu pegou todo aquele exercito... eram milhares de soldados... irmãos... levou todos eles à Samaria e colocou o exercito de Israel em volta... aí... orou... eles abriram os olhos... tava todo mundo preso... (risos)... prendeu um exercito com oração... nós podemos... irmãos... porque tudo que nós pedirmos... reivindicarmos... exigimos... tomarmos posse... em nome de Jesus ele fará por nós irmãos... a próxima vez que vier uma ameaça... real ou imaginaria... porque as vezes é imaginaria só na sua cabeça... é Deus mostrando e você acha que está imaginado coisa... irmão... use o poder de Deus... usando o poder de Deus você tornar-se-á uma benção... diga graças a Deus... diga viva Jesus no meu coração... prá terminar aqui deixa eu só ler nossa posição aqui... agora está claro que não é propriamente Deus que cura nos dias de hoje... isso às vezes chega a perturbar algumas pessoas que foram ensinadas a vida toda que deveriam orar... jejuar... pedir a Deus que as curasse... porem... estamos aprendendo que somos nós que temos que fazer a nossa parte... esse é o caminho mais rápido e seguro... para ouvir cem por cento o poder de Deus em nossa vida... sem dúvida...nessa lição... você encontrou a resposta que estava faltando prá que desfrutasse saúde... paz... prosperidade ou quaisquer outras bênçãos... qual foi a resposta que você encontrou aí... irmão? as suas palavras são tão importantes para você... como eram os palavras de Jesus para ele... nós vamos usar as palavras agora fiquemos em pé e vamos fazer uma oração agora bem bonita...meu irmão solte a sua fé... solte a sua capacidade de crer em Deus agora... Oh... Deus vai estender a sua mão agora...

feche os seus olhos e entremos poderosamente na presença de Deus... aleluia... glórias e glória a Jesus... pai... Pai amado... Pai querido... pai poderoso... em o nome de Jesus Cristo muito obrigado... Oh... meu Deus olhe essa multidão que está em sua casa orando... que está adorando o Senhor nesse momento... e Deus nós temos motivos para estarmos assim... alegres... contentes e felizes... por Deus o Senhor nos descortinou hoje a nossa posição... o Senhor abriu os nossos olhos e nós enxergamos que em Cristo nós somos mais que vencedores que em Cristo nós podemos todas as coisas... Oh... Pai de Amor... oh pai de misericórdia... em o nome do Senhor Jesus... manifesta teu poder... manifesta tua força agora... Oh... meu Deus esse povo vai determinar a benção... não há melhor momento do que esse pra você chamar a existência aquilo que não é... o amor foi embora... o amor não chegou... a sua outra metade não foi encontrada ainda... chame-a com amor agora chame-a que ela vai ouvir... nem que esteja do outro lado do mundo... chame agora sua prosperidade... chame aquele filho rebelde... aquela filha rebelde para o lar de amor... aleluia... chame a santidade para o seu coração... a pureza pro seus olhos... chame agora... CHAMA o sentimento santo... porque Deus está dizendo... Deus está falando que aquele que crê em Jesus... faz a mesma coisa... e Ele chamou a existência as coisas que não eram... Ele abençoou os pãezinhos e os peixes esse multiplicaram e uma multidão se alimentou deles... ELE chamou o vinho da ÁGUA... e o vinho da melhor qualidade apareceu... ele chamou a BONANÇA na tempestade e cessou o vento e a tormenta... o amor de Deus ta sobre seu coração agora... pai eu abençôo todos que estão na igreja... eu abençôo aqueles que me assistem por algum canal de televisão... eu abençôo aquele que me assistem por uma fita de vídeo.. de áudio... de Cd ou de algum outro meio de comunicação... a TUA mão está sobre eles e eu abençôo a todos em o nome de Jesus Cristo... em o nome do Senhor Jesus... sejam abençoados e digam Graças a Deus e pra encerrar essa lição... vamos dar para Jesus... uma linda salva de palmas.